

Semana

REVISTA DA

N.º 25 — 21 de junho 58 — Cr\$ 10,00



O SAM
DE A RÚSSIA
BALANÇO

A ELEIÇÃO DE MISS
DISTRITO FEDERAL

A VOLTA AO MUNDO
EM OITENTA DIAS



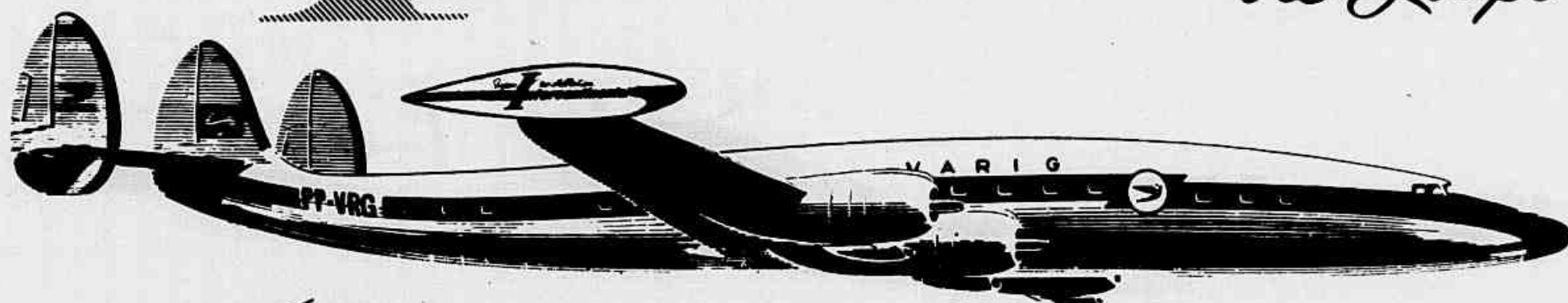
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super Constellation Intercontinental de Luxo



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas «sleeperettes» e um esmerado tratamento a bordo.

Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

Ano 57, N.º 25, Rio, 21-6-1958

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO. Diretor-Comercial: JOFFRE AMADO. Diretor-Secretário: ALUIZIO ALVES. — Rua Visconde de Maranguape n.º 15, Rio. Endereço Telegráfico: «Revista». Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior, Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00.

LEIA:

LEIA:

A CAPA

Millie Perkins

REPORTAGEM

Eleição de Miss Distrito Federal — 4

Morango agora quer «O» — 62/63.

Quatro bairros contam a história do Rio — 44

LITERATURA

Trinta anos de modernismo na Bahia — 11

Um espírito que se achou a si mesmo — 20

INTERNACIONAL

EE. UU. põem URSS na balança — 14

O que acha você de De Gaulle? — 23

CINEMA

Para Marina Vlady o amor é o marido — 39

A volta ao mundo em oitenta dias — 54

NOVELA POLICIAL

O Mistério do Argyado — 26

MODAS

Elegância e bom gosto — 29

TEATRO

O Chapéu de palha de Itália — 33

CONTO

Sete Garfos — 35

SOCIAIS

As Verdades de Mariazinha Maranguape — 48

POLÍTICA

Trapezio — 59

ATUALIDADE

A Semana deixou também estas lembranças — 62

SEÇÕES

Figuras e Fatos — 10

Jockey — 49

Encontro com Chuck — 51

Humor — 58

CRÔNICA

Xinguemos o câncer — 66

IMPORTANTE relatório, organizado por especialistas americanos e divulgado em primeira mão, mostra, às páginas 14 e seguintes, a situação em que se encontram os Estados Unidos, em face das últimas conquistas russas, no setor bélico e no plano das experiências interplanetárias — situação que vem dar uma amostra das possibilidades americanas, diante de uma hipotética conflagração entre as duas grandes potências.



DEZOITO ANOS, olhos verdes, um jeito suave, eis Millie Perkins — a moça da capa — escolhida entre 10 224 candidatas espalhadas por todo o mundo para interpretar, em Hollywood, o papel hoje famoso de Anne Franck — a pequena judia morta num campo de concentração nazista, durante a segunda grande guerra. Depois do extraordinário sucesso do livro e da peça teatral a comovente história é transplantada para o cinema.



CONTATO

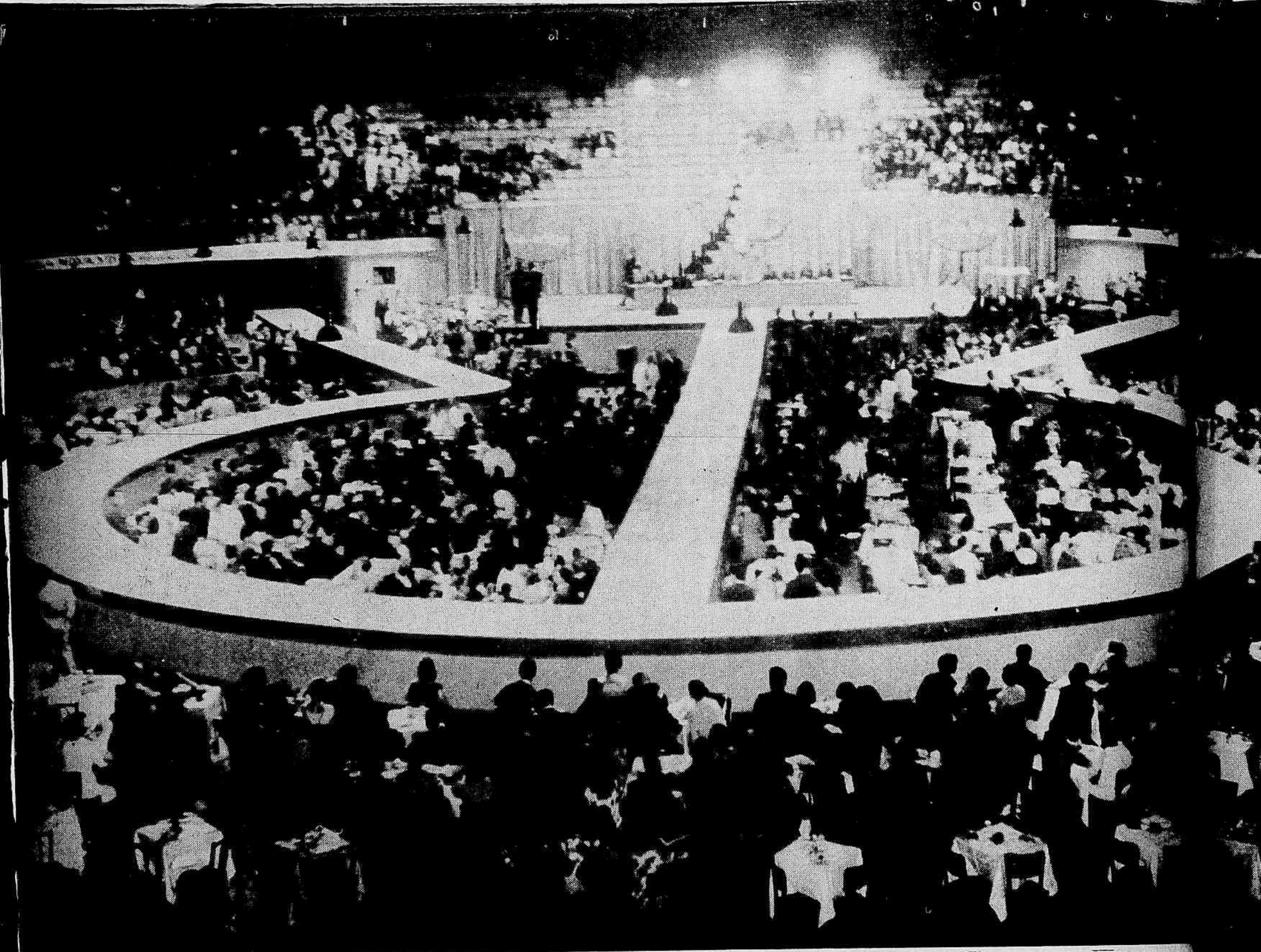
TERMINADO o reinado — rápido mas intenso — dá Terezinha Morango um balanço de suas atividades durante um ano. E depois de prudentes conselhos às candidatas à sua sucessão, termina por fazer a J.K. uma solicitação muito justa: um cargo letra O, de preferência no Catete, pelos benefícios prestados durante o reinado de beleza...

PROSSEGUE a publicação do curiosíssimo conto de Orígenes Lessa — “Sete Garfos” — iniciado no número anterior. O nosso Gargantua lavra, desta vez, um tento sensacional, realizando uma façanha que lhe abre novas e risonhas perspectivas para a sua fome...

CHAMAMOS especialmente a atenção dos leitores para a crônica de última página. Assina-a, hoje, um dos mestres de nossa prosa moderna — Aníbal M. Machado. Embora se apresentando num gênero novo, o contista de “A Morte da Porta Estandarte” revela, na crônica, a mesma jovialidade e espírito que lhe caracterizam as obras de ficção.

PERSONALIDADES francesas — homens de imprensa e de teatro, radicados no Brasil, dão o seu depoimento sobre os últimos acontecimentos da França e respondem a uma pergunta expressiva: “O que acha você de De Gaulle?”

NO “TRAPEZIO”, comenta Osório Nunes a situação nacional, analisando, entre outros assuntos de interesse palpitante, os motivos da amável mas inexpressiva resposta dos americanos à carta de J.K.



Muito bonita a passarela. Eloisa Menezes (Miss D.F. 57) passa a faixa a Adalgisa Colombo. Esta não foi a classificação certa: Fluminense não foi finalista, Aeronáutica (não está na foto) foi a 3.^a, Clube Militar passou para o 4.^o e Vasco desceu para o 5.^o. Tudo errado, como vêem.

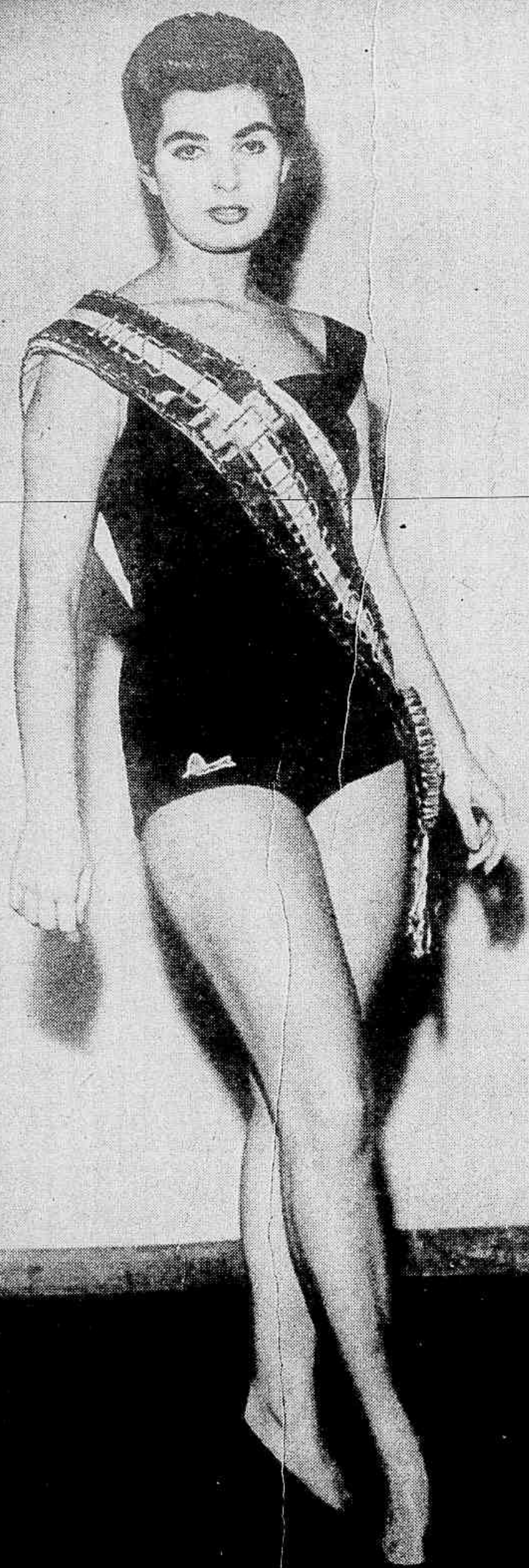


Miss D. F. 58:

VAIAS, CHOROS, CONFUSÕES

Adalgisa Colombo recebeu a vaia com bastante classe. Chorou apenas, mas não perdeu a calma.





Segundo o júri, o maiô foi que decidiu a sorte de Adalgisa Colombo.

Miss Riachuelo, a bela Ivone Richter, era a favorita do público.

ENFRENTANDO uma váia do grande público carioca que desejava ter em Ivone Richter (Miss Riachuelo) a sua representante na maratona do sábado p. passado, Adalgisa Colombo, de 1,69 de altura, 90 de busto, 62 de cintura, 91 de quadris, 52 de coxa, 20 de tornozelos e com 56 quilos, levou para casa, chorando, o título de "Miss Distrito Federal" 1958, o que lhe assegura o direito de novamente pisar a passarela do Maracanãzinho, no dia 21.

Se este ano a imprensa brasileira viu-se livre do inferno de Quitandinha e dos grosseirões da Polícia Especial, não menos intolerantes estiveram os "soldadinhos" do Dr. Negrão de Lima, que se mostraram agressivos até com as senhoras, como aconteceu com uma aparentada da candidata vascaína, Myrna Abi-Saber, que foi arrancada do palco aos trancos e puxões. Certa-

mente o mal deverá ser o mesmo que aflige os rapazes do Morro de Santo Antônio: complexo de autoridade.

Nas arquibancadas, os incidentes também se sucediam. Ver por outra correrias de todos os lados. Um fotógrafo de uma revista que explora o escândalo e o sensacionalismo, foi arrastado para trás do palco e agredido fisicamente, por elementos ligados a organização do concurso. O pai de Avani Maura, foi proibido de entrar nos bastidores para apanhar a maleta com as roupas de sua filha, por um Major que dirigiu o espetáculo. Sim, amigos, o regime militarista também atingiu os concursos de beleza, por incrível que pareça!

A noite de sábado, parece não ter sido das mais felizes, para muitos. O patrocinador, por exemplo, queixava-se que o desfile

CONCURSO

PATROCÍNIO DO



Nem todos do júri entendiam de plástica feminina. Mas alguns ficaram felizes, até de mais, quando as moças desfilaram de raaiô...



Ivone Gonçalves (Miss Aeronáutica) foi prejudicada pelo lamentável engano de classificação. Mereceu o terceiro lugar.



Avani Maura (Miss Clube Militar) impressionou pelo belo vestido com que desfilou. Possui também um bonito corpo.



Os vascaínos não ficaram satisfeitos com a colocação da sua candidata. Mirna Abisaber é de fato uma beleza.



Mirna Abi-Saber (Vasco da Gama), elegância e beleza.



Avani Maura (Clube Militar) desfilou com belo vestido.



Miss Fluminense (Denise Leyraud), muita classe.

MISS DISTRITO FEDERAL - 1958

não foi televisionado conforme os promotores haviam se comprometido, não lhe rendendo portanto, a publicidade que esperava. Um torcedor do Botafogo, esbravejava porque Adalgisa ficou exposta demasiado ao descontentamento do público. "As fotos deveriam ser feitas nos bastidores, sem assistentes" — argumentava. A mãe de Miss Botafogo confessou que tão logo soube do resultado, correu para o camarim, e disse de si para si: "agora tenho que enfrentar as feras". E um espetáculo verdadeiramente triste, desenrolava-se nos bastidores, com agressões de palavras e gestos dirigidos a vencedora, que finalmente nenhuma culpa tinha quanto a classificação obtida. Uma senhorita, muito bem vestida, aliás,

queria dizer horrores e foi contida a custo, por seus familiares. Outras, chegaram a dizer mesmo.

Não vamos discutir aqui, o acerto ou não do "vereditum". Preferimos noticiar os fatos, sem comentar o resultado. Mas uma coisa somos inteiramente contrários: a vaia que o público dirigiu a Adalgisa Colombo. Primeiro porque achamos que deve haver, em tudo, o espírito esportivo. É preciso saber perder, para valorizar as vitórias. Segundo, porque, que culpa cabe a botafoguense, ter sido a vitoriosa? Ao nosso ver se houve erro, a culpa não cabe, nem ao menos aos senhores jurados. Responsáveis são



Vera Viana (Miss Caiçaras) desfilou com um modelo "colher".



Rosana Tapajós foi a moça mais aplaudida quando desfilou de vestido.



Gina Blanco (Miss AABB), muito simpática e graciosa.

PANAMERICANISMO E VISITA DE DULLES

ANTES DA VISITA de Foster Dulles ao Brasil em agosto próximo, terá de ser explicado o significado do seu "conselho" dado aos países cafeeiros latino-americanos. O conselho, na forma de pito escolar, dizia que os países produtores agiam com "mioopia" ao provocarem, eles mesmos, a superprodução. É pena que o sr. Dulles não dê o mesmo pito ao seu governo e ao Congresso dos Estados Unidos, responsáveis os dois pelo fomento da superprodução norte-americana de trigo e algodão. O erro da superprodução no Brasil e na Colômbia se explica melhor do que em países plenamente desenvolvidos como os Estados Unidos e Rússia. Um dos atenuantes, o estágio econômico do Brasil e da Colômbia, faz da economia cafeeira mais rendosa do que outras produções rurais não exportáveis. A superprodução cafeeira — terá que ser dito ao sr. Dulles — tem razões mais profundas, embora represente falta de visão.

Felizmente, as conversações de Foster Dulles no Rio precederão a proposta conferência interamericana em Bogotá ou Lima. Havia o perigo, agora contornado pelo programa de ação brasileiro-americano, das conversas multilaterais de uma conferência diluírem e tornarem inconclusivas as legítimas pretensões brasileiras em Washington.

DE GAULLE APRESENTA AO POVO O PROGRAMA DE GOVERNO

De Gaulle está indo rápido aos seus objetivos. Em discurso à Nação, pelo rádio, voltou a fazer o diagnóstico da crise e a sugerir os remédios. O fortalecimento do Executivo contra as frações partidárias abrandará a forma extremada de parlamentarismo adotada na França e responsável pela alta instabilidade dos governos de gabinete naquele país. Para a crise financeira, o remédio proposto pelo general é um grande empréstimo interno. O acolhimento do empréstimo pelos tomadores dirá melhor do que qualquer plebiscito político, o grau de confiança no regime de emergência instalado pelo general em Paris.

Parece quase impossível, mas o prestígio político do general e a confiança que ele inspira no mundo árabe deram à França a oportunidade extraordinária de poder voltar a negociar com a Tunísia e o Marrocos um *modus vivendi* amigável no norte da África. O último discurso de Bourguiba, da Tunísia, revela a transformação da atmosfera nas relações franco-tunisinhas em consequência da volta do general. Essa transformação em favor da colaboração com a França, vai dificultar a prova de força da

Frente de Libertação Argelina com De Gaulle na Argélia. A FLN rejeitou a idéia da integração por considerá-la obsoleta. Mas a FLN não poderá continuar a prática do terrorismo, sem "legalizar" sua guerra com o Exército Francês na Argélia. A legalização se faria pela constituição de um governo argelino no exílio e será o melhor meio de contornar o problema de alienação de simpatias decorrentes das violências. No plano internacional, o general tem um plano para "salvar a paz". Evidentemente, não poderá dizer muitas novidades quando Foster Dulles lhe fôr ouvir em sua projetada viagem a Paris. O problema fundamental para De Gaulle é impedir o fechamento do "clube atômico" antes da França haver nele ingressado. Como se sabe, os membros do "clube" estão prestes a concordar, em conferência de técnicos no começo do mês que vem, com um sistema de suspensão controlada das experiências atômicas. A proibição se estenderá a todos os países do mundo e não apenas aos membros do clube. É medida de alta sabedoria e sanidade política. Basta imaginar o que fariam certos ditadores irresponsáveis de posse de armas atômicas.

A França, porém, está ameaçada de não ingressar no "clube", isto é, não ter o cartão de ingresso representado pela posse da Bomba, antes da proibição das experiências. E sem experiências não poderá testar sua capacidade futura de fabricar a Bomba A e a Bomba H. Estará excluída do monopólio das armas atômicas. Ficará reduzida a posição secundária nos concílios supremos da paz e da guerra. De Gaulle não se conformará com a hipótese e provavelmente do lado francês virão grandes dificuldades para a obtenção do acordo internacional de suspensão das experiências de modo controlado.

A CONFERÊNCIA VIRÁ

Depois de alguma indecisão por parte da Rússia, parece agora definitivamente assentada a realização da conferência dos "grandes" ainda este ano. Tudo indica que a indecisão soviética era uma decorrência da luta interna entre os "duros" ou seja partidários de uma política externa dura com o Ocidente, e os partidários da "competição pacífica" defendida por Krushev. Parece que Krushev saiu vitorioso mais uma vez e a idéia da conferência adquiriu novo alento. Os recentes gestos de colaboração da diplomacia soviética são indícios promissores para a conferência: Krushev aceitou as conversações técnicas sobre a suspensão controlada das experiências atô-

micas, propôs negócios com os Estados Unidos numa base correta; aceitou a iniciativa americana para a redação de um tratado destinado a evitar rivalidades sobre a Antártica.

MACMILLAN EM WASHINGTON

A visita de MacMillan a Washington destinada a consolidar a frente ocidental, influenciou na aprovação da lei de reciprocidade comercial no Congresso americano. A lei era essencial ao prestígio internacional dos Estados Unidos face às condições criadas pela recessão americana e pela ofensiva comercial e econômica da União Soviética. A lei autoriza o presidente dos Estados Unidos a reduzir até de vinte por cento as tarifas alfandegárias norte-americanas.

CONSELHO DE SEGURANÇA IRRITA NASSER

Os meios políticos do Cairo estão profundamente irritados com a fórmula aprovada pelo Conselho de Segurança para estabilizar a crise no Líbano. A moção sueca, criando uma comissão da ONU para estudar a situação, foi aprovada inclusive sem oposição da União Soviética, que se absteve de vetá-la.

O problema central continua sendo: qualquer futura rutura de equilíbrio de poder no Oriente Médio, com a passagem de um país de um bloco para outro bloco, provocará uma intervenção militar ostensiva ou indireta, com risco de guerra, dos Estados Unidos ou da Rússia? No momento, a tensão no Oriente Médio está sensivelmente reduzida e aquela região estaria calma, depois de muitos meses de agitação política, se não recrudescesse o terrorismo em Chipre, agora apoiado por Nasser depois da visita de Macários ao Cairo. O plano britânico para a solução da crise de Chipre não agradará provavelmente a Macários e a Turquia. Poderá ser aceito pela Grécia.

SALAZAR PERDE PRESTÍGIO

Os resultados eleitorais em Portugal revelam substancial perda de prestígio de Oliveira Salazar. O ditador português envelece sem ter resolvido o problema de sua substituição democrática, pacífica e ordeira. Portugal está ameaçado de um período de violências, com o eventual afastamento de Salazar.



Vavá.

O BRASIL TRANSPÕE O PRIMEIRO OBSTÁCULO

DEIXANDO O PAÍS com o crédito bastante abalado, seja porque não evidenciara condições para a jornada séria a enfrentar, seja por causa das decepções anteriores, a seleção brasileira de futebol está na Suécia, atraindo as atenções gerais destas bandas.

As suas exibições na Itália, traduzidas por vitórias amplas contra o Fiorentina e o Internazionale, fizeram renascer as esperanças de sucesso, que depois aumentaram por ocasião do triunfo no primeiro encontro da "Copa", onde os nossos sobrepujaram a equipe da Austria.

Não obstante o resultado favorável, o trabalho da ofensiva não agradou aos componentes da Comissão Técnica que, na partida seguinte, contra a Inglaterra, fizeram entrar Vavá no lugar de Dida. Entretanto, não se verificou a maior agressividade, esperada com a inclusão do "player" vascaíno e o escore terminou em branco, evidenciando a incapacidade do ataque romper o sistema defensivo contrário.

E' forçoso reconhecer que o empate com a Inglaterra não significou um mau resultado, em se tratando de uma equipe altamente categorizada; deixando claro, por outro lado, o ponto alto em que se constituiu a defesa brasileira.

Velo, então, o terceiro jogo, decisivo, contra a forte seleção da Rússia. E o "team" brasileiro desempenhou-se esplendidamente, classificando-se para as quartas de finais e deixando crescer as esperanças de que poderemos ser campeões.

As experiências anteriores e as observações que foram apontadas quanto ao rendimento do ataque, levaram os técnicos a novas substituições, formando o quinteto: Garrincha, Didi, Vavá, Pelê e Zagalo. E a inclusão de Garrincha — numa tarde de rara felicidade — trouxe justamente maior entusiasmo e maior mobilidade. Assim, o "team" brasileiro pôde dominar o forte adversário: a defesa mantêve incólume o "goal" de Gilmar e Vavá acertou dois pontos no lado oposto, marcando uma vitória que sempre será lembrada na história do nosso futebol.

MISS DISTRITO FEDERAL - 1958

aquêles, que não sabem escolher os homens e mulheres que vão decidir a sorte das moças que pisam na passarela, com a melhor boa fé. Por acaso entende de plástica e beleza feminina, um gerente de jornal que lida apenas com folhas de pagamento, duplicatas, promissórias, e outros assuntos burocráticos? Pode ser igualmente considerado um "expert" no assunto, um homem cuja única função é dirigir uma empresa jornalística? E o que dizer do Secretário do Prefeito, que devia se sentir da mesma maneira que um peixe fora d'água? Acaso deve ser sempre consciente e certo, o voto de uma pessoa, pelo simples fato de ser diretor social de um elegante clube? E onde estão os famosos fotógrafos de mulheres, os empresários teatrais (um Walter Pinto, por exemplo), os escultores (não apenas um professor qualquer, das Belas Artes), os poetas (realmente poetas), os que entendem de mulheres, enfim? Ao invés disso, prefere-se dar lugar a três representantes dos organizadores (que não deviam, de maneira alguma, participar do júri), homenagear o Dr. Negrão, colocar "testas de ferro" dos patrocinadores. Para não falar da reunião dos juizes por trás das cortinas, após as notas individuais, nas vistas do público, e onde os de menos personalidade ou os chamados mais fracos, podem ser convencidos pelos que se consideram "Papas" do riscado.

É preciso, e urgentemente, modificar os métodos e critérios. Por que os pontos não são somados com máquinas, ali mesmo no palco, a vista do público, (a exemplo de Long Beach) e sem aquela "conferência" onde podem acontecer coisas, que só Deus sabe? Por que, para dar seriedade, confiança e insuspeição, no "veredictum" não se alija do júri, elementos ligados a direção dos organizadores e patrocinadores? Por que também não se acaba com honrarias, rejeitando para juizes, nomes e cargos pomposos, em favor daqueles que *realmente* entendem e podem decidir com justiça? Concurso de beleza é coisa séria, pelo menos entendemos assim. Portanto só os capazes devem ser convidados *para julgar*. Deve haver, no mínimo, um manto de confiança. De outra forma, como vimos no dia 14, algumas candidatas já pisam na passarela, completamente vencidas.

Mas, as coisas não estão erradas somente neste ponto. Viram vocês que absurdo, que irresponsabilidade enfim, daqueles que "organizam" o concurso? Depois de uma espera tremenda, anunciaram o resultado: 1º lugar, Adalgisa Colombo (Botafogo); 2º, Ivone Richter (Riachuelo); 3º, Avani Maura (Clube Militar); 4º, Mirna Abi-Saber (Vasco); 5º, Denise Leyraud (Fluminense). E assim foram fotografadas, filmadas, e noticiadas por quase todos os matutinos do domingo, baseados nas informações telefônicas dos seus repórteres. Depois veio o zum-zum de um "ligeiro" engano... Comentado nos corredores, baixinho, sem que os responsáveis tivessem a coragem de retificar de público, ao microfone: Denise Leyraud não tinha sido finalista; a bela Ivone Gonçalves (Miss Aeronáutica) havia sido a 3ª classificada; para o 4º descia Avani Maura e no 5º lugar colocava-se a candidata do Vasco da Gama. O resultado, é que a representante da Aeronáutica, foi grandemente prejudicada, pois não apareceu em nenhuma fotografia das vitoriosas, em conjunto.

Sábado próximo teremos a escolha de Miss Brasil, no mesmo Maracanzinho, felizmente. Vamos ver se aprendem desta vez os que manobram com a festa. O "errar é humano", diz o velho refrão. Persistir no erro, é melhor nem dizer o que é, comentamos nós. Esperamos (certos ou errados, acreditamos na reabilitação de qualquer pessoa ou grupo) que as falhas sejam corrigidas. Que os juizes sejam de fato juizes. Que o organizador seja para organizar, e o patrocinador, para patrocinar, APENAS. Que não hajam reuniões secretas, dos jurados, por trás das cortinas. Que os pontos sejam somados à máquina, às claras, na frente do público. Que o resultado somente seja anunciado, quando for DE FATO, o resultado. Que polícia ("soldadinhos" do Dr. Negrão, ou não) seja orientada no sentido de agir com educação. Que não caia enfim, no descrédito e desprestígio, uma promoção tão bonita quanto esta de "Miss Brasil".

Porque se agirem com cuidado e seriedade, ninguém vai acreditar em descontentes, como aquele popular que sábado passado taxou o concurso de Miss Distrito Federal 1958, como uma autêntica, "Marmelada Colombo"...

8

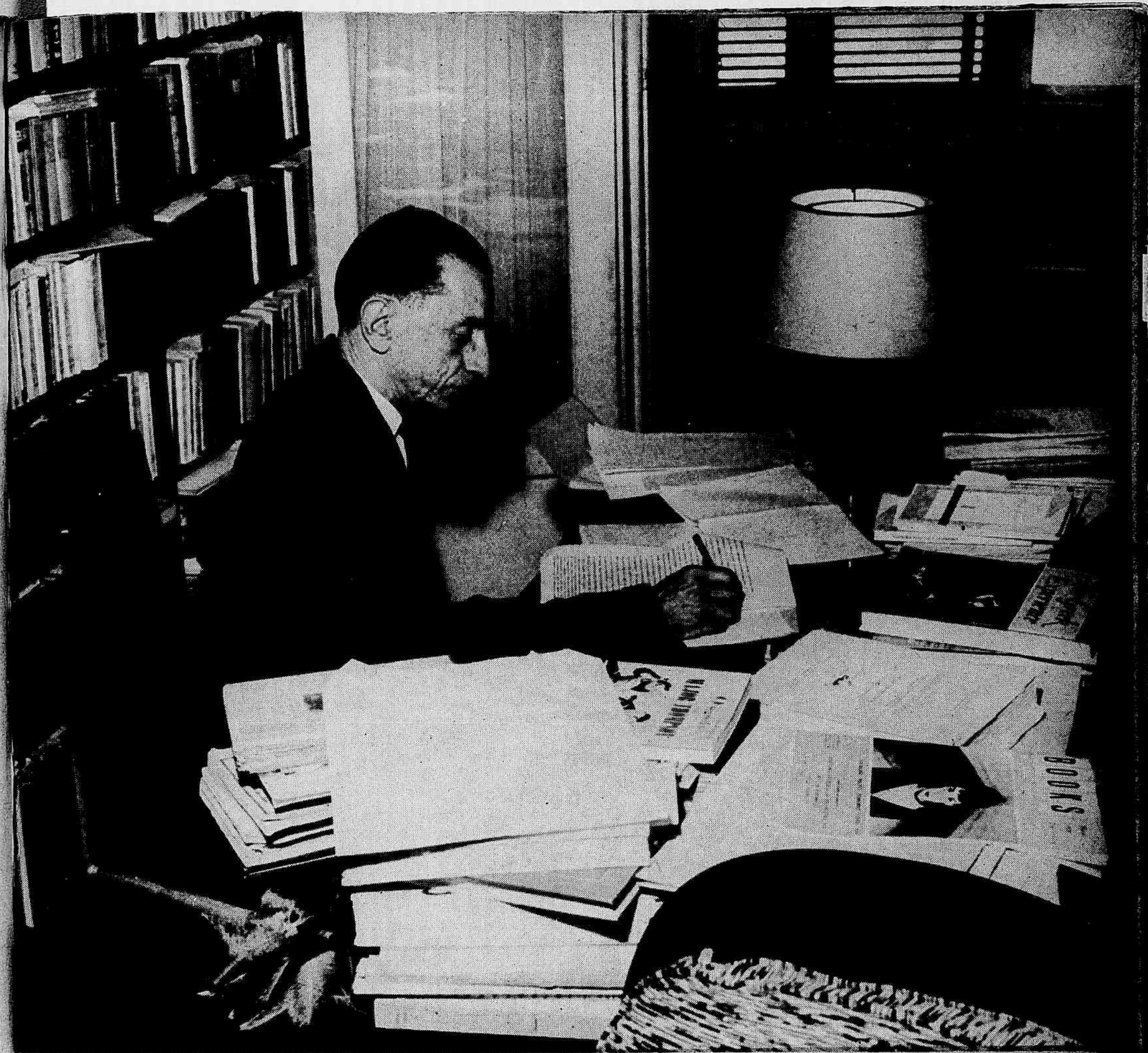
ão
or
gé-
li-
ser
uja
zer
ira
e e
so-
de
(o),
Ar-
res,
tes
ici-
ro"
por
ico,
cos,
ris-

os.
no
nela
be?
idi-
rga-
com
em
jus-
as-
yar.
ma,
ssa-

ram
que
nun-
2°;
4°;
E
odos
dos
nga-
nsá-
one:
lves
escia
da
foi
ogra-

Ma-
z os
o re-
amos
ação
Que
orga-
ajam
pon-
lico.
ATO,
não)
caia
onita

acre-
ssado
utên-



COM A PALAVRA EUGÊNIO GOMES:

TRINTA ANOS DE MODERNISMO NA BAHIA



EUGÊNIO GOMES : O Brasil precisa "descobrir" Carvalho Filho.



TRINTA ANOS se passaram desde que o movimento modernista abalou o Parnaso da Bahia — quando os velhos poetas se assustaram diante daquela invasão de jovens a escreverem versos sem métrica nem rima... Entretanto, isso aconteceu em 1928 — seis anos depois da "Semana de Arte Moderna" de São Paulo...

Nessa época, juntamente com tantos outros, estreou José Luis de Carvalho Filho, que, no dia 11 de junho, completou 50 anos. O ciclo de sua poesia corresponde ao ciclo da moderna literatura baiana. Mas, enquanto muitos dos seus companheiros vieram para o Rio e projetaram-se no cenário nacional, ele permaneceu na velha terra, cumprindo o mesmo destino de escrever, quase ignorado do resto do Brasil.

Agora deixemos que um baiano fale, apresente o seu depoimento, diga aos leitores quem é Carvalho Filho e conte a história do modernismo na terra de Castro Alves.

Com a palavra, Eugênio Gomes.

BALUARTE ACADÊMICO

— Carvalho Filho é um poeta que o Brasil precisa conhecer melhor. Sua evolução poética foi uma linha sempre ascensional, culminando em seu cinquentenário que agora se celebra com justo regozijo na Bahia. E a verdade é que sua obra já lhe assegura um lugar excepcional entre os poetas contemporâneos.

Engênio Gomes passa, então, a contar a história do modernismo na Bahia:

— Essa história ainda não foi sequer esboçada e é difícil resumi-la em poucas palavras. A Bahia era um dos baluartes quase inexpugnáveis do academismo ou simplesmente do classicismo, de cujo predomínio local já Castro Alves se queixava em 1864. O movimento desencadeado com a Semana de Arte Moderna de São Paulo não teve maior repercussão ali, salvo por alguns de seus aspectos que deram motivo a comentários chistosos. Com a voga do futurismo, por exemplo, passou a ser chamado de "Marinetti" um novo tipo de ônibus que começou a circular em Salvador, na ocasião. Mas, quando Godofredo Filho, ainda muito jovem, teve os seus primeiros poemas de feição moderna publicados com destaque em "A Tarde", refletindo o que se fazia de mais chocante no sul do país, isto causou certo espanto e, em consequência, as reações mais desconcertantes...

LITERATURA NOS CAFÉS

Engênio Gomes recorda os tempos de sua mocidade. Num apartamento de Copacabana, cenas, costumes e personagens da velha Bahia são revividos pelo ensaísta de "Espelho contra Espelho":

— Só mesmo em 1928 é que o modernismo tomou feição de um movimento no meio baiano, através de dois grupos: um, liderado por Pinheiro Viegas, com Jorge Amado, Edison Carneiro, Alves Ribeiro e alguns mais; e, outro, tendo à frente Hélio Simões, Carvalho Filho, Eurico Alves. Chiacchio mantinha, nessa época, um rodapé semanal em "A Tarde" — o que dava grande cobertura ao grupo. Neste me filiei desde o começo, passando a incentivar também o movimento com artigos que publicava regularmente em "O Imparcial". Em agosto daquele ano, surgiu o primeiro livro de poemas modernos publicado na Bahia — o meu "Moema", vindo logo em seguida "Rondas", de Carvalho Filho, ambos bem acolhidos pela crítica. Mais tarde, ainda em 1928, apareceu a revista "Arco e Flecha" em cujos números se encontram sinais bastante expressivos do que foi o movimento pela renovação das letras na Bahia desse tempo.

E o escritor acrescenta:

— Os componentes desse grupo reuniam-se em toda a parte, mas principalmente em dois cafés nas imediações da praça do Palácio: o "Café das Meninas" e o bar "Fim do Século". Numa dessas ocasiões é que conheci Carvalho Filho, que se fazia acompanhar de Damasceno Filho, creio que justamente quando ele foi apresentado a Chiacchio.

REVELAÇÃO DO POETA

— O poeta de "Rondas" foi uma verdadeira revelação naquela hora em que se endava à cata de valores autênticos na Bahia. Carvalho Filho apareceu, por assim dizer, já armado para a luta, com um gênero de poesia diferente de tudo o que se fazia então em nossa terra. E o fato de surgirem, quase ao mesmo tempo, os

Magnifique!



... o 4º pavimento
é realmente magnífico!

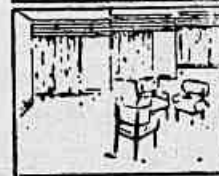
O Magazine Mesbla orgulha-se de anunciar
a inauguração dos seus novos e completos departamentos.
Ambiente luxuoso, instalações moderníssimas...
um andar inteiro dedicado ao bom-gosto da mulher carioca.
Ao visitá-lo, na certa, V. S.^a ficará encantada!

Grand Salon



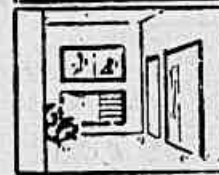
A moda de amanhã... Cópias das
últimas criações dos mais famo-
sos costureiros da França e Itália.

Petit Salon



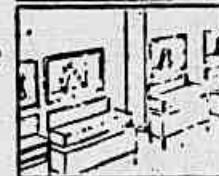
No "Petit Salon" V. S.^a encontrará
tailleurs e vestidos de acordo com
as últimas criações da moda... por
preços acessíveis.

Maternité



Tudo para a futura mamãe... Na-
turalmente, tudo do mais fino-
gosto!

Lingerie



Uma coleção da mais "chic" lin-
gerie. As últimas novidades reu-
nidas num departamento especia-
lizado.

Landucci • Calçados Finos



Sapatos da nova linha. Modelagem
italiana, tipo e formas especia-
lmente fabricados. Cópias de au-
tênticos modelos de Roma, Milão
e Paris.

MAGAZINE

Mesbla

PANAIR está na moda... traz a moda de Paris!

Ontem em Paris, hoje no Rio pelo

PANAIR DO BRASIL

novos livros de estréia, longe de indispor-nos um com o outro, parece ter contribuído para solidificar ainda mais a nossa camaradagem, logo transformada numa amizade sólida.

E enquanto apanha, numa pasta de artigos, um em que trata da poesia de Carvalho Filho, Eugênio Gomes comenta:

— Escrevendo, em 1934, sobre Carvalho Filho, a propósito do conflito que se estabeleceu naturalmente entre o poeta e o meio baiano, devido à qualidade realmente original e portanto complexa de sua poesia, indagava eu: "Qual dêles dois deverá ceder? O poeta que é portador de uma mensagem nova e que se obstina em transmiti-la sem deturpações bizantinas, ou o meio que recalitra em não admitir vozes estranhas ao câo geral?". Anteci-

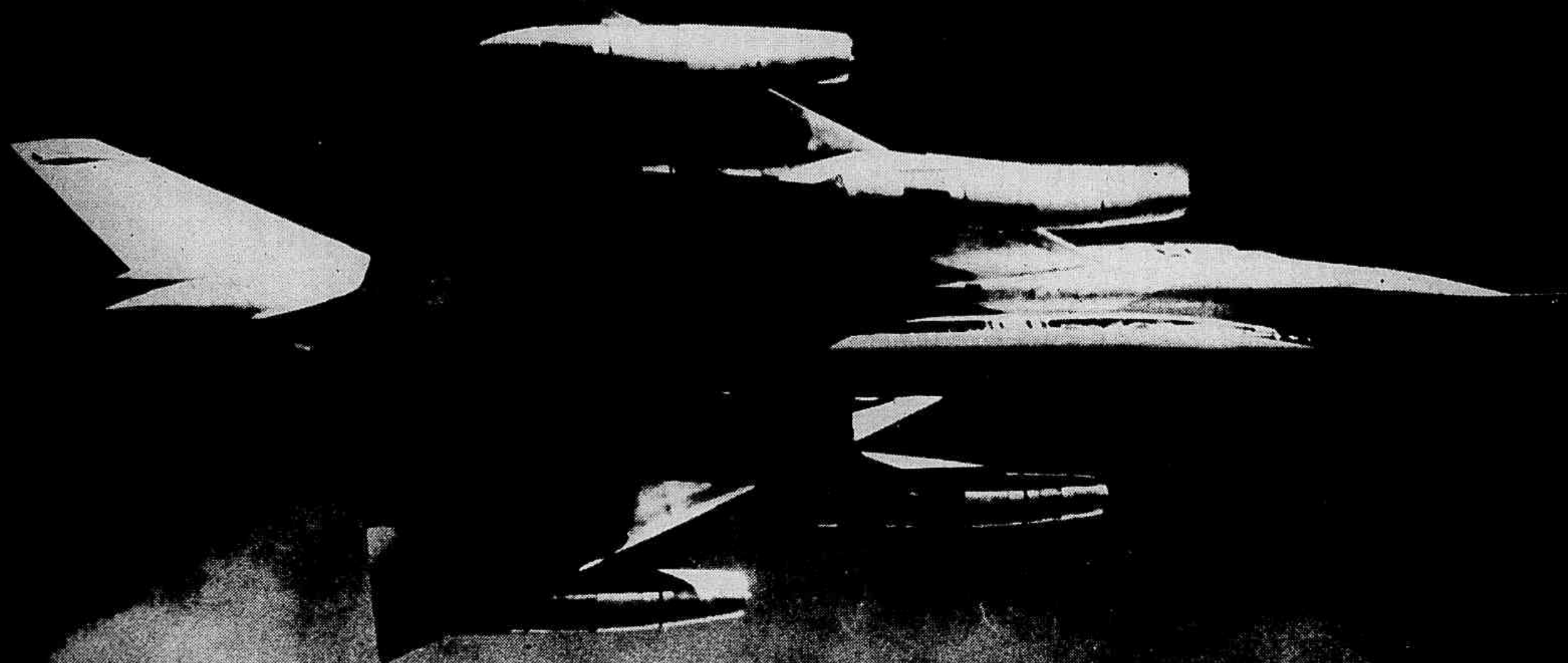
pando-me à solução desse antagonismo, acrescentava: "O conflito é desproporcionado. Carvalho Filho resistirá, contudo, à imbecilidade acadêmica a que o meio obriga. Ele trabalha corajosamente numa dimensão nova, na poesia. E está aparelhado para esse afã por um espírito providencialmente a salvo de preconceitos estéticos caturras".

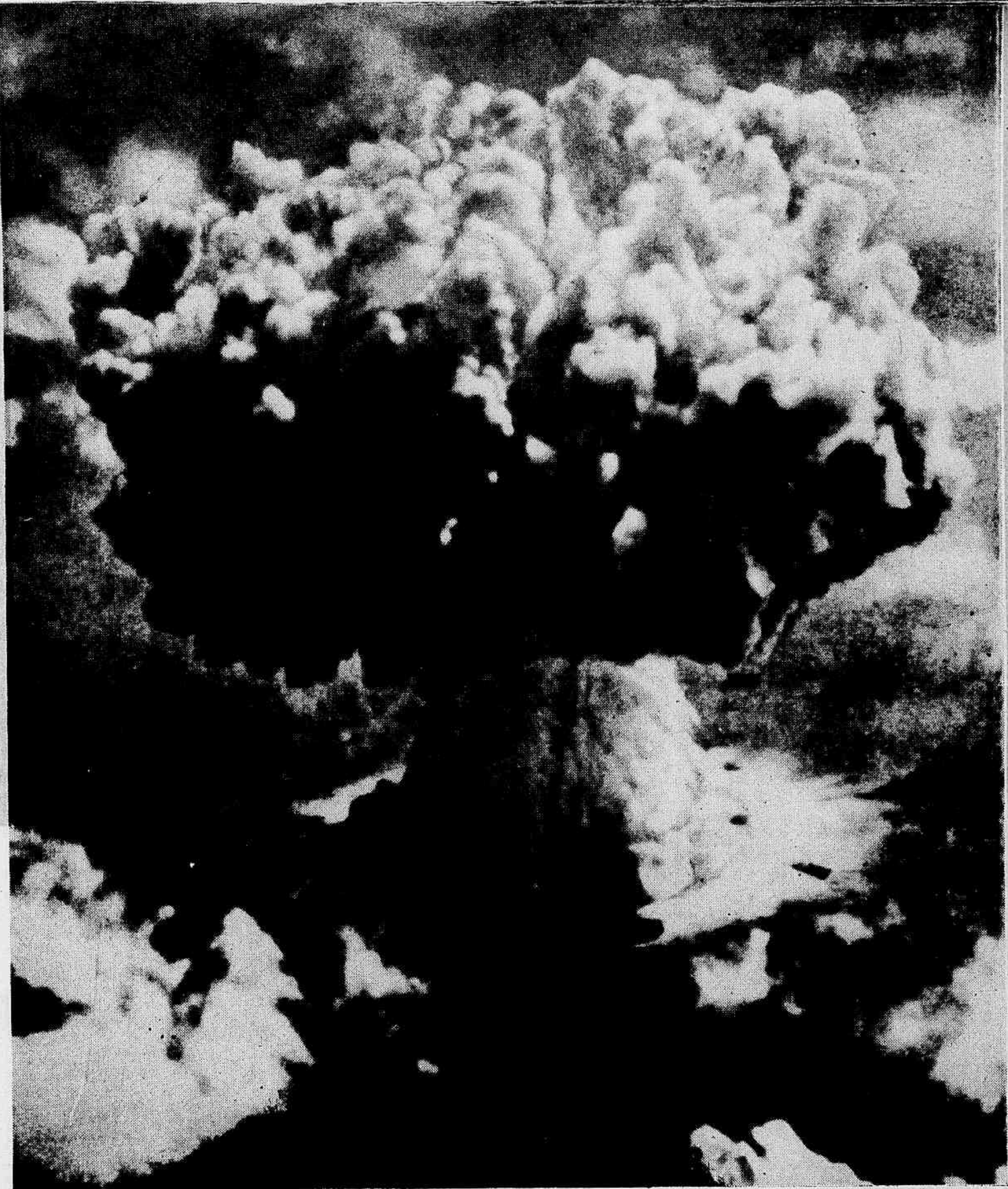
E Eugênio Gomes conclui:

— Os tempos confirmaram a minha previsão em toda a linha, porque — quase vinte e cinco anos volvidos — o que se verifica hoje é que o poeta baiano não cedeu um passo em sua luminosa trajetória. Mas, sua índole esquiva jamais quis mobilizar em proveito pessoal as trombetas da consagração.

USA PÕEM URSS NA BALANÇA

4160 QUILOMETROS POR HORA — Resposta americana ao Mig russo.





O FIEL DA BALANÇA.

MAURÍCIO CAMINHA DE LACERDA

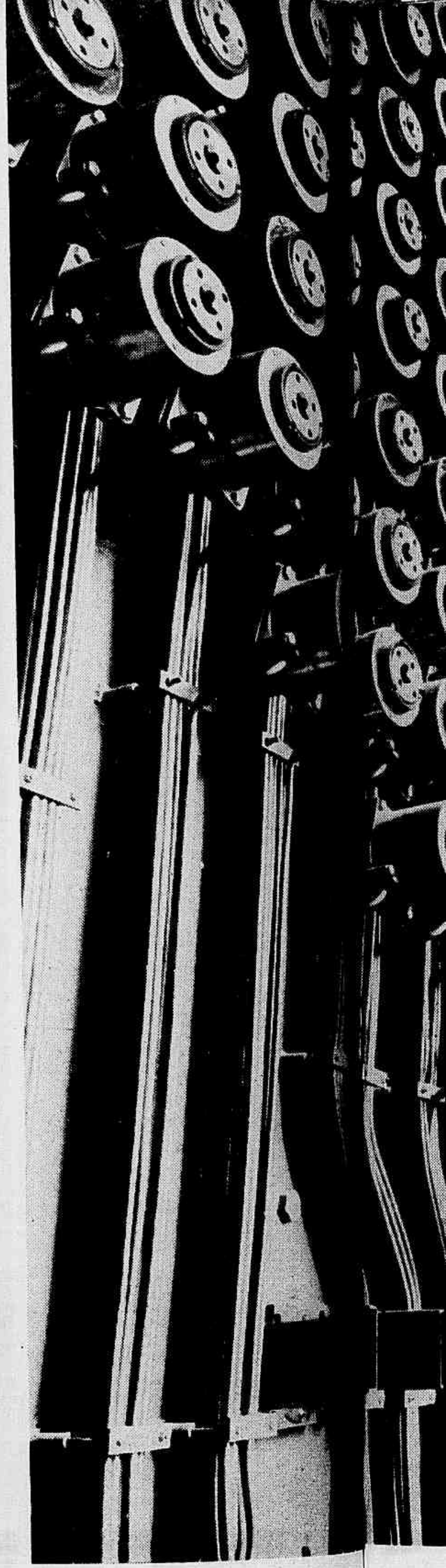
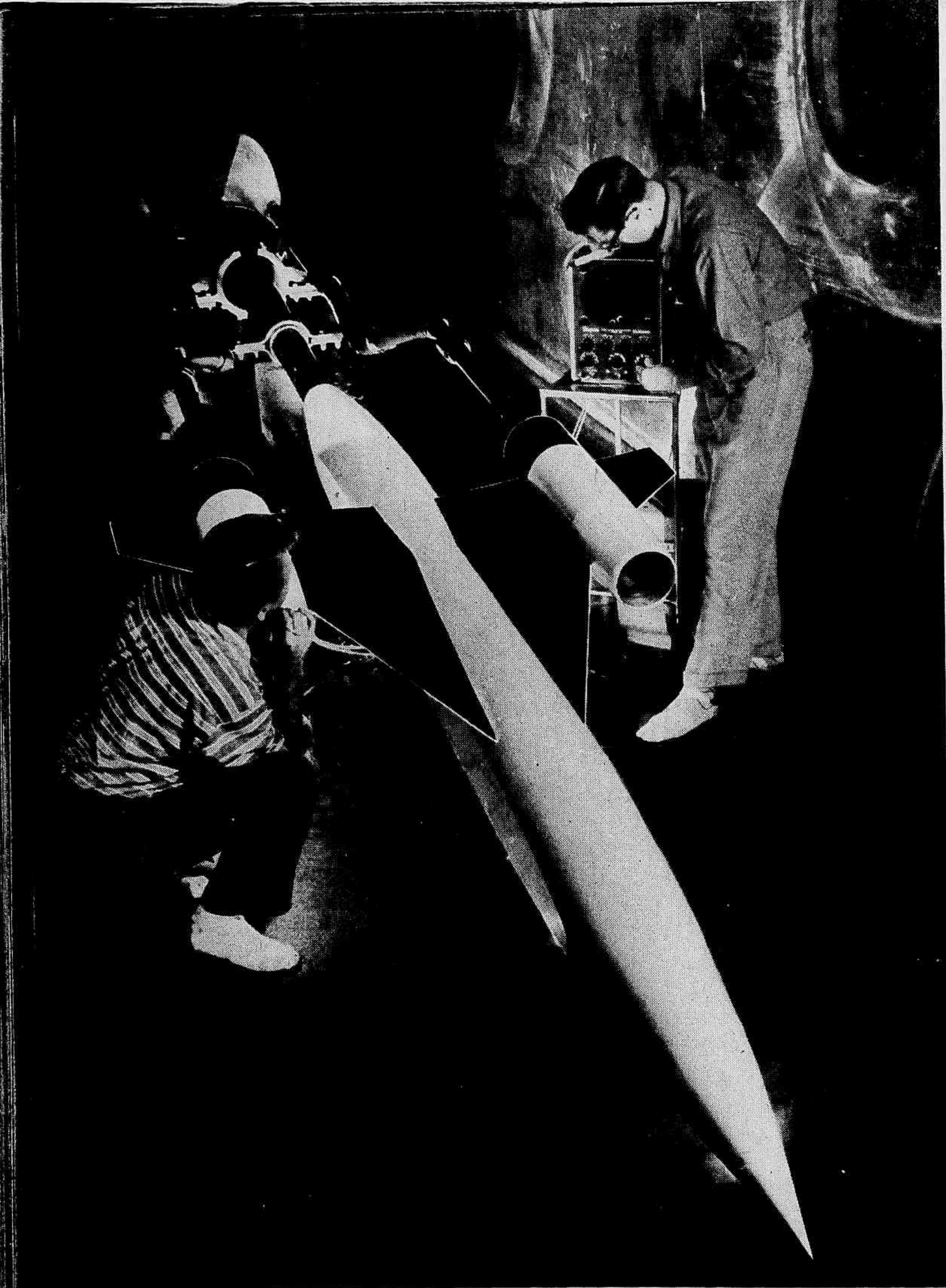
SE A GUERRA entre os Estados Unidos e a União Soviética estourasse daqui a cinco minutos, poderiam os norte-americanos resistir com sucesso ao primeiro impacto? A pergunta flutua no ar em todos os meridianos. REVISTA DA SEMANA (que já apresentou um apanhado da força bélica da URSS) divulga hoje a esse respeito, em primeira mão no Brasil, os principais trechos do relatório organizado por especialistas militares e técnicos civis dos Estados Unidos, o relatório foi mantido em sigilo até o início do corrente ano. Trata-se de um documento significativo — e muito franco —, intitulado “Segurança Internacional — o Aspecto Militar”. Nêle colaboraram, entre outros: generais Lucius D. Clay, um dos mais competentes dirigentes do Exército americano; Frederick L. Anderson, ex-representante especial dos EEUU. na Europa; James McCormak, vice-presidente do Instituto de Tecnologia de Massachussets; coronel George A. Lincoln, da Academia Militar; srs. Gordon E. Dean, ex-presidente da Comissão de Energia Atômica; Adolf Berle Júnior, antigo embaixador no Brasil; Crestes Bowles, ex-embaixador na Índia; Arthur F. Burns, presidente da Junta Nacional de Pesquisas, Charles M. Spofford, que foi representante norte-americano na Organização do Tratado do Atlântico Norte; Robert B. Anderson, depois secretário do Te-

souro; Nelson Rockefeller, ex-secretário de Estado para Assuntos Latino-Americanos, e James R. Killian Jr., este, assistente especial do presidente Eisenhower.

Um trecho: “Ao nosso ver, nem tudo vai bem na execução da política de segurança dos Estados Unidos. Vamos rapidamente perdendo a liderança na corrida da técnica militar. Estamos convencidos de que providências devem ser adotadas desde já”.

USA VÊEM URSS

“Desde a 2.^a grande guerra mundial”, ressalta o documento, “os Estados Unidos tenderam a subestimar a técnica militar da União Soviética. Quando a URSS produziu o seu primeiro bombardeiro de grande autonomia de voo, acalmamo-nos com a idéia de que o avião não passava de uma cópia do nosso B-29. Quando ela apresentou seus aviões a jacto, fomos levados a acreditar em meras reproduções dos aviões britânicos. Quando o nosso monopólio nuclear terminou, olhamos a coisa mais como reflexo de uma falha no nosso sistema de segurança contra a espionagem, do que como indicação de que deveríamos revisar com urgência os nossos próprios métodos tecnológicos.



NOVO MODELO SUPERSONICO — Cientistas ocidentais depositam muitas esperanças nêle.

ESTAÇÃO NUCLEAR — Guerra

Com o tempo, a União Soviética provou que seu progresso militar logo depois da guerra estava bem longe de ser acidental. Hoje, a ciência soviética é pelo menos igual à nossa em muitos setores de considerável importância estratégica. No campo militar, a Rússia vai aumentando o seu poderio, a sua técnica, num ritmo que já supera o dos Estados Unidos.

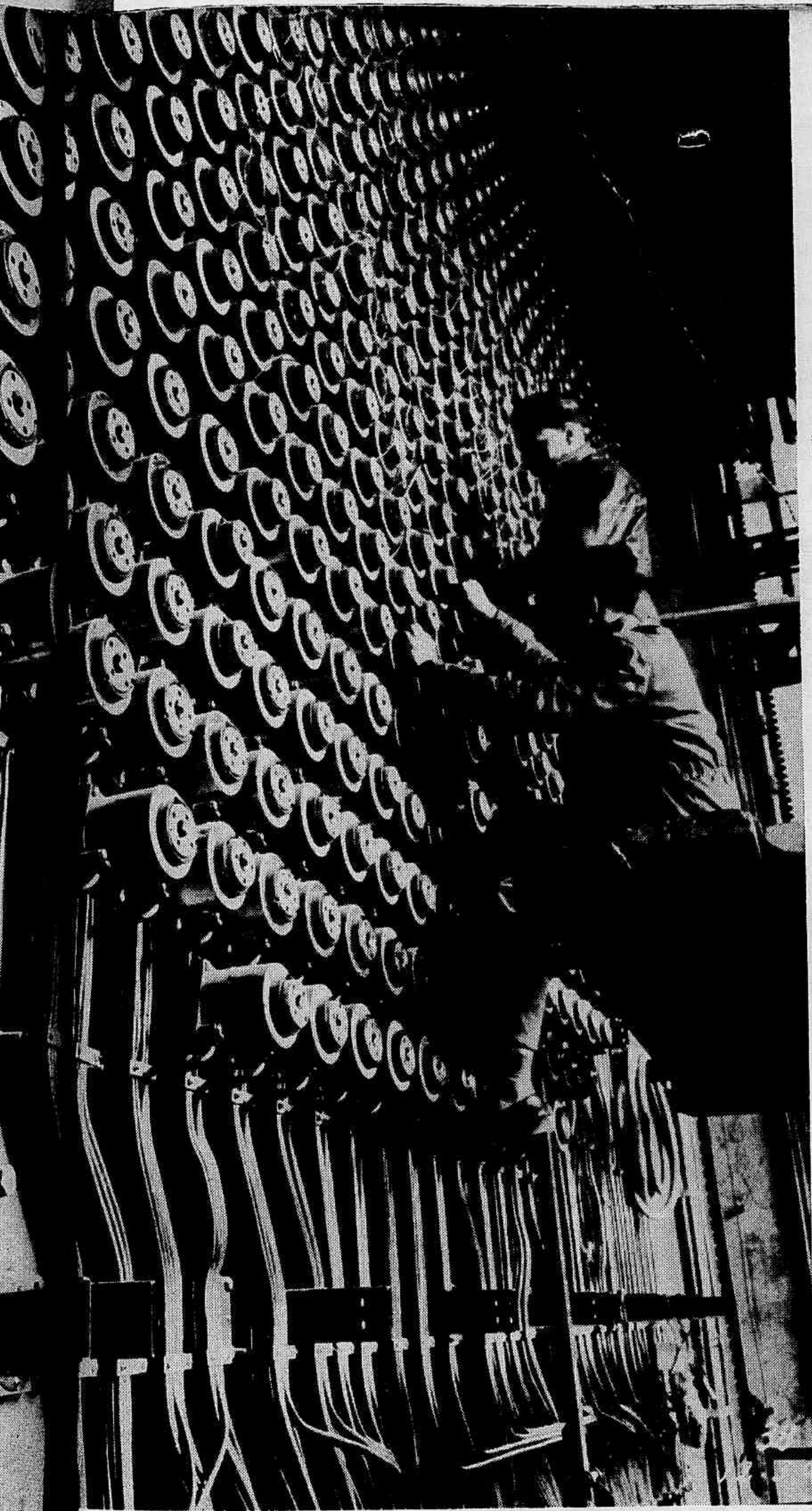
Se não reconsiderarmos as nossas próprias deficiências, o mundo livre ficará em situação de inferioridade”.

RUSSOS TOCAM PARA A FRENTE

Segundo o relatório-estudo, nos últimos dez anos a URSS não só detém a maior força aérea do mundo, como a tem progressiva e celeremente reequipado com novos e modernos aparelhos. “A URSS produz agora aviões tão bons quanto os nossos — e cada vez

em maior número. Sobretudo, os soviéticos demonstram sua capacidade de produção de equipamento eletrônico. O programa militar soviético concedeu alta prioridade aos foguetes teleguiados e demais engenhos balísticos. Graças a isso, dispõe a URSS de um míssil capaz de atingir o Japão e com ele equipou a maioria das bases comunistas na Europa Oriental. Espera-se para breve a produção em larga escala na URSS, de foguetes intercontinentais russos”.

E quanto ao armamento atômico? Afirma o documento: “Ao que se sabe, até o presente, o estoque soviético de armamento nuclear não é inferior ao dos Estados Unidos. Ademais, ele aumenta impressionantemente. Um sério ataque atômico russo contra os Estados Unidos é hoje possível; e dentro de poucos anos, a URSS poderá desfechar ataques aéreos maciços com foguetes a qualquer parte do mundo não-comunista. Em resumo: o poderio mi-



Guerra

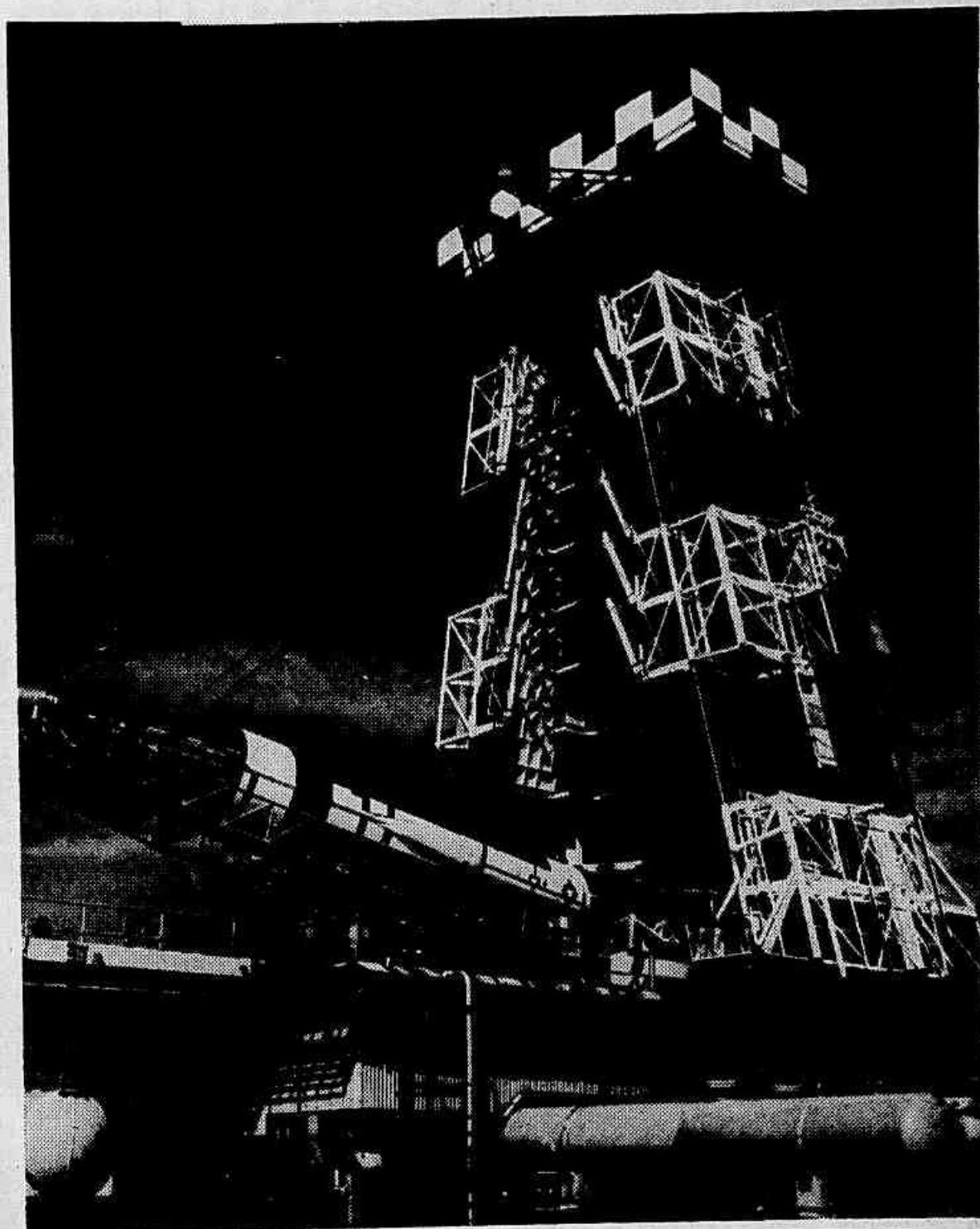
por trás de painéis.

litar russo constitui, a esta altura, enorme ameaça ao mundo ocidental". Isso, evidente, se a guerra explodir...

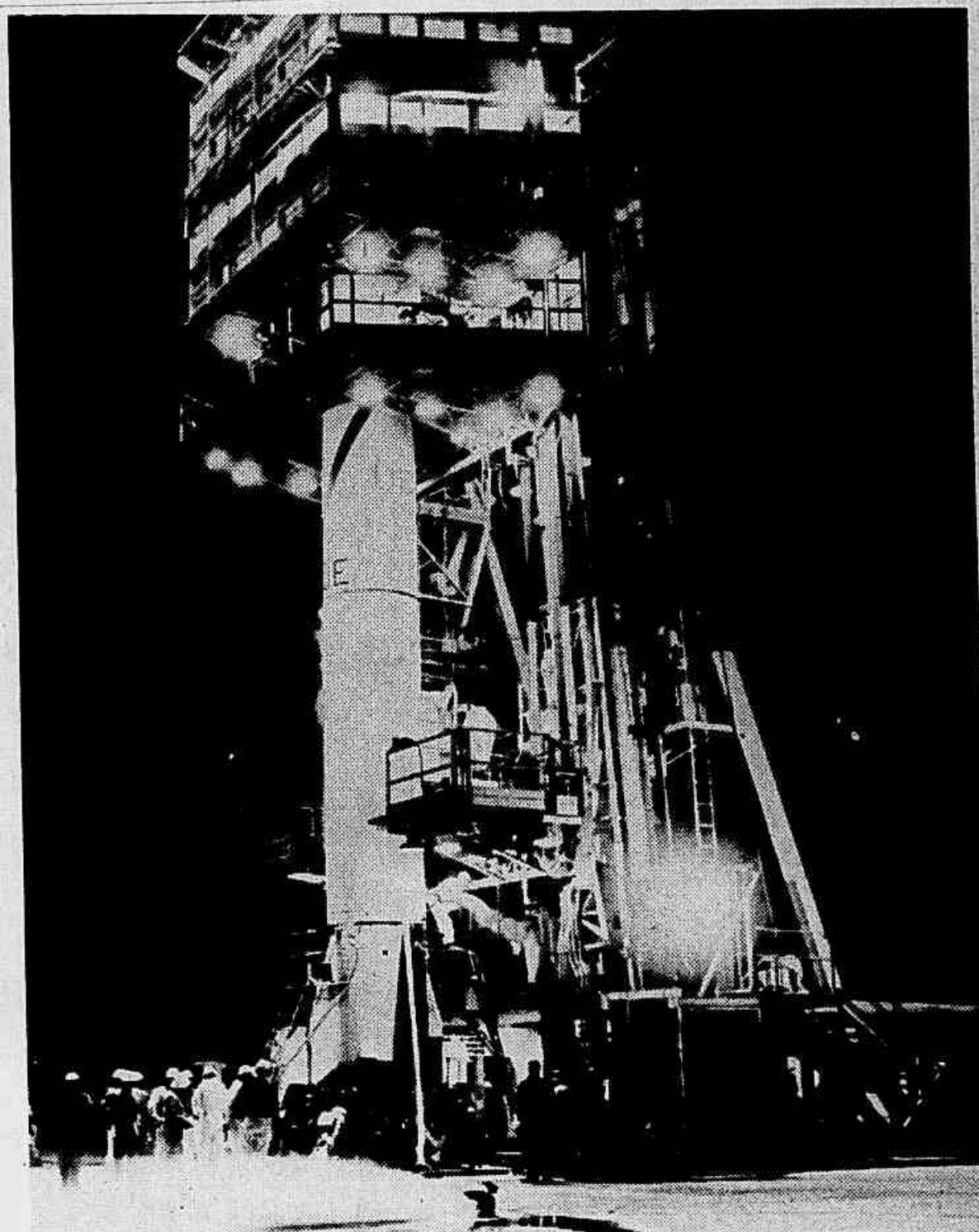
ITENS PRÓ-SOVIÉTICOS

Damos abaixo um resumo dos itens que o relatório aponta como favorecendo aos russos:

1 — As forças terrestres soviéticas, muito mais numerosas que a dos USA, estão sendo reorganizadas e reequipadas para a guerra atômica. Novos foguetes e engenhos teleguiados, podendo transportar explosivos nucleares, foram acrescentados ultimamente ao seu poderio militar. Tipos inéditos de tanques, de artilharia e armamento leve dão à URSS grande capacidade ofensiva em matéria de guerra tradicional (sem átomo). Cumprindo não esquecer a imensa reserva humana que a URSS está apta a prontamente mobilizar.



JÚPITER C — Este levou o satélite norte-americano. Mas pode transportar também a Bomba H.



FOGUETES INTERCONTINENTAIS — A próxima guerra será um desafio de balística.

COMO REAGIRÃO OS ESTADOS UNIDOS DIANTE DE UMA GUERRA COM A RÚSSIA ?

2 — Aviação. Forças mais ou menos equilibradas. O relatório considera que a balança pode pender para o lado russo dentro de dois anos "se os EEUU. se descuidarem desse setor".

3 — A URSS possui a segunda maior esquadra de batalha do mundo, e prossegue lançando ao mar numerosos navios. Exceto porta-aviões, sua esquadra supera a esquadra americana. Até há pouco, a União Soviética já contava com cerca de 400 submarinos em serviço, ou seja, número bem mais expressivo do que toda a frota alme de U-Boats, que castigou tão duramente os Aliados durante a segunda grande guerra.

4 — "A URSS tem recursos para desenvolver de modo notável sua produção de barcos atômicos e adaptar navios de superfície e submarinos para lançamento de foguetes médios e leves nas costas dos USA".

5 — A importância dessa ameaça torna-se clara sabendo-se que de 42 a 50 das maiores cidades americanas e 85% de sua indústria localizam-se numa faixa de 500 milhas costeiras. "Os submarinos armados com foguetes constituem a réplica dos soviéticos à rede americana de bases aéreas no exterior".

6 — "O sistema defensivo soviético é excelente e dispõe de uma boa rede de radar, auxiliada por um enxame de aviões interceptadores, na maioria supersônicos. Foguetes de alta velocidade, disparados de terra, formam os alicerces desse sistema de defesa".

ITENS PRÓ-AMERICANOS

Comparados com a URSS, com que vantagens conta *agora* os Estados Unidos? Ei-las, segundo (textualmente) o relatório:

1 — A estrutura da democracia norte-americana é mais elástica, contando com maior apóio popular, ao contrário do regime russo, que "apenas pode aplinar divergências políticas através de expurgos periódicos".

2 — Os EEUU. têm "uma formidável base industrial, que lhes permite conceder alta prioridade a projetos militares urgentes".

3 — "O sistema de alianças das quais os Estados Unidos participam é superior em potencial bélico e em solidariedade, resultantes da livre associação, ao contrário do que ocorre entre a Rússia e seus satélites, subjugados pela força. Nossos aliados (dos norte-americanos) são mais fortes internamente, industrialmente e em potencial científico".

4 — Têm os USA "maior experiência no emprego de aviões de longo raio de ação". Também são favorecidos pela situação geográfica de suas bases aéreas.

5 — O poder naval norte-americano é mais flexível e dispõe de maior veemência ofensiva, especialmente quanto à esquadra de superfície.

6 — Os Estados Unidos possuem mais armamentos nucleares e em maior variedade.

UMA ADVERTÊNCIA

Todavia, o relatório chama a atenção para o fato de que muitas dessas vantagens podem ser apenas de caráter temporário, se os Estados Unidos não diligenciarem imediatamente para as consolidar. Declara, por exemplo, que a força de bombardeiros americanos de longo raio de ação vem sendo sempre forçada a competir com a melhoria das defesas russas.

E comenta: "Talvez durante os próximos dois anos, continuemos a contar com superioridade militar e qualquer ataque soviético contra nós possa ser repellido com rapidez. Mas a nossa posição daqui a um ano ou dois, depende das decisões que tomarmos desde já. A menos que a atual orientação estratégica seja revista, a balança penderá para o bloco soviético.

Duas incógnitas: a guerra química e os sputniks.

A GUERRA ATÔMICA E A OUTRA

Outra pergunta que anda de boca em boca: Até que ponto recorrerão os combatentes em uma guerra futura, aos engenhos nucleares? A questão é complexa. "Alguns armamentos tradicio-

nais", assegura o relatório, "ainda são mais potentes do que certos tipos de engenhos nucleares. Armamentos nucleares de grande potencialidade ofensiva podem ser usados de tal maneira que seus efeitos sejam praticamente nulos sobre a população civil — como por exemplo explosões à grande altura sobre objetivos militares. Armamentos atômicos de relativo poder ofensivo e bombas tradicionais, em contrapartida, podem ser empregados contra a população civil com conseqüências inimagináveis. Se a guerra ocasiona maior ou menor devastação, depende do modo pelo qual cada armamento moderno, nuclear ou não, é utilizado. A moral não está no tipo de explosivo, mas no uso que se dá a cada um deles".

"Reconheçamos", escreve o grupo de trabalho, "que desde a segunda guerra mundial o estoque norte-americano de bombas atômicas e a capacidade de os Estados Unidos as empregarem têm impedido a supremacia soviética". E mais adiante: "Mesmo o estabelecimento do equilíbrio nuclear entre os USA e a URSS não modificaria a evidência de que os armamentos atômicos complicariam e dificultariam a tarefa de qualquer agressor, reduzindo o fator secundário, a superioridade numérica em relação às forças militares tradicionais".

(Nota: Até agora, a recusa norte-americana de suspender as provas nucleares baseava-se, como se sabe, na dificuldade de controlar o cumprimento, pela URSS, de um acordo nesse sentido. O relatório dá outra interpretação, pois aponta a necessidade de aumentar esse estoque como condição de equilíbrio militar).

O QUE FAZER ?

O relatório apresenta a seguir, recomendações específicas para o robustecimento do sistema defensivo — e ofensivo — dos Estados Unidos e de seus aliados. Assim :

Forças estratégicas — Incrementar os programas de construção de foguetes balísticos, a tal ponto que desanime a URSS de um ataque idêntico aos EEUU., pela certeza de que o território soviético será atingido por esses engenhos teleguiados, como represália a uma agressão.

Forças para uma guerra limitada — Acelerar a modernização do Exército e a construção de navios de batalha e porta-aviões.

Marinha — Dotá-la de maior número de submersíveis atômicos e de submarinos com plataformas para o lançamento de foguetes.

Pessoal — Atrair número substancial de jovens para a carreira das armas. Formação intensiva de especialistas.

Defesa civil — Início imediato do programa de abrigos anti-aéreos e de um sistema de alerta apto a funcionar em menos de 15 minutos, desde que aumentou o ritmo soviético de construção de teleguiados.

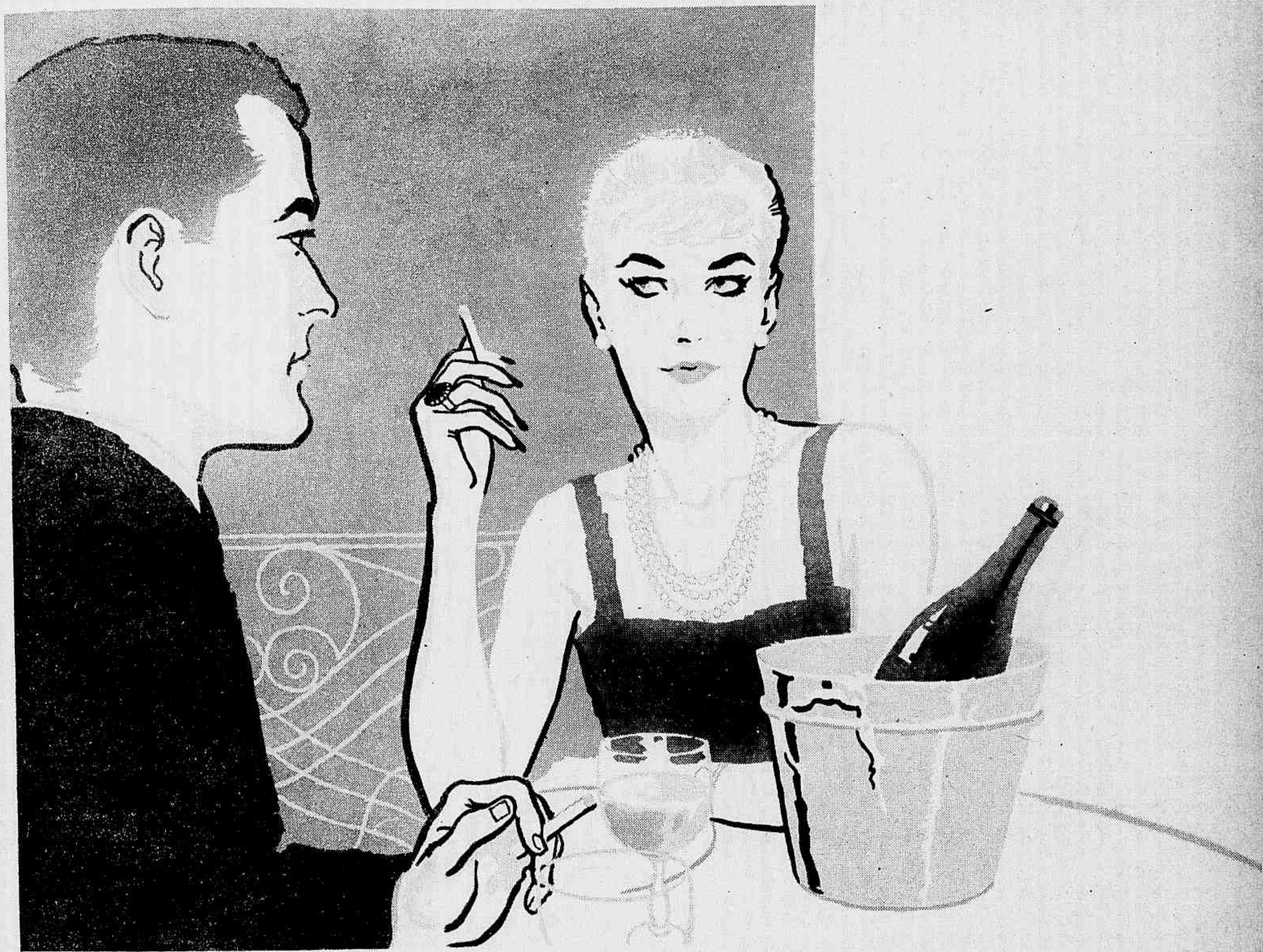
Assistência mútua — Equipar todas as forças aliadas, particularmente a OTAN, com modernos armamentos.

PODER MILITAR ASSEGURA A PAZ

"Os Estados Unidos", frisa o relatório, "ocupam hoje posição singular. Toda a nossa tradição nos conduz rumo à paz. Relativamente invulneráveis e escudados por dois grandes oceanos até o fim da segunda grande guerra mundial, pouco exigimos no sentido da segurança do mundo livre. Mas estamos sendo forçados agora a compreender que a nossa própria segurança liga-se indissolúvelmente à segurança do resto das nações livres e que a liberdade, em qualquer parte, repousa em nosso poderio e determinação. Força militar apenas, não atenderá às esperanças humanas. Contudo, nosso poderio, se efetivamente mobilizado, pode ajudar a lançar os fundamentos de uma segurança, dentro da qual essas aspirações se concretizem em paz e sem temor.

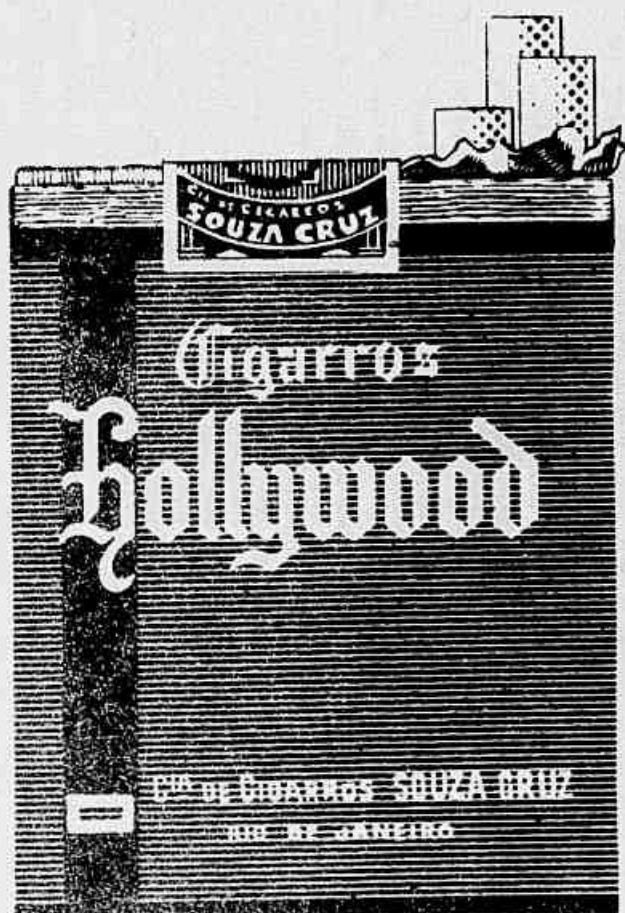
Olhando o mundo, do ponto de vista de nosso passado isolacionismo e de nossa recente supremacia atômica, talvez o mais difícil para nós seja aceitar a realidade do perigo. Outras e mais vulneráveis nações aprenderam a viver, durante séculos, na certeza de que um ataque estrangeiro poria em xeque a sua existência. Essa é uma nova experiência para os americanos".

Frase final: "A vontade e a capacidade de resistir a uma agressão são a melhor garantia da paz".



quase um sonho... ficar assim
em silêncio, ouvindo música,
fumando

hollywood



Uma
tradição de
bom gosto

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ

"UM ESPÍRITO QUE SE ACHOU A SI MESMO"

QUANDO, HA TEMPOS, Antônio Olinto me pediu uma relação de obras que, no meu entender, tinham modificado o mundo, não incluí, pois não o conhecia, esse "Um Espírito Que Se Achou A Si Mesmo", de Clifford Whittingham Beers, que acaba de ser lançado agora entre nós, numa bem cuidada quarta edição (1). No entanto, esse livro mudou por completo o rumo que até então vinha tomando a vida de inúmeros infelizes desprovidos da razão, alertando as autoridades para o tratamento desumano ministrado aos internados nos hospícios públicos e particulares norte-americanos, em princípios do século atual, e merecia figurar na relação por mim enviada ao inquérito de "O Globo".

O livro narra as experiências do autor nos hospícios — particulares, primeiro, depois públicos — norte-americanos, entre 1900 e 1903, e é um depoimento sinceríssimo, escrito sem ódio ou ressentimento, de alguém que aponta erros para que possam vir a ser sanados, como de fato foram. Não é uma obra de arte, mas impossível lê-lo senão emocionadamente. E a forma é simples e bela. E a tradução — devida a Manuel Bandeira — fiel e clara. E o prefácio (de Afrânio Peixoto) lúcido e compreensivo: "Este livro é uma ação, grande ação, do espírito e do coração humano. Em si é uma obra de arte, pois que é de pungente emoção e de intenso interesse".

Aparentado com dois outros grandes livros de todos os tempos — a "Comédia" de Dante e as "Recordações da Casa dos Mortos" de Dostoiewsky —, "Um Espírito que se Achou a Si Mesmo" é decerto mais humano e sentido, pois que não deriva da imaginação, como no caso de Dante Alighieri, nem trata de homens infelizes, sim, mas em todos casos criminosos, como em Dostoiewsky: os personagens do livro de Beers são presos, sem qualquer esperança, da mais funda e sombria das prisões — uma prisão que lhes destruiu o raciocínio e que os igualou às bestas selvagens. Saber que graças a esse livro foi criada praticamente a Higiene Mental, e reorganizado em bases verdadeiramente humanas e científicas, nos Estados Unidos primeiro, e em todo o mundo, a seguir, o tratamento dispensado aos loucos, é um conforto, e uma recomendação. Afinal, que maior prêmio poderá merecer um livro, além de ter sua mensagem plenamente entendida e convenientemente aproveitada?

(1) — Clifford W. Beers: "Um Espírito que se achou a si mesmo". Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1958. Quarta edição. Tradução de Manuel Bandeira. Prefácio de Afrânio Peixoto, Biblioteca do Espírito Moderno, Série 3.ª, volume 19. 207 páginas.

NOVO LIVRO DE CARPEAUX

O ensaísta Otto Maria Carpeaux terá ainda esse ano dois tomos de sua imensa "História da Literatura Ocidental" editados pela empresa "O Cruzeiro". A obra, quando completa, constará de seis tomos — num total de quase duas mil páginas de livro, e deverá ser publicada, integralmente, até fins de 1959. Carpeaux se dedica a tal obra — que será a maior e mais profunda que jamais escreveu — há quinze anos, a partir de 1943, e nela empregou toda a sua longa experiência literária, todos os seus estudos e trabalhos. Outros livros de Carpeaux já publicados no Brasil (onde chegou em 1939, após a invasão da Áustria pelas hordas de Hitler): "A Cinza do Purgatório", "Origens e Fins", "Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira", "Perguntas e Respostas", etc., fazem-nos afirmar que sua anunciada "História da Literatura Ocidental" será, sem dúvida alguma, obra fo-



ra do comum, destinada à maior das repercussões. Aguardem-na, portanto, os que se interessam pelos estudos literários.

ALGUMAS NOTÍCIAS

A exemplo do que já foi feito em São Paulo, escritores de inúmeros Estados brasileiros estão se agrupando em associações. A União Brasileira de Escritores (UBE) será, breve, uma realidade. *** Passou, há semanas, pelo Rio, sir Stanley Unwin, grande editor britânico (firma Allen & Unwin), presidente da Associação Internacional de Editores. Sir Unwin veio ao Brasil para tentar uma melhor circulação do livro estrangeiro, entre nós. *** A 21, no Museu Nacional de Belas Artes, inicia-se o Segundo Festival do Livro da América. *** Herman Lima terminou, para a Aguilar, vasto ensaio sobre a obra de Coelho Neto, a quem considera um grande escritor. *** Ainda esse mês terá lugar o lançamento, em Recife e nosso interior pernambucano, do livro "Brasil de chapéu de couro", de autoria de Luiz Cristóvão dos Santos. Do Rio seguirá para o local uma caravana de escritores,

comandada por Enio Silveira, editor do volume. *** Em agosto, Santos Moraes estreiará como romancista, com o livro "Meninos e Bandidos". *** Otávio Brandão, autor de "O Nihilista Machado de Assis", vem sendo duramente atacado pela crítica. Acusam-no de ter escrito não um livro sobre Machado, porém contra Machado. *** No Rio Grande do Sul, em setembro, realizar-se-á um Congresso de Poesia. Patrocínio do Grupo Quixote, porto-alegrense. *** Por falar em Porto Alegre, ali se processa um curioso movimento de revisão — e uma das figuras mais visadas é a do crítico Augusto Meyer, acusado (pasmem, leitores) de ... superficial. *** Solano Trindade, poeta e diretor do Teatro Popular Brasileiro, trocou o Rio de Janeiro por São Paulo. *** Em princípios do mês vindouro deverão estar no Brasil diversos escritores estrangeiros: Huxley e John dos Passos, norte-

americanos, e o português Ferreira de Castro. *** Acadêmicos paraenses criaram a "Sosa-po" — sociedade de saneamento da poesia —, cuja finalidade é acabar, de vez, com a poesia moderna... Sem comentários. *** A Livraria Martins breve lançará o último livro de Jorge Amado: "Gabriela, Cravo e Canela". *** Simeão Leal prepara o lançamento de uma antologia de escritos de Sir Herbert Read.



Com vistas à Magalhães Júnior

* Essa passagem do livro "Um Espírito que se achou a si mesmo", de Clifford W. Beers (Editora Nacional, 1958, página 90), deve ter enchido de inveja o acadêmico Raimundo de Magalhães Júnior, infatigável escrevinhador: "Mais de uma vez escrevi cartas de dez metros de extensão; e de uma feita o acúmulo de dois ou três dias de excessiva produtividade, estendido no soalho, tomou todo o comprimento do corredor — uma distância de cerca de trinta metros. A minha produção diária andava por uns quatro metros, com uma média de quatrocentas e cinquenta palavras por metro"...

SALÃO MODERNO: ABERTURA

No dia 20 abre-se no Museu Nacional de Belas Artes o VII Salão Nacional de Arte Moderna. O júri de seleção e de premiação, composto de Iberê Camargo, Quirino Campofiorito e do colunista, agindo com certa severidade, e tendo em mira elevar artisticamente o nível do salão, embora diminuindo quantitativamente o volume das obras, selecionou para a grande mostra de arte moderna no

UM PERSEGUIDO

Ora vejam só, o que andou escrevendo Marc Berkowitz no número de junho da revista "Leitura", com relação à partida para a Europa do pintor Krajcberg, polonês radicado de há muito no Brasil: "Krajcberg deixou o Brasil porque não encontrava ambiente para trabalhar e para viver, e porque na realidade lhe foi movida — felizmente apenas por um grupo pequeno, mas que no momento tinha uma certa importância — uma tremenda campanha de perseguição". E mais ainda: "Lamento profundamente que o Brasil tenha perdido um artista que tanto poderia contribuir para melhorar o seu ambiente artístico — mas reconheço ao mesmo tempo que o nosso ambiente já se tornava pequeno demais para um pintor como Krajcberg, e só posso desejar-lhe muito sucesso na velha Europa".

Aí está. Krajcberg perseguido no Brasil. Perseguido, o artista que em poucos anos conseguiu posição de destaque em nossos meios artísticos, como o próprio Berkowitz reconhece; perseguido, o homem que sempre dispôs de salas onde expor, e de jornais para endeusar quanto realizava... Decerto a última etapa dessa tremenda campanha de perseguição terá sido a atribuição, na Quarta Bienal de São Paulo, ao aludido artista — e "por um grupo pequeno, mas que no momento tinha uma certa importância"... —, do prêmio de pintura destinado aos nacionais, dos cem mil cruzeiros que lhe deu o júri, não sabemos se impressionado pela qualidade estética de seus quadros ou pela quantidade assustadora de consoantes em seu sobrenome... Porque — essa é a verdade —, no Brasil vivemos a cortejar quantos nos cheguem do estrangeiro, com uma candura que chega a tocar as raias da imbecilidade. Amamos os nomes exóticos, inçados de "zz" e de "ww", e mesmo um crítico movido por bons propósitos, como Mário Barata, quando quer dizer de uma obra que é ótima, afirma que atingiu a um "nível verdadeiramente europeu". Como se nada pudéssemos fazer de bom por nós mesmos, sem que os Krajcbergs e outros tivessem de ser importados.

Nosso ambiente já estava pequeno para Krajcberg? Pois sim! O mesmo disse talvez Segall — e todos sabemos que ao Brasil voltou, e dele não mais quis sair; o mesmo disse, já em nossos dias, o italiano Rissone — e quão cruamente! — ao crítico Campofiorito, e no entanto, todos sabemos como voltou, e quão grande foi a solidariedade dos artistas brasileiros para com ele, no momento do infortúnio. Krajcberg, podem ficar descansados, voltará.

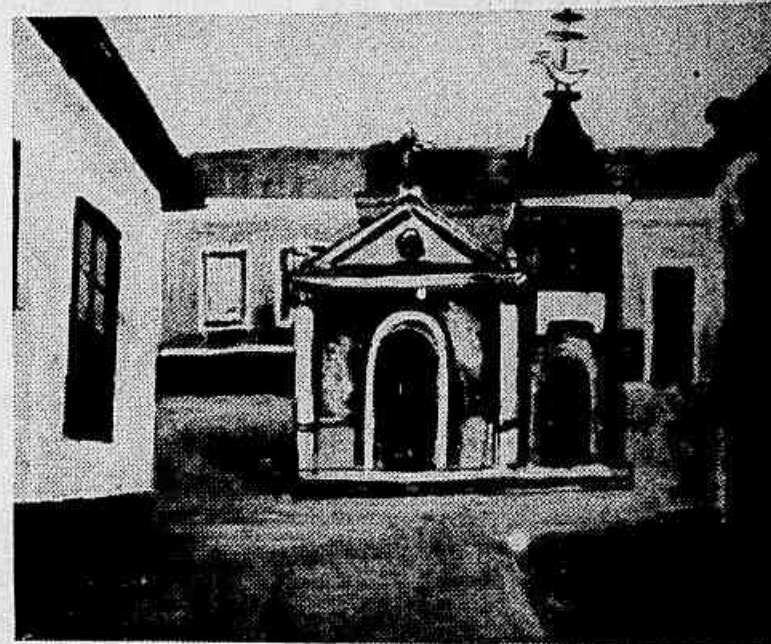
Ninguém que já tenha experimentado a "sopa" nacional deixará de sentir saudades dela, ou se resignará com perdê-la... Krajcberg voltará, tão logo enfrente a dura realidade, em Paris. Tão logo se veja transformado somente num pintor a mais — entre tantos mil, que infestam a capital francesa —, desprovido da proteção publicitária que lhe dispensaram no Brasil os Berkowitz e derivados...

Brasil — a mais importante, após a Bienal paulista — 94 obras de pintura, 77 de desenho e artes gráficas, 11 de artes decorativas, 2 de escultura e 1 de arquitetura — num total de 185 trabalhos, os quais, somados aos 236 de artistas possuidores de certificados de isenção, perfazem um total de 421 obras.

ALGUMAS NOTÍCIAS

Ao noticiar a exposição de Paolo Rissone há tempos reali-

zada no Rio, Mário Barata escreveu que nela havia pelo menos duas obras "de nível verdadeiramente europeu", isto é, de ótima qualidade. Estamos completamente em desacordo com essa classificação, que catalogando como excelentes obras "de nível europeu", faz supor menos boas as de nível sul-americano, segundo um critério geográfico de todo absurdo. *** Em fins do corrente, o Museu de Arte Moderna apresentará vasta exposição Djanira. ***

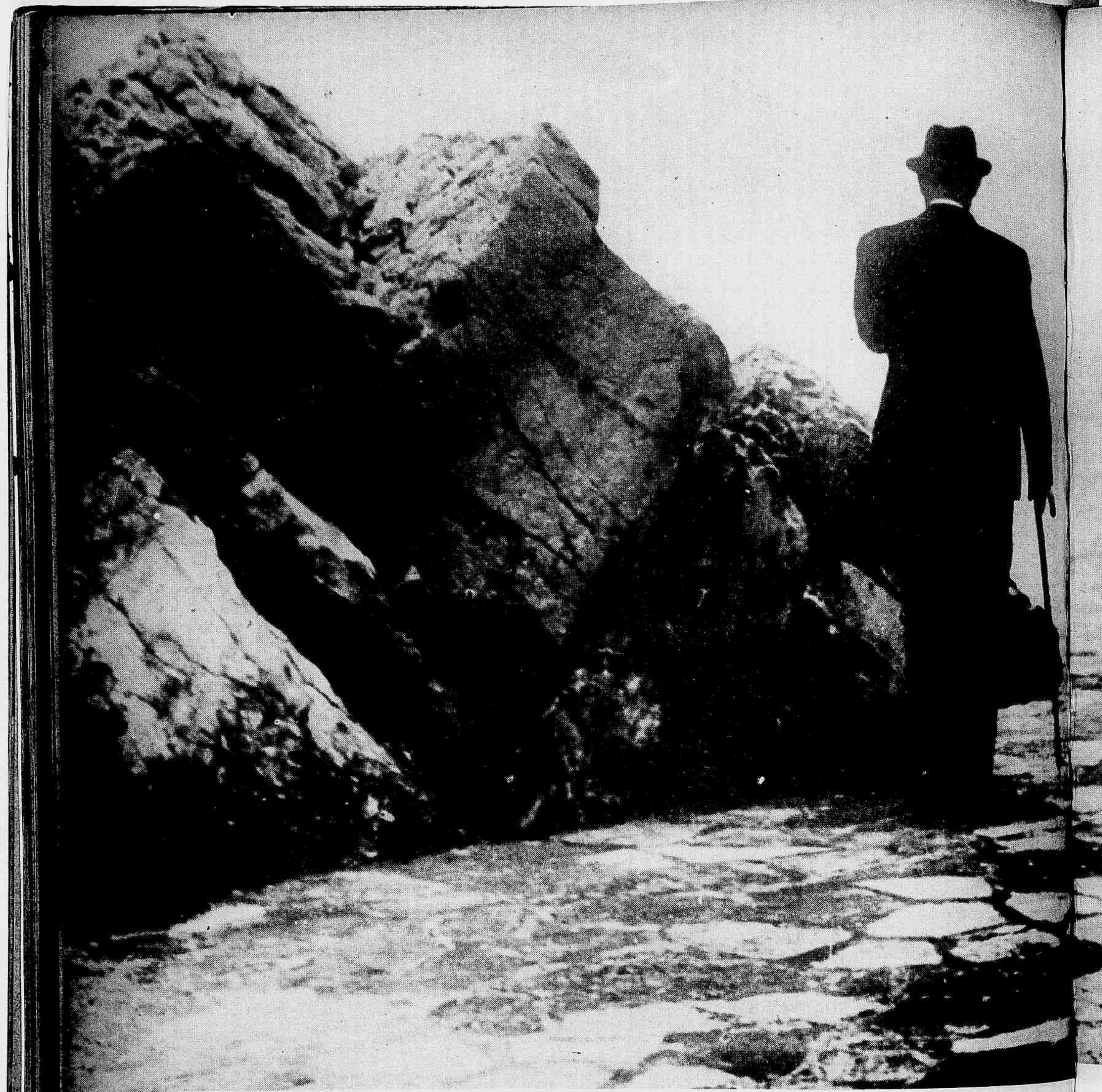


Volpi:

Prêmio

Guggenheim

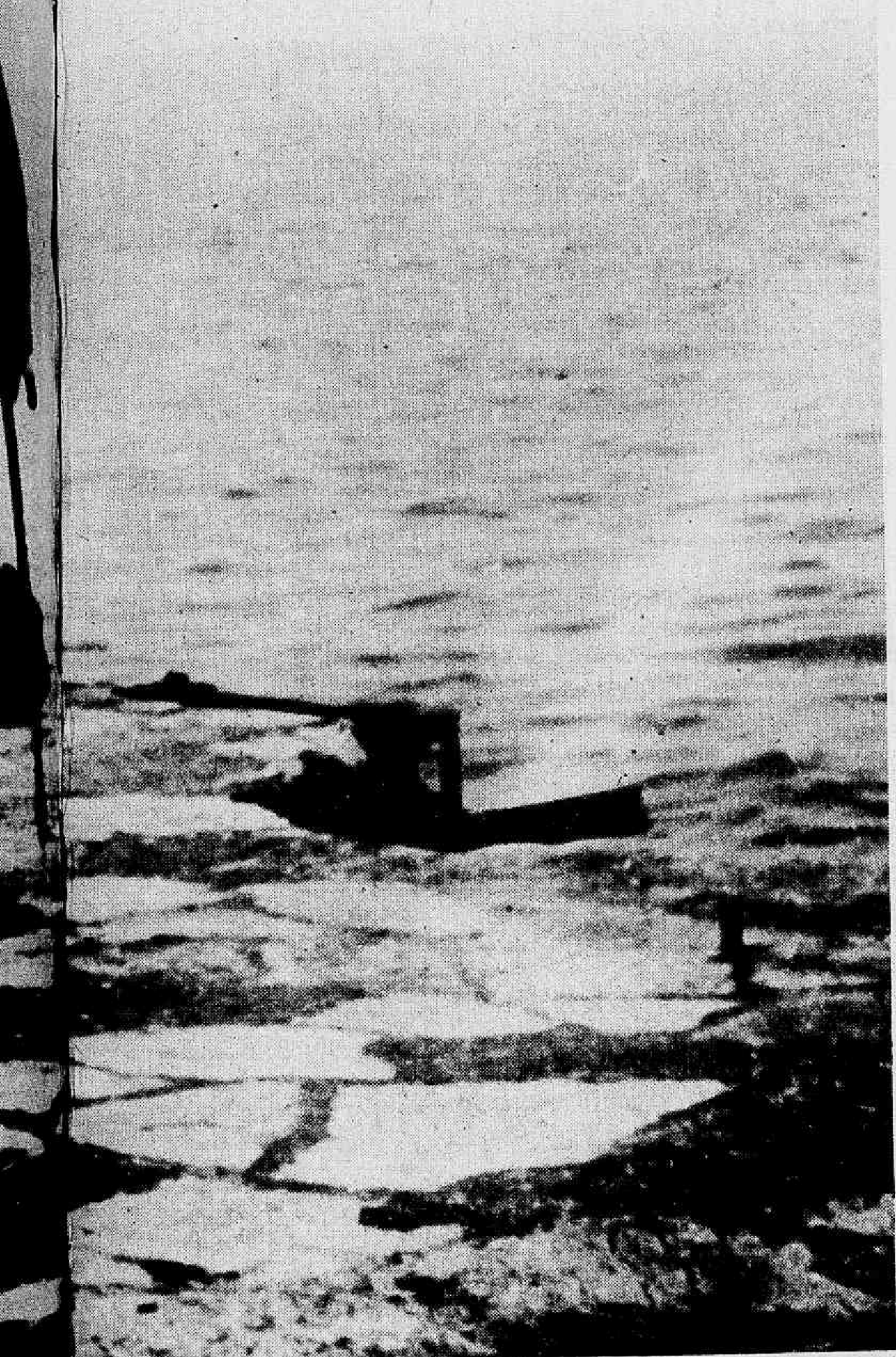
Os mil dólares do prêmio Guggenheim 1958 foram atribuídos, há dez dias, ao pintor Alfredo Volpi, por um júri composto de Pedrosa, Alvim Corrêa e Fleixa Ribeiro. Outros artistas escolhidos para o contingente brasileiro à competição final, a ter lugar nos Estados Unidos: Lígia Clark, Paolo Rissone, Milton Dacosta e Djanira. Embora, do ponto de vista humano, ninguém impugnasse a atribuição dos dólares a Volpi — artista honesto e homem bom, e pobre —, sabe-se que do estético inúmeros artistas receberam com maus olhos o veredictum. Alguns acusaram os membros do júri — Mário Pedrosa principalmente, mas também os demais —, de sectarismo. Muitos não esconderam, ao próprio Pedrosa, sua indignação. Houve até interpelações pessoais, além das críticas veladas. Não diremos que o júri tenha usado de sectarismo, ou de outro qualquer expediente que não o baseado nas qualidades eminentemente estéticas dos quadros premiados; mas que tal julgamento foi defeituoso, devido a várias circunstâncias (falta de método, falta de organização, improvisação geral, ausência por diversos dias do país de um dos jurados, etc., etc.), lá isso é inegável. E esperamos que, para o ano, tudo venha a ser feito de maneira a não deixar dúvidas ou ressentimentos; dentro da maior organização, sem que haja o absurdo de se fazerem duas exposições — uma na Escola de Belas Artes e outra no Museu de Arte Moderna —, sem as deficiências oriundas da tipicamente brasileira improvisação.



DE GAULLE — O futuro atrás da rocha?

A 9 MIL KMS. DE PARIS

O QUE VOCÊ ACHA DE



DE GAULLE?

A COLÔNIA FRANCESA no Rio, por quatro de seus elementos mais expressivos, depõe sobre a atitude do general De Gaulle. Ressalte-se que a tarefa não foi fácil: os franceses residentes no Rio (cerca de 9 mil quilômetros de Paris) em sua proporção esmagadora preferiram abster-se de pronunciamentos. Não houve apêlo que os demovesse. Na Maison de France, então, o silêncio foi absoluto. Frase de um adido ao jornalista: "Não temos autorização para falar".

As opiniões dos que, com ou sem autorização, falaram, vão expostas nesta reportagem. E são simpáticas à Cruz de Lorena, e à investidura do general De Gaulle.

FRANCESES DO RIO

O mundo acompanha ainda o desenrolar dos acontecimentos na França Metropolitana e na França colonial. Durante duas semanas, as atenções, nas duas latitudes, voltaram-se curiosos para a sorte da IV República, instituída no após-guerra e que, depois de experimentar governos e esquemas de todos os matizes e tendências, viu-se carcomida pela crise de autoridade e terminou por ceder às imposições dos generais insurretos na Argélia.

Como a "única esperança", De Gaulle deixou seu retiro na Villa de Colombey-les-deux Église e volta ao comando do governo de seu país através de um golpe de força que utilizou disfarces "legais" para a sua investidura a fim de conjurar (esse o pretexto alegado), "as ameaças de guerra civil".

Os franceses residentes no Brasil (muitos deles há dezenas de anos, porém, sempre e louvavelmente fiéis ao espírito de sua pátria de origem) viveram dias de angustiosa dúvida. Algumas das figuras mais destacadas da colônia francesa externaram suas opiniões sobre a crise atual e sobre De Gaulle. Nenhuma delas, contudo, quis fazer previsões sobre o futuro da França. Em face da incógnita, limitam-se, parece, a um olhar de esperança. E repetem o velho dito popular: "O futuro pertence a Deus".

A PALAVRA DE UM PADRE

Frei Pedro Secondi, dominicano, professor de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, assim falou:

— Estive na França o ano passado. Vi o país econômica e financeiramente com vitalidade e, em particular, a mocidade alegre e feliz, desejando ardentemente a paz. Mas, por outro lado, percebi um grande ceticismo de todos quanto à política e os políticos. Política, a mocidade encarava como coisa suja.

A França experimentou no governo centristas e comunistas, socialistas e frente popular, tudo resultou no mesmo. Houve até quem pensasse em monarquia!"

— "Tenho horror à guerra da Argélia", prosseguiu frei Secondi. "Se a idéia é justa, sempre a idéia vence, não os tanques. Acho, porém, justificável a posição dos generais da Argélia. Eles desejam, acima de tudo, a integridade e o bem-estar da França".

O MELHOR É NÃO MORRER

Outro trecho:

— "De Gaulle passou muitos anos meditando sobre a situação do país. Ele nunca pensou em golpe de Estado, mas aproveitou uma oportunidade e circunstâncias excepcionais. E oferece uma grande garantia: o seu passado. Nunca supus que De Gaulle chegasse ao poder por um golpe de força. Devemos, por outro lado, compreender a evidência dos acontecimentos que o levaram a isto. Há males crônicos, em que, muitas vezes, para salvar o paciente, faz-se mister uma intervenção cirúrgica violenta. E' sempre melhor não morrer do que... morrer legalmente.

A volta do GENERAL DA RESISTÊNCIA, já se pode dar como crédito o isolamento dos comunistas. O fato de eles não apoiarem a sua investidura é bom sinal".

E concluiu:

— "Acredito na inteligência e na integridade de De Gaulle. Ele não é capaz de levar sua habilidade até à esperteza. Depois de seis meses poderá recolher-se mais uma vez à sua vila, se não passar pelo grande teste — a solução para o caso da Argélia.

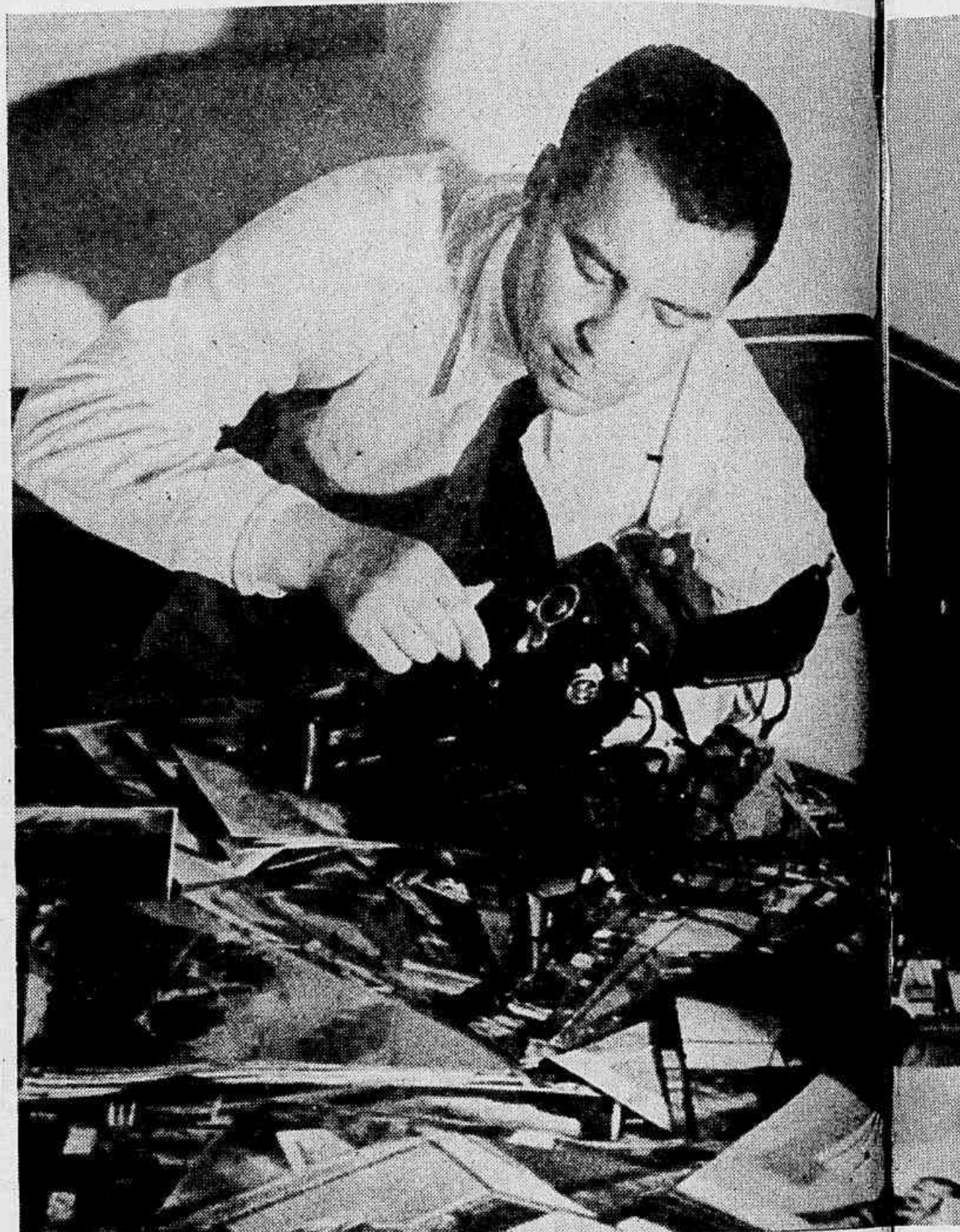


FREI PEDRO SECONDI — Lápis contra tanques.



MAISON DE FRANCE — Silêncio atrás da porta...

O passado de De Gaulle é a maior
para nossa confiança



JEAN MANSON — De Gaulle virou notícia.

Quanto à França, esta não sei até onde chegará se tal não acontecer”.

ARTISTA PERTENCE À ARTE

Henriette Morineau, artista das mais prestigiadas do nosso teatro, diretora dos Artistas Unidos, explicou logo de início que “um artista não deve intrometer-se em assuntos de política”.

— “Um artista”, comenta ela, “não pertence a nenhum país e sim, à sua arte. Sou francesa porque lá nasci, mas já vivi igual número de anos nos dois países — na França e no Brasil. Sinto, porém, muito pela França. Se pudesse, estaria lá junto aos meus compatriotas, sofrendo as mesmas apreensões e para ser útil ao país na medida das minhas possibilidades”.

— “O sr. Coty fez o que devia ter feito” fala ainda Morineau com visível emoção. “O presidente agiu com prudência e muita compreensão das causas dos males da França. Esta não pode continuar num governo parlamentarista que se debate permanentemente em crises e não tem capacidade para solucionar os problemas fundamentais do país.

Felizmente, neste momento, a possibilidade de uma guerra civil está praticamente afastada. Todavia, não tenho idéia sobre o futuro da França. O general De Gaulle é sobretudo um patriota e cidadão de responsabilidade. Ele deve saber o que vai fazer.

garantia



HENRIETTE MORINEAU — Arte acima de política.

Homem com o seu prestígio, capacidade e patriotismo, não participaria de uma aventura movido pelas atrações do poder”.

O PROBLEMA É POLÍTICO-MILITAR

— “A França não está ameaçada por uma convulsão social. O seu desenvolvimento industrial e o investimento de capitais no estrangeiro são fatos sem paralelo em nenhuma outra época da história do país. O problema francês é essencialmente político-militar em relação à Argélia. O país procura tranquilidade duradoura com a permanência de governos estáveis”.

— Estas as palavras iniciais do cinegrafista Jean Manson, também correspondente no Brasil da revista “Paris Match” e uma das boas fontes de informação sobre a França.

E prossegue:

— “O fato de De Gaulle nunca ter sido um homem ligado a interesses puramente políticos foi fator preponderante para a sua escolha pelos militares que, desde 1939, sofrem nos mais diversos campos de batalha. Não há hoje uma só família na França que não tenha recebido em seu seio o duro impacto da guerra, com a morte de filhos, pai, irmãos; como não há um só francês que desconheça ser a maior parte dos impostos por ele pagos, destinada a alimentar uma guerra, cuja chefia está sob a tutela de partidos políticos.

Assim, o afeto ao general De Gaulle não representa um desejo de implantar a ditadura, mas simplesmente a escolha do único homem público atualmente na França e que goza ao mesmo tempo de prestígio nacional e internacional e capaz, com sua autoridade, de dar ao problema colonial francês uma solução que até há pouco parecia impossível”.

INCONSTITUCIONAL MAS COMPREENSÍVEL

— “Considero o movimento militar da Argélia inconstitucional, porém, humanamente compreensível. Quatrocentos mil soldados lá estão nos campos de batalha, desde há muitos anos, defendendo os interesses da França. Seria, pois, profundamente entristecedor para eles constatar que na Metrópole não houvesse um clima de solidariedade e compreensão ao sacrifício dos combatentes.

A poetisa Beatrix Reinald, há muito radicada no Brasil, foi aqui e na França, durante a II Grande Guerra, a maior incentivadora da Resistência francesa, promovendo campanhas e concursos em favor dos combatentes da libertação. Ao receber o repórter, em seu apartamento no Leblon, declarou:

— “Fui degaulista enquanto estive na França. Sobre os acontecimentos atuais em meu país sei apenas o que os jornais publicaram. Desejo paz para a França e muita felicidade para o seu futuro”.

O MISTÉRIO DO ARAYADO

M. B. ENDREBE

RESUMO: No "Arayado", a bela propriedade que, pelo falecimento de sua mulher, coube ao escritor Georges Meller, os ânimos estão acesos, diante da ameaça de casamento de Meller com a sua governante, Lydia Moreau. Uma surda campanha está sendo feita pelos três enteados do escritor — Nick, Nane e, principalmente, Mme. Isabelle Delancy, cuja chegada com o marido, à antiga residência, veio tornar o ambiente ainda mais carregado. Além de Claire, sobrinha do escritor, encontra-se também no palacete, em férias, a velha atriz Juliette Livel, que depois de anos de decadência, aguarda, ao lado de Meller, uma oportunidade para melhores dias.

GEORGES MELLER considerava, com ar sombrio, o espetáculo que se lhe oferecia. O quadro era, no entanto, sedutor e de natureza a inspirar um romancista mundano.

No dia seguinte ao casamento de Meller, a peça onde se encontrava fôra adaptada a fim de tornar-se o seu gabinete de trabalho. Desprendia-se dela uma impressão de calma e de vida fácil que deveria apagar toda preocupação, mas, aparentemente, Georges Meller parecia ali estar insensível. Notou que sua caneta-tinteiro cobrira a pasta de grafite. Com um movimento de enfado, tomou a carta inacabada e releu o que havia escrito:

"Senhora:

Talvez se recorde de que lhe fui apresentado, no inverno passado, por nossa amiga comum — a baronesa Davidsen? Desejo-o vivamente, porque eis o objeto principal desta carta... Trabalho, atualmente, na minha primeira peça, da qual dois atos já estão terminados. Prefiro esse gênero, por me ter parecido que a idéia central da história se prestava a um melhor desenvolvimento sob a forma de uma comédia dramática que sob a de romance.

Quando comecei a escrever minha peça, acabava de aplaudir a sua atuação em SI... e, à medida que as cenas se ligam uma à outra, minha heroína me aparece cada vez mais nitidamente sob os seus traços. A tal ponto que não mais posso imaginá-la encarnada por outra que não seja a senhora.

Gostaria que julgasse por si mesmo..."

Georges Meller teve um impaciente dar de ombros. Não era, de forma alguma, a carta desejada. O tom saíra-lhe por demais humilde e precioso — dir-se-ia a súplica de um colegial e não era de natureza a impressionar a destinatária. Mesmo, era a Feuillère que ele desejaria. Na falta de Edwige Feuillère, pensara em Nora Donna, sua rival direta. Embora mais uma artista de cinema do que de teatro, era Donna também um nome de primeira grandeza.

Num gesto raivoso, o escritor amarfanhou a carta e atirou-a à cesta de papéis. Percebia perfeitamente que, se não chegava ao que queria, era por ter uma outra preocupação.

Abrindo a gaveta central da secretária, tirou uma carta do Banco Crédit Lyonnais, recebida três dias antes. Conhecendo-a já de cor e, à despeito das circunlocuções do estilo comercial, os fatos ali estavam claramente explicados, sem que fôsse possível pô-los em dúvida. Meller apanhou uma lente sobre o feltro verde da mesa e dela serviu-se para examinar outra vez, com extrema atenção, o cheque que estava junto à carta. Os caracteres desmedidos parecêram-lhe desfazer-se, torcerem-se como sob o efeito de um sortilégio.

Bruscamente, o escritor repousou a lente e, levantando-se, pôs-se a caminhar ao longo do aposento. Mordia o lábio inferior e franzia as sobancelhas, como se elaborasse, no espírito, uma cena difícil, ou como se procurasse a solução de irritante problema.

De vez em quando, consultava o relógio; mas ignorava que, dentro de algumas horas, um crime seria cometido — pois que nem a vítima, nem o assassino, ninguém sabia de nada.

COMO DE COSTUME, foi Isabelle a primeira a entrar na sala de refeições, fixando-se o seu olhar, imediatamente, no retrato de sua mãe. Ocupava o quadro todo um painel, localizado acima da vasta chaminé à moda antiga, onde, no inverno, faziam-se queimadas espetaculares. Estelle Vernon fôra pintada por um amigo artista bastante cotado alguns lustros passados, numa dessas poses lânguidas que ela tanto apreciava. Isabelle, que sempre fôra de extrema lucidez em tudo o que se relacionava à mãe, pensou mais uma vez que era à devoradora negligência de Estelle que se via, agora, forçada a guerrear sob seu próprio teto. Se Mme. Vernon tivesse conservado o perturbante Meller no pavilhão, as coisas não teriam chegado a tal ponto.

— E dizer — murmurava a moça com amarga ironia — que Estelle resolvera alugar o pavilhão para aumentar suas rendas!

Mme. Delancy verificou a ordem perfeita da sala de jantar e seu olhar percorreu a longa mesa, de uma extremidade à outra.

Tudo se encontrava em ordem. Mas o subconsciente de Isabelle notou uma anormalidade, e a jovem senhora recomeçou a contar os talheres. Sim! Havia nove pratos sobre a brilhante toalha

BE

a do
já de
fatos
o-los
le da
rema
des-
feito

pós-
rior e
cena
ma.
que,
s que

a sala
etrato
acima
iam-se
r um
dessas
e fóra
pensou
e que.
Mme.
ão, as

que
ndas!
ntar e
outra.
abelle
contar
toalha



adamascada, em vez de oito aos quais Mme. Delancy estava habituada desde seu regresso a Arayado.

— Diabos levem estas manias inglesas! — disse Jacques entrando na sala. — Não compreendo que Georges nos obrigue a pôr um "smoking" com semelhante tempo!

— Mamãe também gostava de que nos vestíssemos para jantar.

— Pudera! Para as mulheres, isto consiste em despir-se... Oh, somos nove esta noite? — fez Delancy que, maquinalmente, contara os pratos também.

Isabelle abria a boca para pedir explicações a Bertrand, o "maitre d'hotel", quando dois homens atravessaram o limiar da sala-de-jantar, imobilizando a pergunta que subia aos lábios da jovem senhora.

Um deles era Meller; seu companheiro pertencia, visivelmente, à mesma geração que ele, mas era o único traço comum entre ambos. Ao passo que o escritor começava a trair a idade por leves bolsas sob os olhos e um certo pêso na silhueta, adivinhava-se sob o "smoking" do desconhecido um corpo endurecido pelos esportes e cujos músculos possuíam agilidade. Pela acentuação viril dos traços e pela expressão de calma energia, o rosto do desconhecido lembrou, à Isabelle, o de William Holden — ator pelo qual sempre tivera um fraco.

Percebendo que Isabelle os considerava com surpresa, o recém-chegado teve um sorriso que descobriu dentes perfeitos e pousou sobre ela um olhar admirativo.

Meller esboçou um gesto cordial em direção à moça:

— Isabelle, permita-me que lhe apresente um velho amigo meu, André Beaumont. Sinto-me feliz por ter êle consentido em parar em Arayado, antes de ir à Espanha.

M. Beaumont inclinou-se para beijar a mão que, com certa perturbação, Isabelle lhe abandonava. Esse homem tinha um olhar que parecia sondar até a alma!

Meller, no entanto, explicava:

— Isabelle é a filha mais velha de minha mulher, e aqui está seu marido, Jacques Delancy, a quem o Sud-Ouest não tardará sem dúvida a dever alguns de seus mais modernos imóveis.

Seria difícil perceber a menor ironia no tom de Meller, mas Delancy não deixou de achar algo de desagradável na frase. Tal impressão, entretanto, perdeu-se na habitual troca de amabilidades às quais o automatismo tira todo o valor:

— O que fazem as crianças? — indagava Meller.

Como numa resposta, Lydia Moreau fez sua entrada nesse momento, precedendo, a curta distância uma da outra, Anne e Claire. Logo, ouviu-se um rumor de passos precipitados sobre o lajedo do corredor e Nicolas, ligeiramente arfante, surgiu por sua vez.

Meller prosseguiu nas apresentações e, enquanto Nick apertava a mão de Beaumont, êle descobriu Juliette, imobilizada no limiar da peça, numa atitude estudada que a favorecia particularmente. O escritor continuou:

— ... e minha prima, Juliette Livel, que veio repousar aqui, depois de uma "tourné" particularmente brilhante no estrangeiro. Isabelle estendeu a mão para a cadeira à sua direita:

— Senhor Beaumont, faz favor...

Teve um sorriso para agradecer ao novo hóspede a sua pressa em tomar lugar, e os outros foram-se sentando. Depois de Beaumont — Claire, Nick e Lydia Moreau; à esquerda de Isabelle, Nane e Juliette Livel enquadrando Delancy.

Quando todos se sentaram, Bertrand iniciou o serviço.

ENQUANTO SABOREAVAM o consome gelado, num silêncio quase total, — como se cada um se concedesse tacitamente essa trégua antes de achar um assunto de palestra — Isabelle notou com espanto que Mlle. Moreau pusera um suéter de angorá lilás por cima do vestido de "voile" preto. Embora a temperatura ambiente estivesse longe de justificar tal precaução, o efeito não seria mais desastroso se Lydia não tivesse acentuado sua maquiagem de maneira agressiva. Isabelle sentiu um estranho conforto à idéia de que, a despeito da chegada inesperada do visitante, ela brilhava de um fulgor sem par aos olhos de Beaumont.

Mme. Delancy não fôra a única em notar o suéter:

— Resfriou-se, senhorita Moreau? Não está doente? — indagou Claire num tom de afetuosa solicitude.

Por cima da mesa, Nane dardejou-lhe um olhar glacial, estigmatizando tudo quanto semelhante preocupação encerrava na adulação, mas a sobrinha de Meller não o notou. Na verdade, Claire

estava aniquilada pelo efeito tão inesperado quão feliz de sua pergunta. A moça quisera, simplesmente, conquistar a simpatia de Lydia, na esperança de que esta não contasse que a vira em companhia de Roland, se tal fôsse o caso. Ora, contrariamente à sua expectativa, Claire via Mlle. Moreau fitá-la com olhar mau e dizer, a voz sibilante, evocando uma serpente recém-despertada:

— Não, não me resfriei. O que lhe faz pensar que esteja doente?

O tom vibrava de incontida raiva e Claire, desconsertada, recuou:

— Oh, nada! pensei... Aliás, êste suéter é encantador... Gosto muito de angorá.

— Eu não.

Foi a voz calma e pausada de Nane que martelou tais palavras. O efeito delas se fez sentir de imediato e todos os olhos voltaram-se para ela mas, sem parecer notar, a jovem continuou tranqüila, enquanto partia seu "vol-au-vent":

— O angorá deixa pêlos por toda parte, é absolutamente repugnante. Não compreendo que se teçam tais porcarias. Verdade que há gente que gosta...

Sentindo vir um perigoso silêncio, Georges Meller tratou de intervir, com a doçura um pouco cautelosa do homem de letras, afeito às discussões pífidas dos salões:

— Nane quer mostrar sua erudição em matéria econômica!

Depois, mudando de assunto, voltou-se para o visitante:

— As mulheres, meu caro! A propósito, solteiro ainda?

— Ainda — respondeu o amigo sorrindo — e com pouca pressa de casar.

— Fazes mal — disse Meller. — Muito tempo pensei assim, mas acabei por compreender que não existe verdadeira beleza fora do casamento.

O tom melancólico do escritor fazia pensar que êle evocasse a felicidade conhecida junto à defunta mulher; mas o olhar que dirigiu à Lydia Moreau não escapou à Isabelle, assim como o efeito vivificante que teve êsse olhar sobre a governanta.

— Seria indiscreto indagar quais são as suas ocupações na vida, sr. Beaumont? — indagou Mme. Delancy, com um animador sorriso.

Beaumont terminou sem pressa a bebida que começara a sorver. Não respondeu antes de pousar o copo e de secar discretamente os lábios:

— De modo algum, minha senhora, embora minha profissão seja bem particular: sou produtor de filmes.

Esta declaração provocou exclamações maravilhadas e Meller acentuou:

— Não é uma ocupação formidável?

Era esta também a opinião de Juliette Livel, que deplorou de repente não estar ao lado de Beaumont, e buscou um meio de atrair sobre ela a atenção de uma personagem tão interessante. Isabelle aprovou docemente:

— Tudo quanto toca ao cinema parece sempre um pouco irreal; mas permite-me confessar que ignoro absolutamente em que consistem as atividades de um produtor de filmes?

O olhar fixo na toalha branca, o cineasta pareceu procurar uma definição precisa:

— O produtor, disse êle, é o cavalheiro que se acha à base de todo filme, mas que o público não conhece. É êle quem imagina um cenário, o financia, escolhe o realizador e, por vêzes, a estrela. A maior parte do tempo passa a reunir as sociedades e a repartir os benefícios... quando existem!

Jacques Delancy teve uma careta expressiva:

— Não deve ser uma profissão desagradável!

Beaumont assumiu um ar desabusado:

— Sabe, nunca se aprecia em seu justo valor o ofício que se exerce, mas concedo-lhe que o meu tem muitas vantagens... quando não sejam as de permitir viajar sem ser perseguido constantemente pelos fanáticos da sétima arte!

Como que para dar um desmentido imediato, a voz de Juliette ergueu-se:

— Sempre pensei, afirmou ela sem corar, que a peça na qual Georges trabalha atualmente, daria matéria a um filme que fugiria aos temas rebatidos...

A atriz teve a intensa satisfação de ver o cineasta interessar-se imediatamente à coisa:

— Jamais duvidei do talento de Meller e se não soubesse quanto repugna a um autor falar de sua obra antes de terminá-la, pediria para conhecer o assunto.

(Continua)

sua
atua
em
e à
nau
da:
te?
ou:
osto

ras.
am-
iila,
oug-
que
de
tras,

essa

sim,
leza

se a
righu
vivi-

vida,
ador

ver.
ente

seja

eller

i de
o de
nte.

real;
con-

uma

e de
gina
êla.
artir

e se
ando
ante-
liette

qual
e fu-

ar-se

quanto
diria
nua)



ADORNOS EM MODA — Tanto em Paris como em Nova Iorque volta a moda dos colares compridos, fantasias, de pérolas multicores e bolinhas de cristal talhado. Richelieu, para as elegantes novaiorquinas apresentou grande variedade de colares e pulseiras em numerosas combinações de cores.

MODA

ELEGÂNCIA E BOM GÔSTO



VOLTA A MODA DAS FRANJAS

EM PLENA ESTAÇÃO parisiense, verifica-se uma ofensiva das franjas. Muitos rostos já acompanham a moda que ressurge. Quem seja loira, morena ou ruiva, quer tenha cortado os cabelos muito curtos ou os conservado compridos, é necessária uma franja.

Eis os conselhos dos mestres-cabeleireiros da Cidade-Luz, para o segundo semestre do corrente ano:

- Testa ligeiramente coberta;
- Cabelos lisos e um pouco ondulados;
- Cabelos curtos sem exagero;
- Para "soirées", penteados arqueados.

Pôr em prática êsses conselhos é começar pelo começo. Os penteados em voga têm duas bases muito sólidas e que são:



PARA DIAS FRIOS — A costureira parisiense Amy Linker criou este "tailleur" (página à esquerda), côr de aveiã, acompanhado de casaquinho de lã sem cinto. O conjunto tanto pode ser usado na parte da manhã para as compras como à tarde, para passeio.



ELEGANCIA E ORIGINALIDADE — Muito em voga, atualmente, as blusas de pura sêda com estampados de rosas. Esta criação de Judy Bond, além de muito elegante e original, tem a particularidade de dar o tecido a impressão de "moiré".

PARA COMPRAS — Para os dias ensolarados, Park Lane apresentou original bolsa de junco trançado com enfeites de couro vermelho. Prático e elegante para as compras e viagens.

- Nova técnica de permanente;
- Nova técnica de corte em três tempos.

A permanente, ao invés de ser aquecida e enrolada em ferros finos nos cabelos, é feita a frio ou morna. Os cabelos são enrolados em cachos mais espessos, em maiores "bigoudis". Por êsse processo são evitados os pequenos anéis e obtidos cabelos lisos, mas, no entanto, arqueados e mais flexíveis.

O corte nunca é desfiado. Os cabelos são cortados de maneira nítida e quadrada e, sobretudo, em três tempos que dependem da ação da tesoura.

No primeiro tempo, na frente, a tesoura é dirigida horizontalmente.

No segundo, nas fontes, a tesoura é dirigida verticalmente.

No terceiro, na nuca, a tesoura é inclinada de maneira oblíqua. Os cabelos cobrem sempre a nuca, num movimento circular ou arqueado.

Para obter um penteado arqueado, conforme em moda, convém, também, mudar a técnica de sua "mise en plis", se é você mesma quem a faz. Ao invés de fazer pequenos anéis presos por alfinetes, prenda os cabelos em cachos um pouco mais grossos, umedeça naturalmente com água, cerveja ou loção e enrole-os sobre grossos "bigoudis" de algodão fabricados por você mesma. Prenda cada rôlo de algodão com um alfinete. Prenda ainda o todo com uma rêde até que os cabelos estejam absolutamente secos. Uma boa escovadela, após ter tirado os "bigoudis", e o penteado poderá ser escolhido mas, sempre, com franjas.



Dominando a Tuberculose

NO KM 11 da Estrada dos Bandeirantes, em Jacarepaguá, ocupando uma área de construção de 24 200 m², estende-se o Conjunto Sanatorial de Curicica — magnífica edificação em linhas modernas, construída, equipada e mantida pela Campanha Nacional Contra a Tuberculose, da qual é Hospital-Escola. Inaugurado a 25 de janeiro de 1951 e pôsto a funcionar a 2 de janeiro do ano seguinte, foi planejado pelo arquiteto Sérgio Bernardes. Construção disposta em sentido horizontal (tipo pavilhonar), e cercada por jardins, dá ela ao paciente o sentido de libertação que falta às construções de tipo monobloco; é funcional, e a posição dos telhados permite aos doentes ver, de seu leito, uma faixa de céu.

Ocupando tão extensa área, dispõe o sanatório dos mais completos serviços, todos equipados com os mais modernos aparelhamentos, que asseguram, aos doentes, absolutas vantagens: Banco de Sangue, dois gabinetes dentários, laboratório, farmácia, centro cirúrgico, centro de estudos, biblioteca, gabinete de fisiopatologia pulmonar, pavilhão infantil, maternidade, cursos de formação e auxiliares hospitalares, consultórios de psiquiatria, otorrinolaringologia, pediatria, obstetrícia, clínica médica, endoscopia, cirurgia de tórax e cirurgia geral, anatomia patológica, ginecologia, urologia, cardiologia, serviços de raios X, anestesia, provas funcionais, arquivo médico e estatística, serviço de saúde para servidores, como também um centro de reabilitação.

O CENTRO DE REABILITAÇÃO

“— A permanência do doente em inatividade por longo tempo no sanatório e a falta de perspectivas para o futuro, criam um ambiente angustioso, que propicia a aquisição de hábitos nocivos, induz o indivíduo à prática de faltas disciplinares e o desabilita ao trabalho a que terá que retornar quando de sua alta hospitalar” — explica o dr. Arthur Henrique Ennes de Almeida, diretor do Conjunto Sanatorial de Curicica. E continua:

“— Acharmos que o tempo de permanência no hospital pode nos dar oportunidade não somente de providenciar a recuperação dos pontos alcançados no paciente pela doença, isto que também é reabilitação, mas ainda para trabalho mais completo, aprovei-

tando esse mesmo tempo de hospitalização para dar-lhe instrução e, de modo geral, condições para voltar à sociedade em situação melhor do que a anterior à sua entrada.”

Tal compreensão de uma situação sem dúvida delicada é que levou o seu diretor à organização de um Centro de Reabilitação que mantém, no Conjunto Sanatorial, cursos gerais — entre outros, de taquigrafia, datilografia, alfabetização, inglês, música e jornalismo; e cursos técnicos — sapataria, encadernação, prótese dentária, tecelagem manual, costura, relojoaria, radiotécnica, vassouraria, tipografia, desenho, marcenaria, trabalhos manuais, fotografias, montagem de brinquedos e salão de beleza.

CAIXA BENEFICENTE, CINEMA E TELEVISÃO

Entre a série de vantagens de que gozam os internados do hospital, destacamos a motivada pela existência de uma Caixa Beneficente, na qual a Administração do Sanatório tem direito a veto, mas não a voto: os próprios internados elegem sua diretoria e conselho fiscal, cabendo à Caixa a finalidade precípua de distribuir benefícios entre os indigentes e manter a comissão de Recreação. Além disso, mantém ainda dois jornais, uma estação emissora, e explora duas cantinas que vendem utilidades a doentes e servidores, com cuja renda faz face às despesas referidas.

Para suas horas de distração, possuem os internados duas televisões e, num dos amplos salões do Conjunto Sanatorial são frequentemente realizados “shows” e passadas duas sessões semanais de cinema.

AS ÚLTIMAS ESTATÍSTICAS

Pelo Sanatório, cujo corpo de enfermagem é composto de pessoal da “Ana-Neri”, sendo também diplomadas as Assistentes Sociais e Dietistas, tôdas de mais alto padrão — já passaram quase 6 mil doentes, dos quais cerca de 2 mil saíram curados.

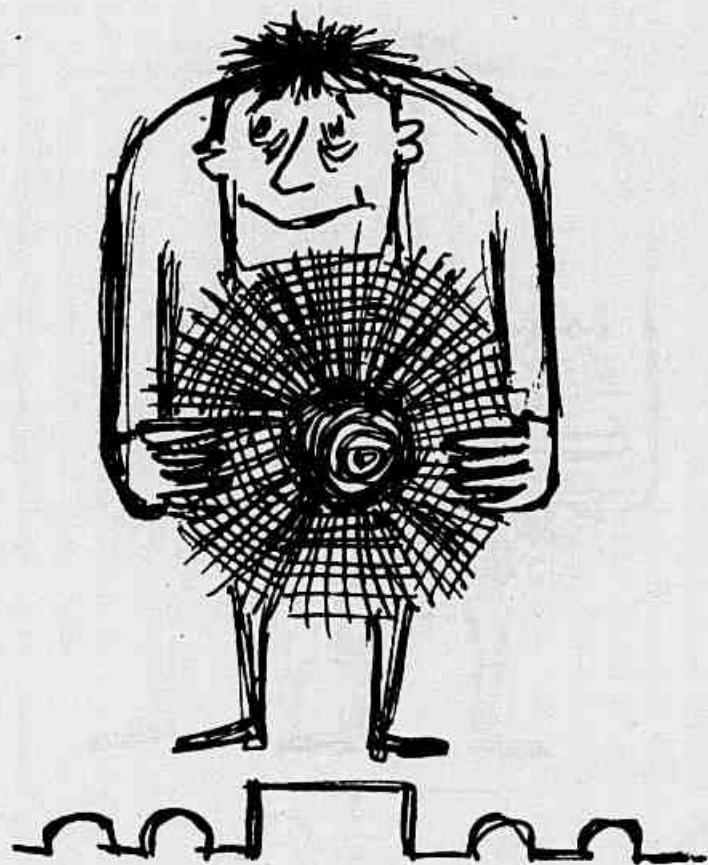
Hoje, ninguém pode pôr em dúvida a eficiência mantida pelo Conjunto Sanatorial de Curicica, em seu significativo trabalho na defesa da Campanha Contra a Tuberculose.

"O CHAPÉU DE PALHA DE ITÁLIA"

A VERDADEIRA estréia do Teatro da Praça verificou-se com "Chapéu de Palha de Itália", de Eugene Labiche, inaugurando uma sala de espetáculos na Praça Cardeal Arcoverde.

Labiche escreveu inúmeras peças de quiproquós, explorando um gênero que dominou uma época do teatro, do qual foi, sem dúvida, um mestre. Nesta peça, Labiche engendrou uma série de situações hilariantes e ilógicas (como pede o gênero), agravando-se de ato para ato. Um casal de amantes refugia-se na casa de um desconhecido esperando que este lhe dê um chapéu de palha da Itália — sem isso a moça não voltaria para casa do marido, pois o pecado seria aclarado. Uma família caipira toma uma casa de moda pela pretoria e um guarda-livros por um juiz. Logo depois a residência de uma baronesa é confundida com um restaurante; e assim tantos outros quiproquós. Cada vez que surge um impasse, uma solução absurda é inventada, sem espanto e naturalmente aceita.

Alguns pretendem ver em Labiche um crítico da sociedade daquela época. Tal, porém, não nos parece exato; a sociedade, certamente, inspirou-o muitas vezes ("La Poudre aux yeux", como exemplo) mas utilizou-a apenas como inspiração, sem o objetivo de crítica, preocupando-se apenas com o efeito do engraçado.



A direção de Geraldo Queiroz confessa que teve em mente "dar um tom de espetáculos de marionetes"; isso nos pareceu acertado, contribuindo para o maior rendimento da encenação. Seu trabalho é bastante louvável, levando-se em conta que

são 41 personagens (artistas jovens e quase inexperientes) e sobretudo num teatro sem muitos recursos de técnica.

O principal papel é de Emílio de Matos, no noivo atrapalhado. No primeiro monólogo denotou um descontrôle de voz, prejudicando a entonação, para logo depois entrar no "Fadinard", tão bem construído exteriormente. Cláudio Corrêa e Castro, Isolda de Souza, Roberto de Cleto, Fábio Sabag, Kalma Murtinho, Paulo Serrado, Carmem Sílvia Murgel, Guilherme Dieken, Adila Araújo, Ezequias Marques Júnior, Roberto Ribeiro e Claude Haguénauer compuseram a contento os personagens mais atuantes. O resto do elenco também compareceu de forma satisfatória, segundo a orientação do "marionetista" Geraldo Queiroz.

Menção especial merece a veterana atriz Maria Sampaio, contribuindo com graça, classe e talento no pequeno papel da "Baronesa de Champigny".

Bons, de modo geral, os cenários e figurinos de Belá Paes Leme e a adaptação correta de Roberto de Cleto e Geraldo Queiroz.

O "Teatro da Praça" teve uma bonita inauguração, dando provas concludentes de bom gosto e cuidado. Será mais um grupo que muito poderá contribuir para a formação de um teatro de classe, confirmando a benéfica evolução que se processa em nossa cena.

INTERNACIONAIS

TENNESSEE WILLIAMS sempre escreveu suas peças com temas fortes, desagradáveis e violentos. Deu-nos "Blanche" e "Stanley" em "Uma Rua Chamada Pecado", os personagens grotescos de "Caminho Real", a família terrível em "Gata em teto de zinco quente", etc. Sua última obra, há pouco estreada na Broadway, finaliza com um homem sendo esfaqueado por cães furiosos.

Cedo, porém, acredita-se que um novo Tennessee Williams escreva sobre personagens mais agradáveis, desprendendo uma filosofia da vida mais caridosa. Isso porque o famoso dramaturgo está tomando lições diárias de psicanálise, com o fim de torná-lo mais otimista.

UMA NOVA peça de T. S. Eliot teve a "première" mundial no Edinburgh Inter-

national Festival, "The Elder Statesman". Esta é a terceira peça de Eliot que é lançada em Edimburgo; as outras foram "The Cocktail Party" em 1949 e "The Confidential Clerk" em 1953.



EM PARIS comenta-se que a Comédie Française está se modernizando; resolveu filmar os maiores clássicos de seu repertório, principiando com "Le Bourgeois Gentilhomme" de Molière, dirigido por Phillippe Agostini. Procurarão transportar ao filme o ambiente mais próximo possível de uma sessão teatral, inclusive sem cortes e utilizando os mesmos cenários dos espetáculos do velho teatro. Essa inovação, sem dúvida muito curiosa, parece-nos de pouco lucro artístico, dada a grande distância entre a arte do cinema e a arte do teatro. De qualquer forma, porém, valerá como documento histórico.

A CRÍTICA DE teatro, em qualquer lugar do mundo, sempre diverge muito de opinião. Recentemente em Londres, assim se manifestaram dois críticos conceituados, sobre a atuação de Paul Messie no "Brick" de "Gata em teto de zinco quente". Kenneth Tynan, do "Observer": "Paul Messie é inexperiente e absurdamente desprevenido para um difícil teste como 'Brick'. No mesmo dia, Harold Hobson, escrevia no "Sunday Times": "O trabalho de Paul Messie é uma fonte de prazer... prendendo-nos a atenção e arranca a admiração de todos os espectadores..."

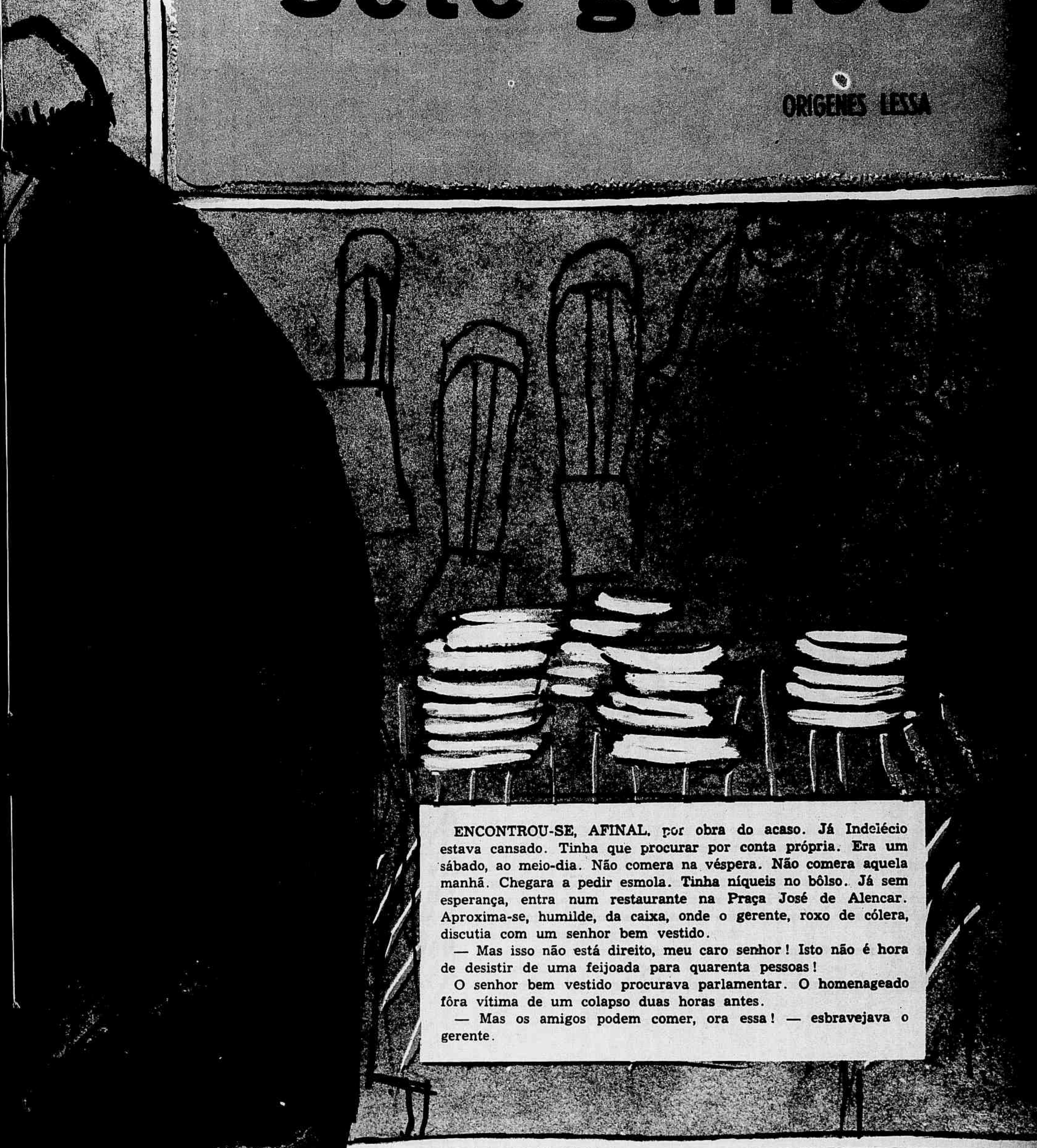
J. FOMM

AURANTE



Sete garfos

ORIGENES LESSA



ENCONTROU-SE, AFINAL. por obra do acaso. Já Indelécio estava cansado. Tinha que procurar por conta própria. Era um sábado, ao meio-dia. Não comera na véspera. Não comera aquela manhã. Chegara a pedir esmola. Tinha níqueis no bolso. Já sem esperança, entra num restaurante na Praça José de Alencar. Aproxima-se, humilde, da caixa, onde o gerente, roxo de cólera, discutia com um senhor bem vestido.

— Mas isso não está direito, meu caro senhor! Isto não é hora de desistir de uma feijoada para quarenta pessoas!

O senhor bem vestido procurava parlamentar. O homenageado fôra vítima de um colapso duas horas antes.

— Mas os amigos podem comer, ora essa! — esbravejava o gerente.

"Sete garfos" comia as vinte feijoadas em silêncio in

A voz macia, baixa, o senhor bem vestido explicava. Seria um absurdo, uma profanação. Eram os admiradores de um deputado ilustre. Uma elite, quarenta, todos gente de evidência. Incrível seria que se reunissem para se banquetear no momento em que o amigo era encaminhado para a Capela de São João Batista.

— Mas ninguém precisa saber, retornou furioso o homem. Eles comem sem caráter de homenagem. Eu é que não posso perder o meu dinheiro... Eu confiei nos senhores. Ou melhor: confiei no senhor...

— Eu compreendo, mas...

Já de todos os lados olhares se voltavam. No centro do restaurante, irônica, a longa mesa cheia de vasos de flores onde se fariam discursos ao grande prócer da democracia.

O gerente agitou a cabeça, falando mais alto:

— Eu é que não posso ter prejuízo!

O outro quis argumentar:

— Mas o senhor não vai perder a comida...

— Como não, meu amigo! Quarenta feijoadas! O senhor está brincando... De agora em diante eu vou exigir sinal!

— Bem, mas a gente pode entrar num acôrdo...

Acabaram entrando. O senhor bem vestido retirou da carteira algumas notas de mil. O outro aceitou relutante. E num gesto dramático:

— Eu queria é que o senhor me dissesse o que eu vou fazer, a esta hora, com quarenta feijoadas! Quarenta!

Geraldo, tímido, acompanhara a discussão. E era tão longa e funda a fome, que, quando deu por si, já havia dito:

— O senhor querendo, eu como...

Os dois homens o encararam. E o gerente já ia fazer o clássico gesto, ao qual se acostumara de muito, quando o senhor bem vestido sorriu:

— O que é que você disse, rapaz?

Geraldo caíra em si, ficou de boca aberta.

— O que é que você disse? — repetiu o homem risonho.

— O... o doutor querendo...

— Você come tudo?

— O doutor querendo...

O cavalheiro bem vestido examinou melhor aquele homem estranho. Tinha espírito esportivo. E afinal a morte do deputado não era assim um problema tão triste. Até resolvia melhor o seu caso. Era o membro da Comissão que liderava a oposição ao projeto 1037, de seu particular interesse. A feijoada era uma tentativa de amaciamento. E quase se comoveu diante daquela ilha perdida na geografia da fome.

— Veja lá: você come tôdas?

— Se o doutor deixar...

O senhor bem vestido voltou-se para o gerente, que irrompeu:

— O doutor pagou apenas vinte...

E Geraldo, trêmulo:

— Tá bem. Só vinte.

* * *

Na terceira "canoa" começou a juntar gente. Na oitava, o senhor bem vestido, aliás suplente de senador, puxou o relógio e pediu desculpas ao eleitorado. Precisava ir à Capela de São João Batista. Na décima, um fotógrafo escalado pela manhã para a cobertura do banquete, ao regressar de um crime imprevisto na Penha, ignorando ainda a infausta ocorrência, apareceu apressado.

— Ué! O cara morreu? Que espêto! Se eu soubesse, já tinha mandado revelar as chapas. Peguei um crime e tanto!

Nisso, observou vinte a trinta pessoas, discutindo, rindo, comentando. Aproximou-se.

— Ele já papou dez feijoadas! Não é possível!

Bateu algumas chapas, ficou de telefonar mais tarde ao gerente para o resultado final.

A notícia correria. Alguns clientes que haviam saído na quarta ou na quinta "canoa" estavam de volta, acompanhados de parentes e amigos. Já se faziam apostas. Come tudo... Não come... Cai morto! Não cai... Geraldo trabalhava em silêncio, indiferente à multidão, apenas com medo de ser roubado. Por isso que as "canoas" esvaziadas ficassem na mesa ao lado, para controle.

— Deixa as outras no fogo...

Não comia com pressa. Afobou-se apenas com a primeira, consequência de um vazio de 36 horas. Mas depois dominou-se e mastigava sereno, ingeria feliz, oportunidade que o velho familiar da fome não podia perder.

Atingira a décima nona, quando o senhor bem vestido voltou. Trazia amigos aos quais contara, no São João Batista, a curiosa aventura. Um deles era médico.

— Você talvez precise socorrer o desgraçado. Ele vai ter, na certa, uma congestão.

Mas Geraldo estava apenas um pouco arroxado, transpirando muito.

— É da pimenta, explicava uma dona-de-casa.

Quando viu chegar o seu benfeitor, Geraldo sentiu-se na obrigação de explicar:

— Eu só não estou comendo a parte que é só toicinho, pode ser?

Empresário improvisado, o senhor bem vestido examinou o panorama geral, voltou-se indignado para o gerente:

— Mas você serviu a feijoada sem cachaça para rebater?

— Abriedeira é por fora, disse o homem, coíando o bigode.

— Sirva a cachaça, ora essa! Unha de fome!

Geraldo não queria cair no desfavor do gerente.

— Agora não é preciso. Falta só uma canoa...

— Sirva!

— Pois não, doutor!

Uma salva de palmas coroou a última garfada. Quase cem pessoas rodeavam Geraldo.

— Você era capaz de recomençar? — perguntou alguém, lembrando-se da reserva restante.

Os olhos do lidador se iluminaram. Mas o médico veio, tomou-lhe o pulso, auscultou-lhe o coração.

— Fique em pé um momento.

Com certa dificuldade, Geraldo se ergueu.

— Você está se sentindo bem?

— Agora sim, doutor.

O médico tornou a tomar-lhe o pulso.

— É, mas convém não abusar.

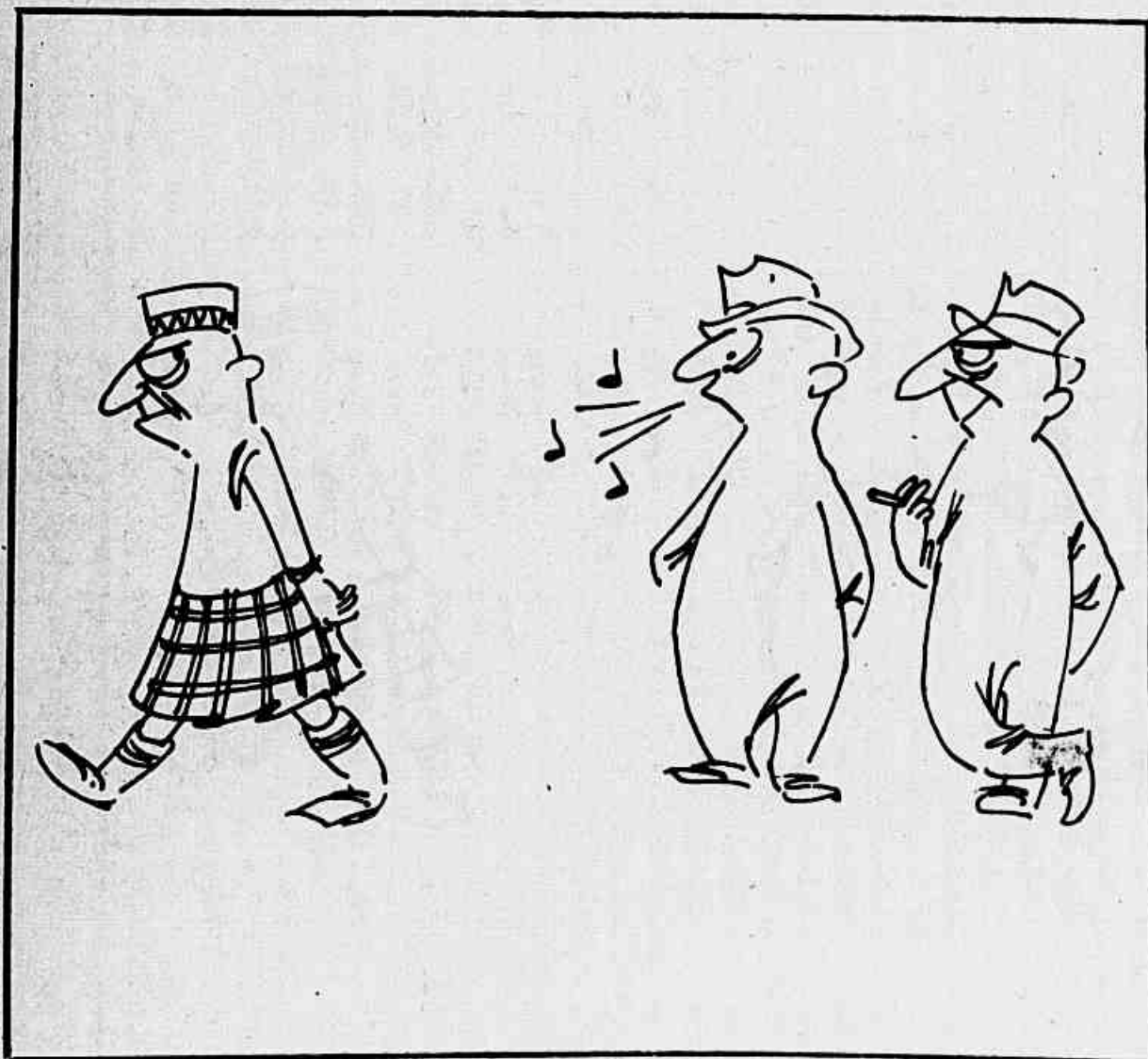
As perguntas choviam.

— Você come sempre assim?

— Quisera eu, disse Geraldo.

A gargalhada explodiu, sem que Geraldo lhe percebesse a razão. Nem entendeu a presença de um fotógrafo e a insistência do patrão para que se deixasse retratar junto às vinte "canoas". Esperou que todos se retirassem. Quando se viu a sós com o gerente, procurou explicar-se:

— Eu não falei antes, porque o senhor estava conversando com aquele doutor. Depois veio o negócio da feijoada.



indiferente à multidão

E quase em tom de súplica:

— O senhor não precisa de um garção?

...

O vespertino das massas deu o furo em página inteira. Nome do dia, sem o saber, Geraldo apareceu no restaurante à hora do almoço, atendendo ao convite do gerente, que o viu chegar, tão bem disposto, com visível surpresa. Assinou, sem entender, uma autorização que lhe estendia o homem.

— Viu seu retrato no jornal?

Estava inocente. Não comprava jornal. Olhou, espantado, os clichês, leu com esforço a reportagem, sentiu que voltava, afinal, a glória antiga das mesas de São Cosme e São Damião.

— Amanhã sai mais retrato seu, disse o gerente, mandando servir-lhe almoço por conta da casa, dessa vez bem mais modesto.

...

De fato saía. O Recreio das Virgens anunciava que a sua feijoadada era a prova de abuso. "Ingredientes escrupulosamente selecionados, confecção esmerada". O insigne comilão brasileiro Geraldo Rebouças era a sua melhor recomendação.

A glória chegava. A princípio, glória com fome, irônica. Porque a publicidade afastara, definitivamente, toda possibilidade de emprego em restaurante, seu único sonho.

— Querendo uma exibição, arranja-se. Mas emprego, néris. A casa iria à falência...

E ele passeava uma tarde a sua amargura pela Rua Larga quando um desconhecido abriu-lhe os braços:

— Sete Garfos?

Confirmou, estômago no fundo.

— Eu procuro você há quinze dias? Já almoçou?

— Ainda não.

— De agora em diante você vai comer. Tenho emprego para você!

— Garção? — perguntou, entre humilde e esperançado.

— Qual garção, qual coisa nenhuma!

— Mas eu não sei fazer outra coisa!

— Como assim? Perdeu o apetite?

— E... e... eu?

— Tem a mesma fome?

— Infelizmente.

— Pois dê graças a Deus! Você está feito! Você vai viver e dessa fome!

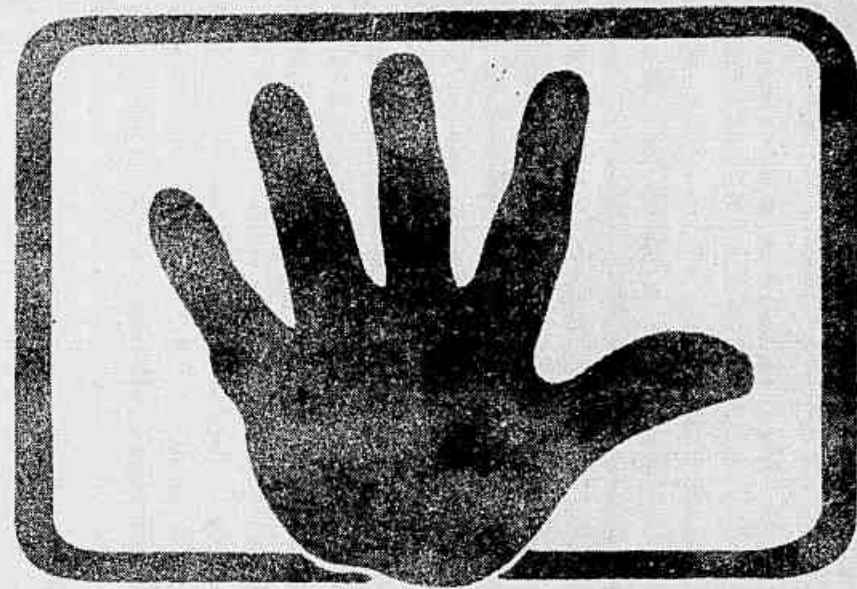
...

Vestiram Sete Garfos. Pentearam. Alimentaram. A Fábrica de Conservas Dulcimar pagou-lhe vinte mil cruzeiros por um atestado. "Os pêssegos em calda Dulcimar são tão saborosos que eu comeria cem latas como sobremesa...". À hora do pagamento o caixa quis fazer um acordo: dez mil cruzeiros em dinheiro, dez mil em pêssegos em calda, preço de revendedor. Que Geraldo ia aceitando agradecido, não fôsse a intervenção do amigo dos braços abertos. Foi pena. O que poderia ter vindo em comida o outro levou em dinheiro, por haver arranjado o negócio.

Uma indústria de peixes ao óleo ia lançar nova marca de sardinhas. Na festa inaugural, oferecida à imprensa e à sociedade, o "conhecido garfo brasileiro Geraldo Rebouças faria uma exibição de sua capacidade de apreciar os bons produtos".

Bem vestido, alimentado regularmente, Geraldo resolveu industrializar sozinho o suave dom recebido no berço. Rompeu com o amigo, aceitou um contrato de televisão. Durante duas horas comeria, aos olhos de quinhentas mil pessoas, os produtos de quatro firmas associadas para custear o programa caríssimo: as Massas Alimentícias Caboré, na meia hora inicial, meia hora de Goiabada Pescadinha, meia hora de Sardinhas Lusas, a meia hora final dedicada aos Pepinos Cornichões marca Tommy. Só não se conformava com a idéia de apenas três vezes por semana...

Mas, ao fim de um semestre de autógrafos, Geraldo Rebouças já podia ostentar uma caligrafia excelente. (Continua)



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos



Avenida São João. 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. "PRINCIPEHOTEL"

"Mil" lhe oferece:



BUZINAS Sonoras
TIMPANOS Bim-Bam
ELETRICAS - AVACUM - A AR
Colocação imediata

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO



DUCHA NOS BONITÕES:

PARA MARINA VLADY O AMOR É O MARIDO



DESCULPEM-ME os xenófobos. Vou dar um pontapé no meu nacionalismo e tomar emprestada em terra alheia a dona de um par de olhos mais felinos do que femininos, dêsses que cintilam titubeantes entre o cinza e o azul e que, quando têm alma (vá lá o furtozinho ao meu mulherengo Byron) superam todos os outros, sôbre terem sido consagrados pela grega Palas, "demasiado prudente para espiar-nos com retinas negras ou simplesmente azuis". Quem é a moça? Chama-se Maria Poliakoff. Nasceu na França, mas por um triz deixou de ser russa, o que, por motivos óbvios, muito agastará o sr. Krushev

O MARIDO É OBSESSÃO

Essa gaulesa de olhos rasgados como os de um mongol (sua família deita raízes para além dos Urais), cujos longos cabelos lhe escorrem sôbre as espáduas à boa moda do Meio-Dia, essa pequena de *Les Infidèles*, de *La Fille du Diable*, de *L'Age de l'Amour* ou da *Sorcière*, que traz à cabeça artísticas idéias e na bolsa o ambicionado prêmio Suzanne Bianchetti, essa Marina enfim de rostinho cândido, de uma *candide gravité* como já lhe declarou um entusiasta, demonstrou pelo exemplo que a arte, qualquer que





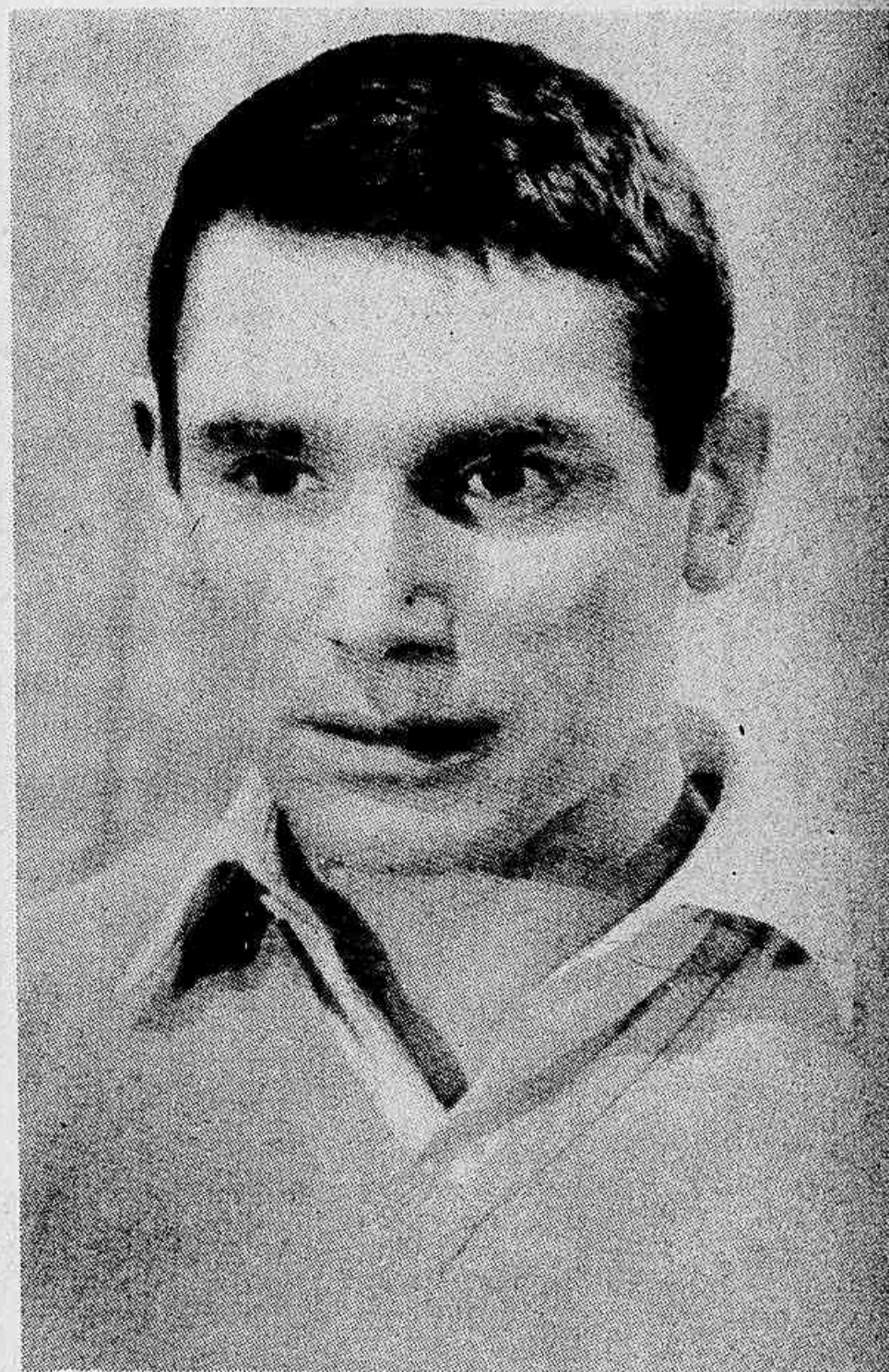
"LA SORCIERE" — No fundo, é mãe de família.

Entre a cerâmica,
o bailado,
e os gatos angorás
É ela mesma quem
nina o guri

MARINA VLADY — Khoshko quer dizer "o gato".



sej
cid
dec
vol
das
"C
I
e
Ou
pe
a
:
:
no
ko
qu
ch
o



ROBERT HOSSEIN — Ducha nos bonitões...

seja, não se incompatibiliza com o bom-comportamento e a felicidade conjugal; tendo Paris a seus pés como um escravo, agradece-lhe os aplausos mas de certo modo e sem maus pensamentos volta-lhe desdenhosamente as costas, preterindo sempre a Capital das Luzes — pelo marido. “Já não sou uma criança”, revela “Casei-me, tenho um bebê, sou mãe de família”.

Daí também a sua principal mania: colecionar os brinquedos e as roupas do filho. Outra: encher a casa de gatos angorás. Outra ainda: representar ou dizer em voz alta as peças escritas pelo Robert Hossein, cabeça do casal. E mais:

1 — Olha-se duas vezes ao espelho portátil antes de começar a filmar ou de entrar em cena.

2 — Em casa ou no campo só usa suéter e calça comprida.

3 — Nina ela mesma o seu guri.

4 — Considera de bom augúrio cantarolar (o pai era tenor) nos intervalos dos ensaios.

5 — Quando se zanga resmunga em russo e em francês.

6 — Detesta chorar. Mas reconhece que **Inogda mi plahchem, kogda nahm grustno**, que traduzido quer dizer “às vezes choramos quando estamos tristes”.

7 — Adora os nomes em voga na terra dos ancestrais. Seu filho chama-se Igor e o gato mais novo é **kohshko** ou seja mesmo — o gato.

8 — Nas horas vagas, gosta de fazer cerâmica. E nisso é consumada artista.

9 — Afora os felinos, tem um casal de cãesinhos. Mas são todos educados. Não fazem guerra aos gatos.

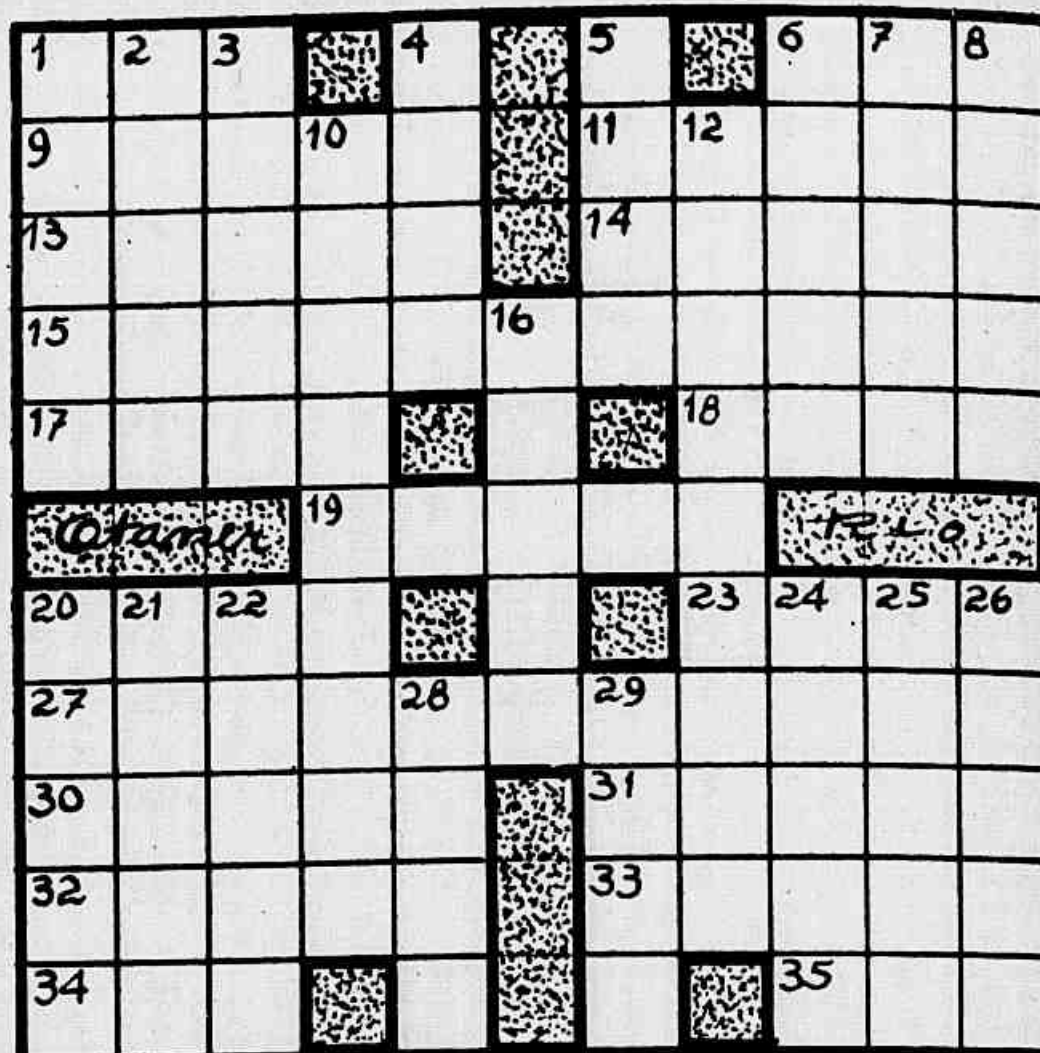
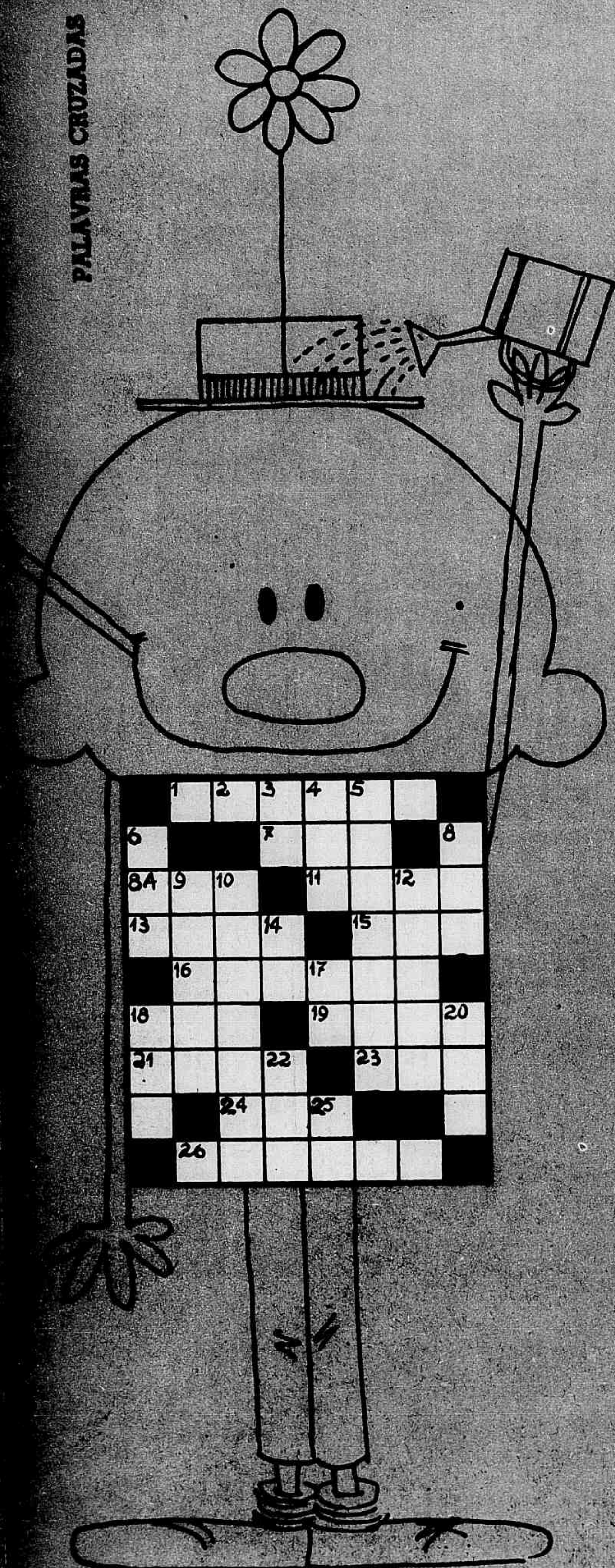
BALLET AINDA É MANIA

Outro hobby é o **ballet**; determinismo de quem teve por pai um cantor de óperas e por mãe uma bailarina. Não foi senão por acaso que ela, Marina, deixou de dedicar-se inteiramente ao bailado na meninice, quando nem o teatro nem o cinema a interessavam e quando tinha por ambição ser aprendiz de bailarina, **petit rat de l'Opera**. Frase dela: “Todos os bons comediantes passaram pelo teatro”; eis porque resolveu contracenar com **Romeu** e com o próprio Hossein, tendo feito grande sucesso pela primeira vez em **Vous qui nous jugez**.

Dela já se disse que encarna a um tempo uma jovem criatura dêste século e ainda aquela que procede de distantes e eternas civilizações, capaz assim de reunir, pelo coração, o brilho da manhã presente e

L'ombre du temps jadis.

Ah, sim: Poliakoff é o verdadeiro patronímico. Mas para o público e para mim mesmo a moça será sempre — Marina Vlady.



PROBLEMA Nº 38

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. (Franz), musicista e abade alemão (1869-25) — 6. Asa de pássaro — 9. Pessoa pouco inteligente ou perspicaz — 11. Seda da China — 13. Bramir — 14. Destemperar — 15. Amálgama de concepções heterogêneas — 17. Nome próprio masculino — 18. Reboques — 19. Caíra com ímpeto e rapidamente — 20. Popularidade — 23. Vida — 27. Mortal — 30. Nome de homem — 31. Andarism — 32. Soalheira — 33. Estilhaço — 34. Vela (de barro ou de moinho) — 35. Rio da Suíça.

VERTICAIS: — 1. Que não possui qualidades artísticas — 2. Pequena árvore para lenha (pl.) — 3. Volte — 4. Israelita, músico e compositor francês — 5. Grande barco de fundo chato, usado na Índia — 6. Que é contrário às musas — 7. Planta aristoloquiácea — 8. Grisalhos — 10. Mamífero roedor (pl.) — 12. Revolucionária — 16. Eliminei — 20. Peara — 21. Grande vaso para água, entre os antigos (pl.) — 22. Ato de violentar (mulher honesta) — 24. Abri-lhanta — 25. Espécie de tartaruga d'água doce — 26. Incluir — 28. Senhoras — 29. Moeda de ouro do Turquestão.

PROBLEMA Nº 38

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Mulato arruivado — 7. Íntimo — 8A. Pinha — 11. Afeição profunda — 13. Guris — 15. Genitor — 16. Relações amorosas — 18. Senhor — 19. Cantiga — 21. Rosto — 23. Membro de ave — 24. Bebedeira — 26. Recolher em asilo.

VERTICAIS: — 3. Escarnece — 4. Quer bem — 5. Rasgara — 6. Perverso — 8. Nome de homem — 9. Tece; enreda — 10. Índios botocudos — 12. Região coberta de vegetação no meio de grande deserto — 14. Isolado — 17. Símbolo químico do rádio — 18. Mau cheiro — 20. Rio da Suíça — 22. Aranha amazônica — 25. Outra coisa

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 37

PARA VETERANOS

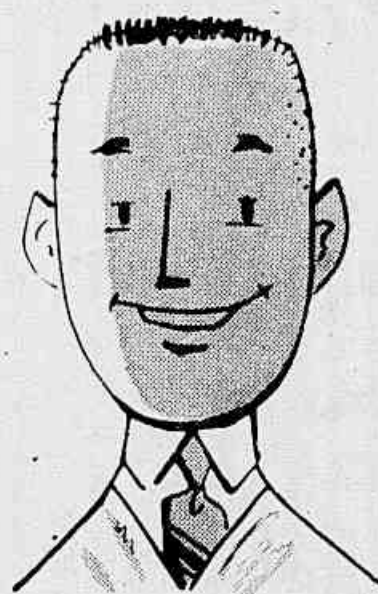
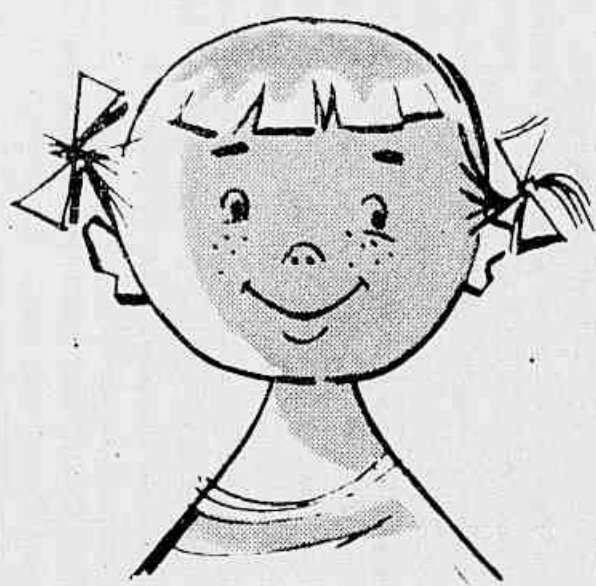
HORIZONTAIS: pôr — acepipe — cia — rol — lambedeiras — at — ria — ri — rés — ucá — lo — Ari — Hg — acatalepsia — opo — aió — ostíolo.

VERTICAIS: saim — pé — opada — ri — teor — cabrestos — principal — Cat — lar — lâmia — eis — sirga — ure — ôco — alui — hió — apor — sios.

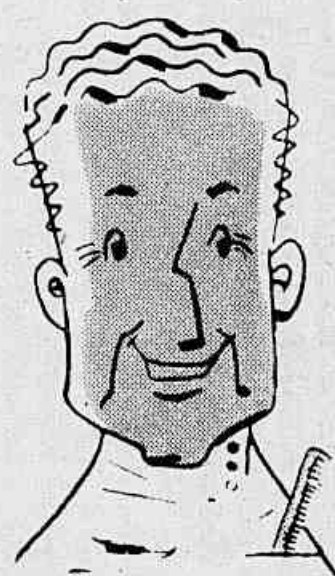
PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: li — aa — A. C. — adeusara — Max — mor — proe — elixir — orix — mar — asa — aravelas — Ra — em — lá.

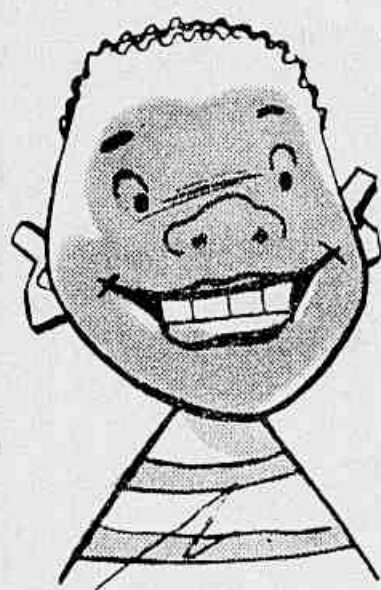
VERTICAIS: lama — ida — Au — as — aro — cara — explora — ameixal — rir — oxi — amar — casa — ara — sal — vê — em.



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

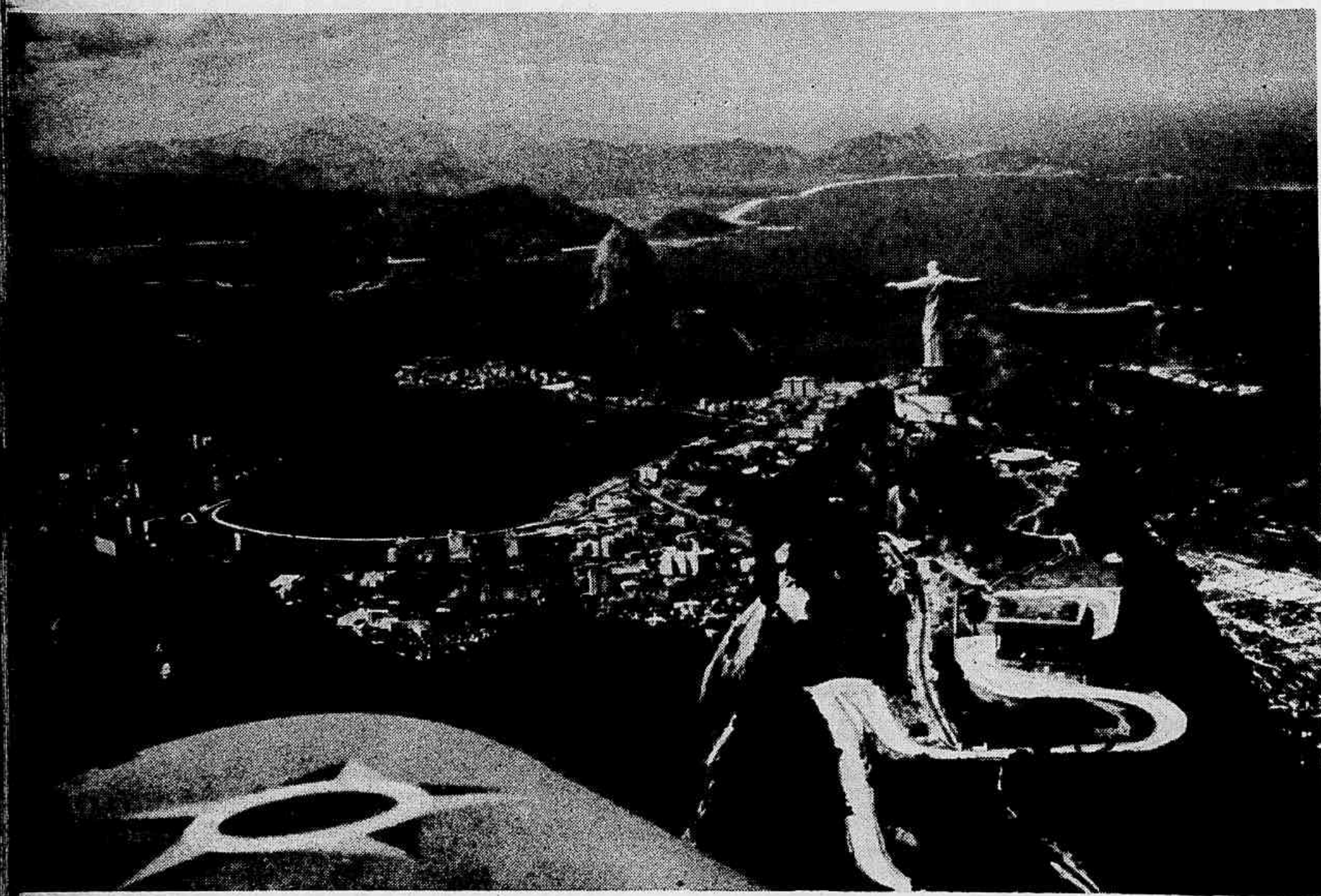
PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

encontra nas UNIDAS
— o melhor!

A CIDADE POR DENTRO

Quatro bairros contam a história do Rio de Janeiro



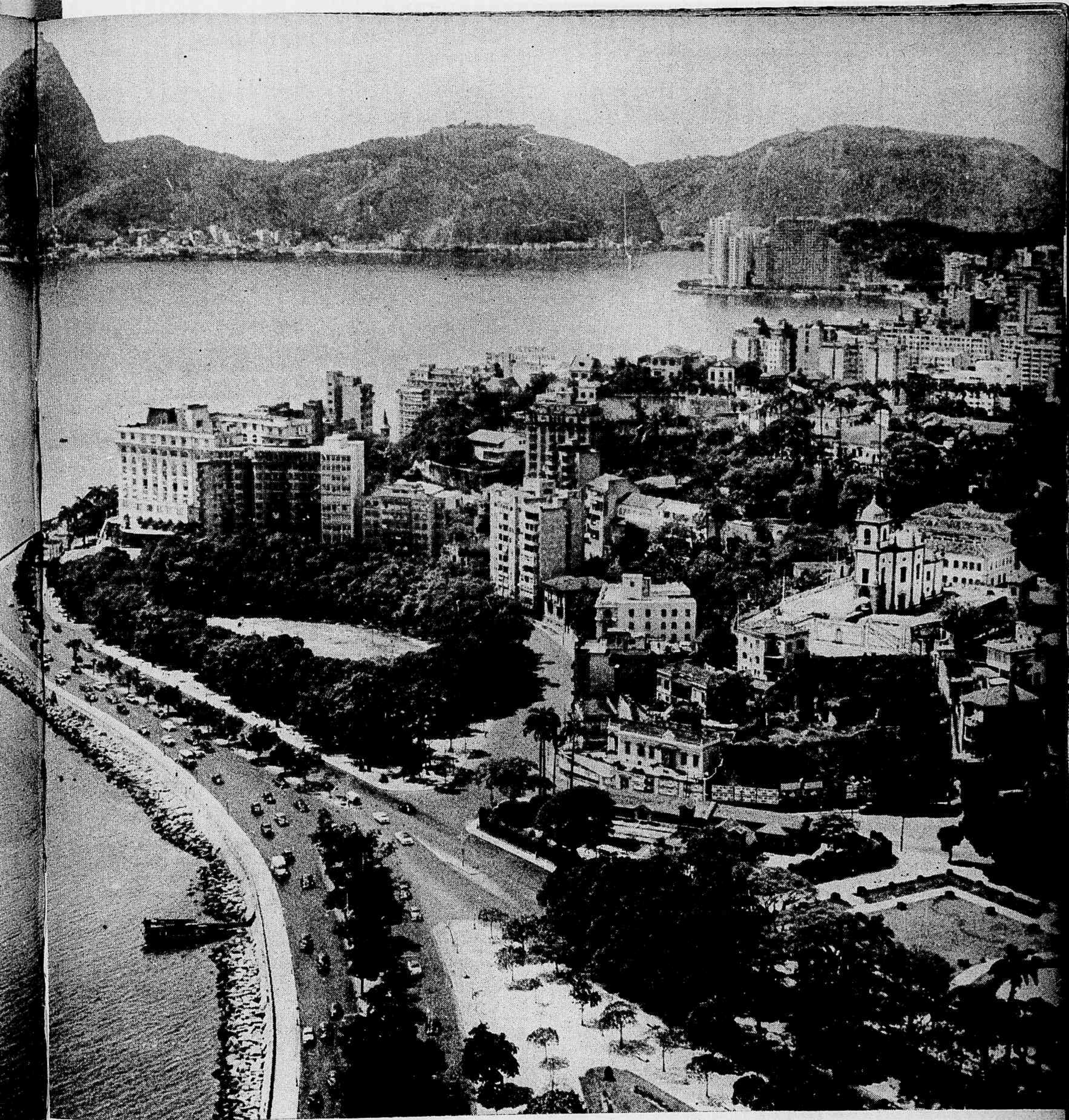
O QUE É UM BAIRRO? A gente sabe, mas não sabe dizer. Melhor mesmo é morar nêle. Depois é que se vai apreendendo o jeito, a alma, a feição de suas ruas e de todo o conjunto diferenciado das demais partes da cidade. É um pedaço da gente. E da cidade também. Neste assunto, porém, será mais acertado recorrer a certos técnicos com visão global das coisas. Quem? Os geógrafos, agora com sua Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção do Distrito Federal, empenhados em desco-

brir o Rio, fazendo com que todos também descubram a A.G.B.

RIO EQUACIONADO

O Rio está sendo vasculhado por êsses senhores (e senhoras), egressos das Faculdades de Filosofia que parecem usar lentes macroscópicas, de longo alcance no tempo e no espaço. O Rio bonito, cantado e decantado em prosa e verso — e em cartões postais — já repararam? — só agora passa

a ter consciência de seus problemas. O espírito folgazão do carioca volta-se agora mais prosaicamente para as questões de tráfego, de densidade demográfica. Todos querem saber o que é “cidade propriamente dita”, o que é “área da metrópole”, “cidades-dormitório”. Além das aperturas de alma que se sente vendo a cidade crescer para cima e para os lados com velocidade brutal e esmagadora, além do agravamento incessante do problema dos serviços da metrópole, dois fatos novos se acham no fundo



O es-
agora
e trá-
que-
mente
"cida-
as de
rescer
cidade
mento
a me-
fundo

dessa preocupação de equacionar as dificuldades do Rio: a mudança da Capital para Brasília e as próximas comemorações do IV Centenário. É preciso saber logo a quantas anda esta "leal e heróica", já que nem sabemos direito como são seus bairros.

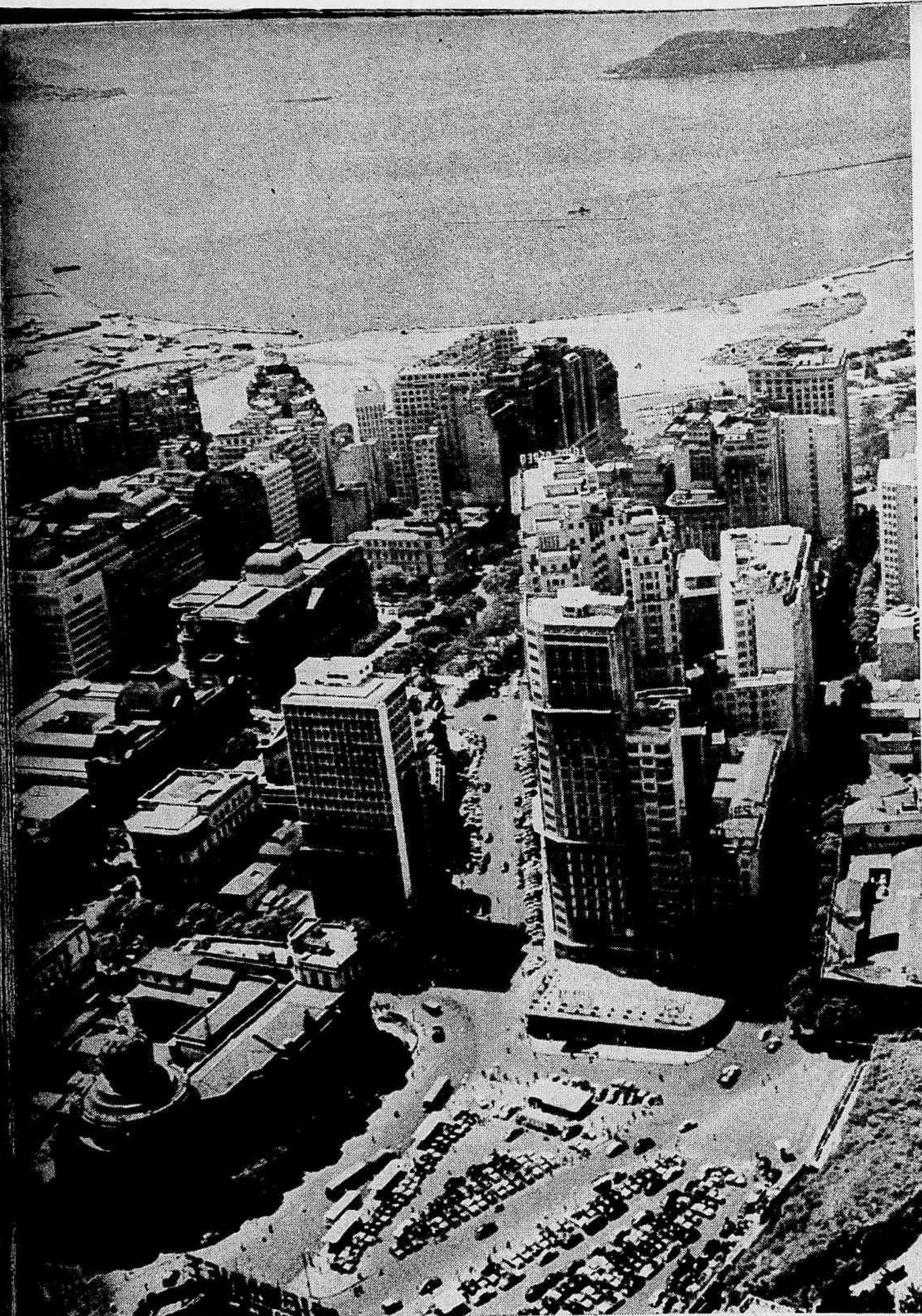
S. TERESA DAS ALTURAS AMENAS

Quem explicou os bairros cariocas, quatro deles tomados para exemplo, foi a geó-

grafa Teresinha Segadas Soares. Fêz revelações e perguntas curiosas: — Por que, salvo o da Providência, o morro de Santa Teresa é o único urbanizado do Rio? Ela descobriu, por exemplo, em suas pesquisas um pedaço de cidade italiana encravado na encosta daquele morro. Fantasia? Então, veja-se a foto da pequena colônia de peixeiros, calabreses em sua maioria, que acompanha esta reportagem. É um bairrozinho dentro de bairro maior, Santa Teresa, afinal de contas o mais "estrangeiro"

do Rio, muito procurado, sim, senhores, por causa de seu clima mais ameno. Isso mesmo foi sublinhado no estudo que estamos divulgando. Santa Teresa, de longa data, tem mais estrangeiros, e ainda hoje é assim; mais cosmopolita que qualquer outro bairro carioca, inclusive Copacabana, que vem em segundo lugar sob este aspecto.

Santa Teresa é essencialmente o morro. Está limitado por ele, por suas curvas de nível. Já no início da ocupação do bairro, foi o sítio elevado que atraiu os primeiros



Alma e geografia dos

na cidade. O difícil acesso exige que as famílias tenham automóvel, ao passo que o serviço de bondes, extenso e numeroso, tem democratizado, mas pouco, o bairro.

COEXISTÊNCIA PACÍFICA NA GÁVEA

E a Gávea? Ninguém reparara no jeito que sempre teve: bairro de função predominantemente residencial, de conteúdo social heterogêneo, coexistindo a classe proletária, a média e a rica, cada qual mais ou menos agrupada em certos locais. Os operários estão, principalmente, na rua Pacheco Leão, na estrada D. Castorina, na primeira metade da rua Marquês de São Vicente, na rua Jardim Botânico (trecho entre Pacheco Leão e rua Faro) e no início das transversais a esse trecho, que se dirigem para o talude do Corcovado. A classe média predomina nas transversais, entre a rua Jardim Botânico e a Lagoa, enquanto a classe rica se localiza nas partes mais altas do bairro. Enfim, há correlação entre os sítios geográficos e cada tipo de ocupação por classes sociais. Enquanto os abastados estão nas encostas, a classe média ocupa ruas sobre aterros relativamente recentes e os operários residem em ruas que foram antigos rios ou planícies aluviais. Aí está a geografia explicando.

E há explicação também histórica. Cedo, a Gávea teve função industrial: sediou a fábrica de pólvora mandada erigir por D. João VI. Em fins de século XIX, a fábrica de tecidos dali fez aumentar o núcleo residencial operário. Aterros atraíam, ao mesmo tempo, gente mais afortunada, que erguia casarões aristocráticos. Desses, alguns se transformaram em cortiços e chácaras, foram retalhadas para dar lugar a vilas operárias que jamais se extinguíram porque a indústria persistiu no bairro. A partir de 1920, surgiu uma geração de bangalôs da classe média, época em que se adensava a população de Copacabana e se iniciava a do Leblon. Desde então a Gávea ficou junta a esses dois bairros, pois o seu comércio era e é deficiente.

RIO ANTIGO NO ATUAL

Já a Tijuca se caracteriza por paisagem urbana menos moderna e mais aristocrática que a dos demais bairros, conservando um certo quê do início do século, quando se deu sua ocupação em massa, embora desde fins do século XIX se tornasse um bairro eminentemente residencial. E não mais uma zona de enormes chácaras pertencentes a uma elite da época imperial, como os Taunay, as famílias do duque de Caxias, visconde de Figueiredo, visconde do Rio Branco, Mauá, barão do Andaraí, etc.

moradores, não se falando nas peregrinações a uma capelinha ali existente, provocando passeios e excursões com matalotagem acondicionada em cestinhas de vime, as moças com laços de fita na cabeça, chapéus campestres de abas largas: uma aventura! Grimpava-se o morro nos "vieux temps" pelo caminho do Destêrro e pela Ladeira de Santa Teresa, a pé ou em lombo de burro. Uma sombreada trilha margeava o Aqueduto da Carioca. Passaram-se anos. Veio a rua D. Luzia em 1858. Santa Teresa povoou-se com gente do Catumbi. Um comendador Neves era o maior fã daquelas alturas e chegou a dar seu nome ao morro durante certo tempo. Na época imperial, amplos solares com janelas rasgando vistas cinemascópicas cá para a cidade. Os transportes para ali eram difíceis.

HOJE

Por causa dessa dificuldade de transporte, Deus a guarde, Santa Teresa jamais será bairro industrial ou comercial. E, apesar de morro, sua urbanização sempre acompanhou os progressos da cidade, pelo fato mesmo de estar envolvido pelo centro urbano: é bom para morar. Agora, não só a classe abastada mas também a classe média o procura. Em dez anos, a população de Santa Teresa foi acrescida de 10 000 habitantes. O total é de 71 000, embora a dificuldade de acesso determine a inexistência de serviços: praticamente, não conta com diversões, cinemas, colégios. Só pequenos estabelecimentos do comércio de comestíveis se encontram nos largos tradicionais. Quem mora em Santa Teresa faz compra

bairros: das chácaras imperiais, às amenas alturas de Santa Teresa

Suas construções, começando em 1880-1910, adensaram-se nas primeiras décadas da atual centúria. O bonde, como quase sempre ocorre, foi responsável pela ocupação maciça e pelo conseqüente loteamento, fenômeno, como se vê, não exclusivamente atual. A propalada aristocracia da Tijuca faz elastecer esse termo. É "bem" dizer que se mora na Tijuca e o nome do bairro serve também de chamariz nos anúncios de imóveis para venda ou aluguel, quando na verdade querem se referir ao Andaraí ou a outros bairros vizinhos. E apesar de apresentar aspectos novos, apartamentos e alguns edifícios altos, cinemas, confeitarias — a Tijuca conserva sua pontinha de esnobismo, ao mesmo tempo que se especializa como centro educacional, com colégios de renome. Ainda é o bairro que melhor idéia oferece do que era uma zona residencial de classe abastada ao iniciar-se o século XX, enfim, expressa um bocado do que era o Rio antigo.

SÃO CRISTÓVÃO MODIFICA-SE LENTAMENTE

São Cristóvão é outra parte da cidade, bem diferenciada. Trata-se de bairro residencial, mas de função industrial, em que pesem os seus inícios nitidamente imperiais, com os nobres da época procurando a vizinhança da Quinta da Boa-Vista, moradia dos dois Pedros. Está em vias de transformação. É uma zona típica de degradação, como dizem os geógrafos, no sentido de que não acompanha a evolução da metrópole. Verifica-se, pelos princípios da geografia humana e, mais especificamente, urbana, que se trata de uma franja pioneira do núcleo comercial como existe comumente à volta dos grandes centros metropolitanos, onde a especulação imobiliária mantém os velhos prédios degradados, os quais, por sua vez, são utilizados para fins ligados a esse centro comercial. Deveras, quem não notou ainda que em São Cristóvão são freqüentes o artesanato, as pequenas indústrias de roupas e calçados, as oficinas, os depósitos e pequenos escritórios, localizados sobretudo na rua São Luís Gonzaga? Ocorre aí, também, a estagnação do setor industrial: as indústrias se afastam para locais mais amplos, como Av. Brasil, Av. das Bandeiras, vizinhanças do Estado do Rio.

DOS IMPERIAIS AOS FAVELADOS

No último quartel do século passado deu-se um **rush** industrial para São Cristóvão. Local próximo ao centro. Bondes e trens faziam essa ligação, logo incrementada pela construção de trapiches e pôrto na praia de São Cristóvão. Com a queda da monarquia, foi a zona abandonada pela elite, seguindo-se a ocupação pela classe operária,

principalmente na rua Bela. Hoje, as favelas surgem nas zonas íngremes, nas ladeiras dos poucos morros do bairro.

O atual comércio de São Cristóvão é numeroso, mas modesto. Muito poucas construções.

EIS Aí. Cada bairro com sua história — e cada história conduzindo a conclusões — que são da geógrafa Teresinha Segadas Soares — cabíveis para todo o Rio.

Quais são? Entre muitas outras, estas:

1. Continua a luta do Rio pela conquista de novas superfícies onde se expandir.
2. Assentada inicialmente sobre pântanos aterrados, a cidade agora grimpou os morros.
3. A rápida evolução do centro da cidade reflete-se nos bairros ora mais (Gávea),

ora menos (São Cristóvão), sob o aspecto do dinamismo e remodelação moderna.

4. As modificações no conteúdo social dos bairros reflete a modificação desse conteúdo e sua repartição dentro da cidade.

5. A classe média quer, e quase sempre consegue, invadir os bairros mais aristocráticos e bonitos.

6. As classes abastadas fogem para locais exclusivos.

7. Na conquista dos morros, o comum é a favela; mas pode também ocorrer nêles a construção de grandes edifícios (Santa Teresa) e essa parece ser uma das soluções para o futuro, não obstante tais construções se façam um tanto temerária e precariamente sobre pilotis e em locais nem sempre muito seguros.

PEDAÇO DA ITÁLIA encravado no sopé do morro de Santa Teresa! Tipo acabado de adaptação (explicada pela geografia) a um ambiente assemelhado ao que se deixou para trás, este núcleo de peixeiros italianos na travessa que desce da rua Paula Matos para Riachuelo. Escadas, patamares e terraços lembram certas ruas de Roma.





AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPE



O GRUPO DE PLAYBOYS paulistas que lidera um movimento terrorista "pela degeneração dos costumes", decidiu incrementar suas atividades no segundo semestre, entusiasmado com o sucesso da razzia efetuada no bazar de caridade da "Lareira". Informações veiculadas em São Paulo revelam que um esquema de ação já foi traçado, tendo como tripé o seguinte programa mínimo: "Envenenamento das cobras do Butantan — Manhã nudista no Harmonia — Rapto do Conde Chiquinho Matarazzo".

QUARTA-FEIRA, AS CINCO horas, pajeada por Leila Dourado Lopes, Ilde Garavaglia descia a rua Sete de Setembro de saia (curta) e blusa (zebradinha), um encanto de simplicidade. Ao passar pela porta do Guaspari arrancou este comentário de um caixeiro: "Éta suburbana bonita!"

O DR. MÁRIO PINOTTI vai ganhar brevemente um genro galã, pois a Precildinha continua cada vez mais apaixonada pelo moço Paulo Araújo, rapaz que dá serviço de galã no palco, no vídeo, na tela e na cidade livre de Copacabana.

NA INAUGURAÇÃO DA fábrica Bayer, em Belfort Roxo, ninguém comeu peru, apesar do aspecto delicioso das fatias que enchiam travessas e travessas. Tudo porque a velha Colombo esqueceu de levar suas facas para o buffet da festa inaugural...

O EMBAIXADOR ASSIS Chateaubriand investiu alegremente contra a qualidade de vários quadros do Palácio São Joaquim, durante a última visita que fez a Dom Helder Câmara. Chatô considera um absurdo o Palácio exibir certas monstruosidades plásticas em suas paredes.

MARIAZINHA NADA TEM contra a glamorosa Maria Sônia Soares de Araújo, mas não gostou de ver notinhas pelos jornais, anunciando sua escolha para representar o Brasil no Festival das Américas antes mesmo de um júri eleger a representante brasileira. A escolha quase unânime de Maria Sônia 24 horas depois, lembrou muito os bons tempos do dr. Frontin: páreo mole no Derby e eleição a bico de pena...

O PREFEITO NEGRÃO de Lima confessou durante um almoço-debate organizado pelo Clube dos Diretores de Vendas a Varejo, lágrimas nos olhos, que se não escrevesse aquela discutida carta ao deputado

Carlos de Lacerda não teria mais coragem de beijar diariamente Dona Ema e despedir-se das filhas.

HISTÓRINHA EM CIRCULAÇÃO no Jockey: um industrial paulista foi apresentado a Mário Reis numa domingada do Country. Conversa vai, conversa vem, a eloquência maliciosa do Mário vai pichando meio rio, para espanto e receio do visitante. A horas tantas o paulista indaga: "O senhor é o Mário Reis, que cantava antigamente no rádio?". E o Mário responde: "Deus me livre! Aquilo fala mal até da sombra dele!"

A PRESTEZA COM que o café-society avançou nos bilhetes para a Filarmônica de Nova Iorque, transformada pelos imprevidos da moda em acontecimento obrigatório no carnet da temporada, deixou na mão muitos habitués dos concertos sinfônicos do Municipal. O jeito, mesmo de cara amarrada, foi apelar para a "retreta dos pobres" que Dona Sara patrocinou no Maracanãzinho.

A CARAVANA CARIOCA à première de "A Volta ao Mundo em 80 Dias" voltou impressionada com o espetáculo chinfrim que lhe foi apresentado em São Paulo, a título de show, antes da exibição do filme. Um desrespeito à memória de Mike Todd...

PAI E FILHO possuem o mesmo nome. No princípio do mês um antigo namorado da nora soube que júnior estava em São Paulo, a negócios, e resolveu sair do sério, bancando o engraçadinho. Telefonou ao florista, ordenou uma grande braçada de rosas e ditou um cartão pelo telefone, pedindo que o endereço fosse verificado na lista. O florista vai ao seu registro social e comete o lamentável engano, despachando rosas para a sogra da verdadeira destinatária. Resultado: até hoje o velho ainda não se reconciliou com a estupefata esposa, desconfiômetro abalado pelo cartão indiscreto: "Cada vez que te vejo, tenho saudades do que fui e raiva do que deixei de ser..." Com o cafajeste responsável pelo quiproquó na moita e o florista neutralizado pelo sigilo profissional, Mariazinha toma a iniciativa e narra o caso, certa de que para bom entendedor sua palavra basta. Doutor: madame está mais inocente do que a pomba de Picasso...

DEPOIS DE SUA aparição na TV, de jaula, cantando para um leão bem comportado, Norminha Benguel está merecendo do Lion's Club o título de "domadora honorária", ainda que as domadoras oficiais fiquem umas feras com a homenagem...

A HOMENAGEM DO JOCKEY CLUB AO GOVÊRNO DA CIDADE



Um aspecto do Salão das Rosas tomado durante o almoço, vendo-se a rica ornamentação da mesa.

O GRANDE PRÊMIO PREFEITURA Municipal é uma das provas clássicas destacadas do seu calendário turfístico. Foi ele realizado no segundo domingo do mês com muito brilho e diante de público numeroso. Venceu-o **Nando**, do Stud Waldyr Alves, cujo titular, como o treinador e o jóquei, Paulo Morgado e Manoel Bezerra da Silva, respectivamente, receberam, entre palavras encomiásticas do prefeito carioca, lindas taças de prata.

Antes das provas, ao governador da metrópole foi oferecido pela sociedade um almoço, no Salão das Rosas. O prefeito Francisco Negrão de Lima, seu secretariado e outras altas autoridades municipais, como os presidentes da Câmara Municipal, vereador Celso Lisboa; do Tribunal de Contas, ministro Gama Filho; do Banco da Prefeitura, dr. Euclides Carvalho, sentaram-se à mesa, em torno da diretoria e membros dos vários conselhos do Jockey Club Brasileiro. Ao "champagne", o dr.

Mário de Azevedo Ribeiro, em nome da sociedade que preside, saudando o prefeito, seus secretários e vereadores presentes, depois de falar da colaboração que o Jockey Club Brasileiro procura prestar ao poder público (na esfera municipal, a manutenção de sua escola primária, o auxílio ao aparelhamento do Banco de Sangue, o enriquecimento do patrimônio da cidade, com a construção do majestoso Hipódromo Brasileiro e da nova sede social em andamento, são dignos de nota), declara que todos seus esforços seriam baldados, não fossem o alto descortino e a perfeita clareza que sempre demonstraram o Executivo e o Legislativo municipais, amparando-o nas suas legítimas aspirações. Concluiu o orador dizendo que "naquela homenagem sincera de apreço e reconhecimento o Jockey Club Brasileiro se congratulava pela presença de tão eminentes convidados". O presidente da Câmara Municipal, dr. Celso Lisboa, de improviso, disse, também, do seu contentamento e de

seus colegas pela homenagem que era prestada ao prefeito e com ela se solidarizava.

Finalizando o ágape falou o prefeito Negrão de Lima, agradecendo as palavras dos oradores que o precederam. Sobre a homenagem do Jockey Club Brasileiro disse s.s. que era uma tradição a que o dr. Mário de Azevedo Ribeiro punha a fina galanteria do seu espírito e cultura. Exaltou o papel da grande sociedade turfista, conhecida universalmente, na sua ação benéfica esportiva, social e econômica. Por fim, depois de dar impressões da recente visita ocasional que fizera à Escola Primária do Jockey Club Brasileiro "que é um dos estabelecimentos de ensino padrão dos mais bem instalados do mundo", disse que o presidente do Jockey Club Brasileiro desempenha o papel de um segundo prefeito da cidade, pois nas suas relações públicas colabora com a administração municipal na recepção de visitantes ilustres, dando-lhes a impressão nítida da cultura e civilização da nossa metrópole.



Um grupo no Salão das Rosas, vendo-se, a contar da direita, os srs. Francisco Negrão de Lima, Mário de Azevedo Ribeiro, Gonçalves Pena, Celso Lisboa, Francisco Eduardo de Paula Machado, Luiz da Gama Filho e Luiz Gonzaga da Gama Filho.



Abraçam-se cordialmente o presidente do Jockey Club e o prefeito da cidade, após o discurso em que o sr. Mário de Azevedo Ribeiro saudou as autoridades metropolitanas. Aparecem na foto os srs. Luiz Gallotti e Sá Freire Alvim.



h
c
e
f
r
d
c
a
c
li
c
p
C
c
R
d
n
g
V
fi
a
r
d
s
c
N
q
si
b
m
v
d
t
d
L
s
ta
te
ca
fr
Q
le
M
e
fa
ze
ba
w
R
se
qu
da
en
qu
já
sa

encontro



com chuck

ENCONTRO cada vez mais entre o público e Norma Benguel. Quem foi ao encontro de quem? Vocês a procuraram, ou ela se fez apresentar sem mais aquela?

A resposta cautelosa (quem vive à noite faz da cautela sua principal virtude...) seria dizer que houve uma aproximação gradual de parte a parte. Mas... ao vento com cautela: quem apresentou Norminha a vocês foi a Imprensa.

O colunismo mundano no Brasil veio conseguir — no seu campo — o que os políticos da demagogia não conseguem no campo deles: nacionalização. No meu tempo de menino, eu lia histórias sobre Clark Gable, Greta Garbo, Bette Davis; tomava conhecimento de desquites Vanderbilt e Rockefeller; ria quando Winchell, falando de Gene Fowler (maior biógrafo mundano das duas últimas décadas, autor da biografia, por exemplo, do prefeito Jimmy Walker, que vocês acabam de assistir em filme com Bob Hope) dizia que Fowler após uma bebedeira com John Barrymore, resolvera atirar nos patos de Central Park da sua janela, fuzilando por engano a traseira de um cavalo da polícia, sendo preciso a intervenção do então Governador de Nova York, Franklin Delano Roosevelt, para que Fowler e Barrymore não fôssem presos.

Hoje, vocês (e não pensem que "vocês" significa 500 pessoas sentadas em Copacabana — o colunismo, como a televisão, tem mais público na zona norte), repito: hoje, vocês lêem sobre Silvio Caldas, Elizete Cardoso, e Norma Benguel; seguem os desquites Guinle ou Spitzman Jordan; riem quando Baby Pignatari organiza um "Go Home Linda".

Pensem no que perderam... não lendo sobre a vez em que Fernando Ferreira, sentado na Urca com Virginia Lane, sendo interpelado por um irmão do ditador, cercado pela Polícia Especial, levantou-se friamente e abriu o casaco para que se Qusessem atirar, acertassem seu peito... lendo sobre as façanhas diárias de Edu, Marlozinho, Carlos, Cássio, Niemeyer, Enoy e tantos outros, que aqui mesmo no Rio faziam notícias de bravura, de brilho de luzes de marquises teatrais, de tragédias de bastidores.

Mas agora, que importa se a Metro Goldwyn Mayer lança uma "starlet", se "Bobo" Rockefeller ainda briga com o ex-marido, se Mickey Rooney acaba de divorciar-se da quarta esposa? Vocês sabem que nasceu da noite para o dia Marly Tavares e que em seguida estourou o tornozelo em cena quando a chance pela qual tanto esperava já estava na soleira de sua porta; vocês sabem que Norma Benguel que canta numa aula de leão na televisão tem um cachor-

so que por ser preto e ter um topete parecido com um chapéu, é chamado de "Negrão"...

NORMA BENGUEL apareceu no Copacabana Palace, uma das emancipadas de "Fantasia e Fantasias" de Caribé da Rocha. Naquele tempo, seu nome ainda era escrito Bengell, mas todos a conheciam como "Norma Nenen"... uma menina um pouco gorda, de unhas roídas até o sabugo. Malcriada que era o diabo. Dali em diante foi rotina, um pouco de noticiário, um lugar melhor no elenco. Mas o ponto crucial veio no fim do ano passado: Norma chegara ao máximo da vedetinha. O passo para o estrelato era grande. Ao seu lado, disparando, havia uma novata de grande argúcia e beleza invulgar: Elizabeth Gasper.

Elizabeth tinha o que Norma não tinha: disciplina. As "brincas", os "cachos", as "focacas" estavam levando Norma à rescisão. Na imprensa retratos diários de Elizabeth Gasper, nos bastidores reclamações noturnas de Carlos Machado sobre Norma. O gênio de Benguel seria aceito numa estrela, mas nunca numa vedetinha.

Então, aconteceu o empurrão que jogou Norma ao estrelato e, por estranho que pareça, não foi em relação a seu talento, mas por causa da beleza. Nas reportagens diárias que eu fazia para os "Gatos Pardos", uma mudança surgiu na opinião das pessoas: consideravam Norma Benguel e não Elizabeth Gasper a "Artista mais atraente do ano". A votação em Norminha atingiu e ultrapassou a em Elizabeth.

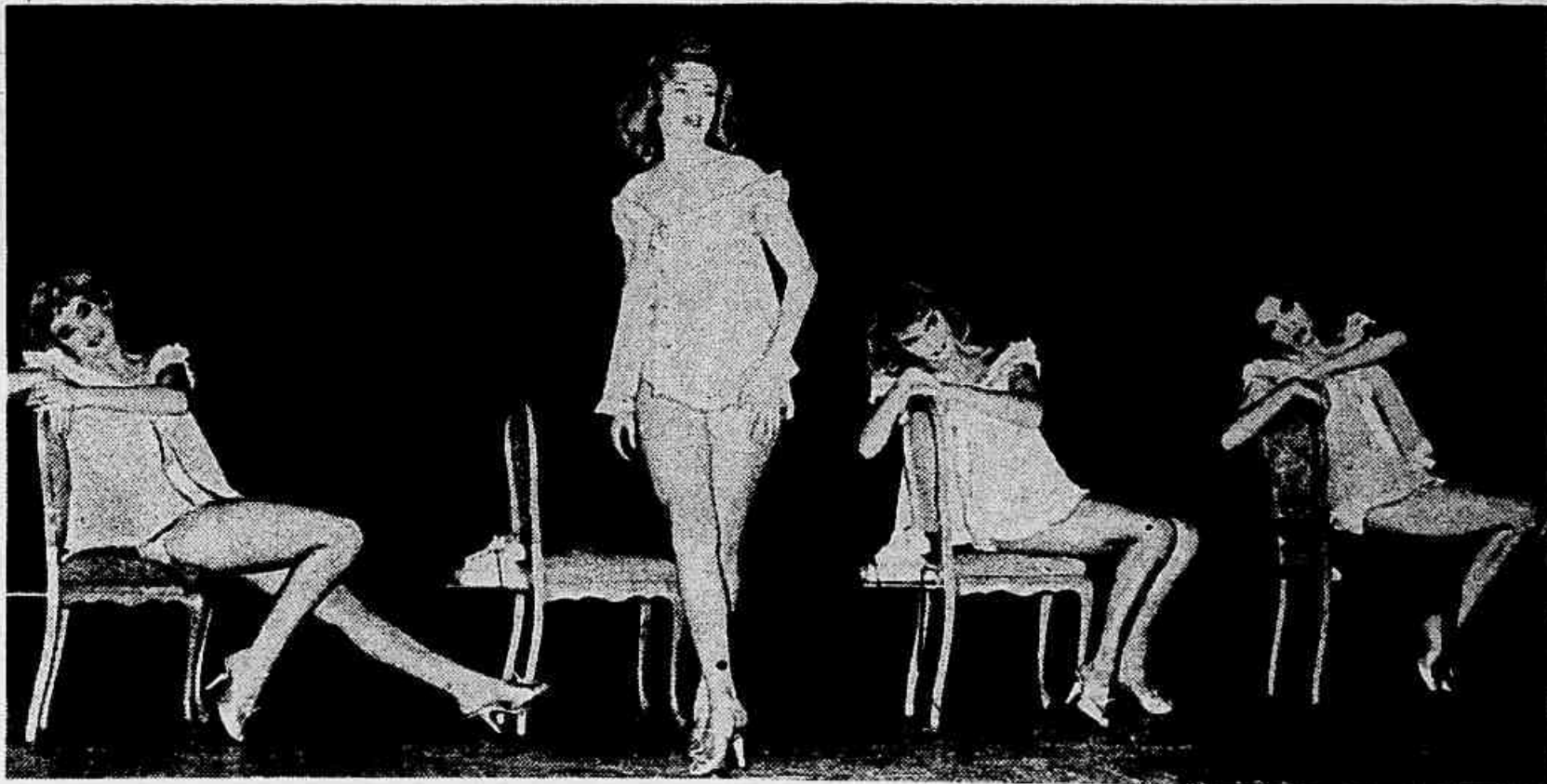
"Aquilo foi na honestidade, ou foi consequência da tua briga com Elizabeth?... " perguntou Machado. Respondi: "Carlos, tu lêste diariamente as opiniões das pes-

soas. Quem tiver dúvida, basta passar no jornal e consultar a coleção, contando os votos". Machado ficou olhando para o teto, com o cigarro na mão, cotovelo levantado à altura do ombro. "E... mandar Silvia Fernanda ou Carmen Verônica para Punta del Este vai dar trabalho..."

Em Punta del Este, o empresário Edmundo Klinger resolveu oferecer ao público um espetáculo extra, além do "show" de Machado. Lançou a estrela do elenco cantando sozinho como segundo espetáculo da noite. E quem era a estrela do elenco? Norma Benguel.

De volta ao Rio, — saltando no aeroporto de turbante, carregando um cachorro, um álbum de recortes, uma caixa de chocolates e seguida por um vestidor do elenco que trazia além de seu "manteau", uma "corbeille" — Norminha apresentou-se sozinho no "La Boheme". Ela não gostou muito que eu tivesse dito que era um lançamento temerário, até que descobriu que havia pessoas que iam assisti-la para saber se era ou não temerário. No "Club 36", Norminha não gostou quando eu disse que a censura havia proibido seu vestido, até que descobriu que havia gente que ia assisti-la para ver o tal vestido.

Agora, Norma já acredita em publicidade. Foi ela mesma que me contou a última história sobre seu cachorro: "Negrão tem mania de se deitar no sofá quando eu saio. Todas as vezes que eu chegava em casa, tinha que bater nele. Anteontem quando eu cheguei, ele estava no chão, mas passando a mão no sofá, notei que estava quente: Negrão apanhou de novo. Pois ontem, quando eu cheguei, ele estava em pé nas patinhas de trás, soprando no sofá para esfriá-lo..."



*Em qualquer
setor de negócio*

**a segurança
é lucrativa**

A FORTALEZA
COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS

Há um fator que influi na expansão e no aumento de produção e eficiência dos negócios, no ritmo atual de progresso, podendo ainda afetar a economia doméstica: a segurança. E o seguro é segurança! Previna, para não ter que remediar — faça um seguro. Veja, entre estas modalidades, quais as que lhe proporcionam cobertura adequada, no caso de ocorrer o sinistro:

INCÊNDIO

LUCROS CESSANTES

TRANSPORTES

Outros ramos em que opera

Responsabilidade civil

Acidentes de Trabalho

Acidentes Pessoais

SUCURSAIS E AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

RIO DE JANEIRO

Rua da Assembléia, 72 - 5.º and. - Tel. 32-6868

O BILHAR FESTEJA TREZENTOS ANOS DE EXISTÊNCIA

DURANTE CINCO DIAS, Cannes, cidade-rainha da Côte d'Azur, adornou-se com um outro título, o de capital européia do bilhar. Foi, com efeito, em volta do tapête disposto no suntuoso Palácio de Miramar, que se desenrolou o campeonato da Europa de bilhar: "Nas três tabelas". Nove homens disputaram-se o título representando sete nações. O bilhar festejava, assim, os seus trezentos anos de existência ao sol de "A Cruzeta"!

UM POUCO DE HISTÓRIA — Se o bilhar só conheceu uma grande vulgarização sob o reinado de Luís XIV, assinala-se, entretanto, o seu aparecimento nos meados de 1510 e nenhum historiador, digno desse nome, ignora que Sua Majestade Luís, décimo-terceiro de nome, professou um gosto muito pronunciado por esse nobre jogo. O rei consagrava-lhe quatro horas por dia, em qualquer circunstância que fosse, tivessem até mesmo os negócios de Estado que sofrer, por isso, algum atraso.

O Larousse do século XX ensina-nos, por outro lado, que, em Versalhes, a sala hoje conhecida sob o nome poético de "salão de Diana" achava-se decorada com ricos brocados com fundo de ouro bordado de prata e que os próprios bilhares estavam adornados de veludo verde com franjas de ouro. Obra do grande mestre Olivier, o bilhar com o qual o Rei-Sol se iniciou nos sortilégios das "três tabelas" estava iluminado à vela.

Nessa "época encantadora", o bilhar não demorou em tornar-se, nos palácios, nos castelos e nas residências da burguesia altamente colocada, um móvel, de alguma sorte, indispensável, um sinônimo de conforto. Até ao derradeiro suspiro da monarquia, o bilhar constituiu bom-tom. A "pequena história" ensina-nos, aliás, que Maria Antonieta possuía um taco de bilhar, feito com um único dente de elefante, incrustado de ouro, fruto do trabalho dos maiores ourives.

Um detalhe pitoresco naqueles tempos, os tacos que traziam o nome de bilhar eram bengalas que terminavam em corôna (o

taco reto, de inspiração puramente republicana, data do nosso século). Passaram-se os anos e o bilhar entrou nos costumes populares, sem perder do mesmo modo, o seu lugar nos salões.

UM "VIRTUOSE" DO BILHAR — É coisa quase impossível, falar de bilhar sem evocar o grande campeão que foi Charles Faroux. Hoje em dia, portanto, o seu nome teria caído no olvido mais completo se não existissem, ainda, alguns "iniciados", dos quais o nosso confrade Géo Lefèvre que se compraz em relatar a anedota que se adapta ao seu motivo.

Théo Vienne, esse homem extraordinário que, com Victor Breyer, introduziu o Boxe inglês na França e foi o organizador das grandes noites do circo de Paris, tinha organizado um salão da "Grande Roda", uma filiar de bilhar que evidenciava Faroux defender seu título de campeão mundial de bilhar contra o campeão da Bélgica, Sels.

Faroux, em superforma, dominou o seu adversário com uma tal autoridade que quando atingiu o repouso, depois dos duzentos pontos a (partida realizando-se em quatrocentos) tinha assegurado um avanço com bastante margem de conforto. A sua vitória não oferecia dúvida alguma para a maioria dos espectadores quando uma cena inesperada se produziu: sofrendo de uma intoxicação alimentar, Faroux esteve, no espaço de alguns minutos, como que vítima de violenta crise de urticária. Não obstante, reiniciou a partida com grande coragem, mas, realmente, estava por demais preocupado para poder aguentar a luta nesse gênero de exercício que exige um enorme domínio de si-mesmo.

Batido sem remissão, Faroux, no cúmulo do desespero, viu desaparecer seu título. Título que não tornaria a reconquistar a não ser em 1919. Com sua coroa reconquistada, ele reencontrava uma nova juventude que lhe permitia, em 1923, estabelecer o recorde do mundo (como amador) no quadro de 45, numa média de mais de 35 pontos.

G

GRANDE GALERIA

C

ÁSSIO MUNIZ

apresenta:

As maiores sensações,
os assuntos mais empolgantes,
as entrevistas mais atuais,
os cartazes mais famosos.

Produção de Antônio Maria,
sob a direção de
Jair de Taumaturgo,
tôdas as sextas-feiras,
às 20 horas,
numa oferta de



CÁSSIO MUNIZ



A VOLTA AO MUNDO EM OITENTA DIAS

UM NUMEROSO GRUPO de críticos cariocas, a convite do exibidor Paulo Sá Pinto e da United Artists, esteve em São Paulo a fim de assistir à "avant-première" no Brasil de "A Volta ao Mundo em 80 Dias", que inaugurou um novo cinema do circuito da Empresa Cinematográfica Paulista. No aeroporto, os jornalistas do Rio foram recebidos por seus colegas paulistas, prolongando-se por todo o dia essa festa de confraternização, de que participavam, ainda, críticos de cinema vindos de outros Estados. A exibição do filme de Michael Todd se realizou no cinema Rivoli, de lotação média (cerca de 800 lugares), porém de alto luxo. A seguir, a caravana visitou o cinema Olido, mais amplo e o que inaugurou no Brasil um novo tipo de exibição, com cadeiras numeradas e "show" no palco antes do filme. Os cinemas, em São Paulo, estão livres das restrições que a Cofap continua impondo aos do Rio e, por isso, tornou-se possível aos exibidores paulistas a ampliação de suas casas e seu programa. Restabeleceu-se a separação de linhas de exibição, havendo já cinemas (como o Olido) que cobram 40 ou 50 cruzeiros por entrada. "A Volta ao Mundo em 80 Dias", que constitui um caso especial em toda a parte, está sendo apresentado, nessa altura, a 100 cruzeiros por cabeça.



Charles Boyer



Buster Keaton



Peter Lorre



Victor McLaglen

POUCOS FILMES, em toda a História do Cinema, tiveram a repercussão que **A Volta ao Mundo em 80 Dias** vem provocando há cerca de dois anos e continuará a fazê-lo por muito tempo ainda. Em Nova Iorque, permanece até hoje em cartaz. E hoje, também, já tem uma coleção de mais de 50 prêmios obtidos em todas as partes do mundo. Foi considerado o "melhor filme" de 1956 pelos críticos de Nova Iorque, pela Associação dos Correspondentes Estrangeiros de Hollywood, pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas. Esta, além desse "Oscar", lhe conferiu mais quatro, referentes ao melhor "script" (de James Poe, John Farrow e S. J. Perelman), melhor coordenação, melhor fotografia em cores (Lionel Lindon) e melhor fundo musical (Victor Young). Na bilheteria, o filme de Michael Todd avança sempre, tendo-se colocado já entre os primeiros na lista dos "campeões de todos os tempos" e mantendo maiores possibilidades de vir a superar o record absoluto de **E o Vento Levou** do que, por exemplo, a versão nova de **Os Dez Mandamentos**, o maior hit de Cecil B. DeMille.

TODD: A GLÓRIA DUROU POUCO

Para Michael Todd, o produtor que, sem maior experiência no cinema, superou, de golpe, a linha dos mais hábeis e treinados de Hollywood, essa glória não teve longa duração — mas foi extraordinariamente intensa até a noite de março último, quando seu avião particular, no meio de uma tempestade, espatifou-se, arrastando à morte, também, o escritor Art Cohn, com o qual Todd estava discutindo os detalhes de sua produção n.º 2 — uma versão do **Don Quixote**.

Entre o início da filmagem de **A Volta ao Mundo em 80 Dias** e o desastre de março, foi também intensa em outros setores a vida de Mike Todd. Nesse período, ele, que vinha mantendo um romance com a atriz Evelyn Keyes (por sinal numa "ponta" do filme — a pequena que flerta com Cantinflas em Paris), trocou a ex-mulher dos diretores John Huston e Charles Vidor pela ex-mulher de outro Mike, a bela, muito bela Elizabeth Taylor. Algum tempo depois da estréia de seu filme, Todd tornava-se pai pela segunda vez, já que tinha um filho (homem feito) de um casamento anterior.

Quase se pode dizer que Michael Todd, ao tomar tantas medidas importantes em tão pouco tempo, sabia que, em breve, ia morrer.

JÚLIO VERNE, NA ORIGEM

Baseou-se o produtor no romance de Júlio Verne, de cuja adaptação encarregou os cenaristas James Poe e John Farrow (este mais conhecido como diretor) e, ainda, o famoso humorista S.



Martine Carol



Red Skelton



Frank Sinatra



George Raft



Jack Oakie



Glynis Johns



Gilbert Roland



Ronald Colman

J. Perelman, a quem se devem, provavelmente, os momentos mais cintilantes dessa longa aventura, que fica na tela, precisamente, 177 minutos, não contando os dez ou doze finais, com os títulos de Saul Bass. A história se desenrola em 1872 e sai de Londres, para acompanhar o intrépido Phileas Fogg e seu excêntrico criado Passepartout em uma viagem ao redor do mundo — que, para Fogg ganhar a aposta com seus companheiros de "Reform Club", teria de ser feita no máximo em 80 dias.

Na época em que Júlio Verne viveu isso era quase impossível — mas era absurdo, também, que o homem pensasse em andar debaixo d'água ou acima do solo, ou tentar alcançar a lua. O escritor francês foi, sem a menor dúvida, o pai da "science-fiction", e, assombrosamente, poucas são as suas previsões que ainda não tiveram confirmação. Falta apenas, para que toda a obra de Verne se complete no setor da antecipação, que Werner von Braun leve o homem à Lua, como Méliès já fez — e como parece estar prometendo o cientista alemão.

E LOGO NO INÍCIO, MÉLIÈS

A fita começa com uma mistura de documentário científico e retrospectiva cinematográfica. Nesse prólogo, Todd teve a excelente idéia de inserir, em versão completa e original, **A Viagem à Lua**, realizada no começo do século por George Méliès, o grande pioneiro (francês) do cinema, e também "inspirada" em Júlio Verne. Depois de Méliès, vem Werner von Braun — a ligação está feita, quando sobe um foguete para o espaço. A aposta de Phileas Fogg, embora não o leve a prometer a Lua a ninguém, pode ter início.

Méliès, cumprida a missão de "descobridor" de Verne para o cinema, pode ir embora. **A Volta ao Mundo em 80 Dias** que vai ser descrita — em tela ampla e em cores (mas não no sistema patenteado pelo produtor, o Todd-AO) — é a de um cinema que já domina a técnica até o detalhe mais insignificante. Mas sem apagar o valor do "primitivo", do qual depende, aliás, nessa cadeia de reações que fazem todo o processo de evolução.

NO MEIO, UMA CONSTELAÇÃO

David Niven, ressuscitando a fleuma otimista de Phileas Fogg, o Cantinflas, ressuscitando Cantinflas no papel de Passepartout — estes são os heróis, o consciente e o inconsciente, de uma aventura que nunca pára de andar, sempre no rumo do oriente, de Londres a Londres. Em Suez e na Índia, dois outros personagens assomam também ao primeiro plano — um detetive da Scotland Yard, que está certo de que Phileas é o assaltante do Banco de Londres

(Robert Newton), e uma princesa indú (Shirley MacLaine), que estava a ponto de ser torrada junto com o marido morto quando Cantinflas intervém — e que, no fim, se casa com Phileas, acompanhando-o na volta a Londres.

Esses são os personagens do filme, mas muitos são os atores famosos que o público pode identificar, aqui e ali, em todo o desenrolar da narrativa. É uma das maiores atrações do "show" regido, por determinação de Michael Todd, pelo diretor inglês Michael Anderson. Convidado a fazer, quase de três em três minutos, essa identificação, o espectador mal percebe os desvios da história para a paisagem, que é um dos defeitos da produção.

Assim, podem ser vistos em Londres: Noel Coward, John Gielgud, Trevor Howard, Robert Morley, Finlay Currie, Glynis Johns, Hermione Gingold, Basil Sydney, Ronald Squire, Walter Fitzgerald. Em Paris — Martine Carol, esbofeteando Cantinflas na rua, Fernandel (cocheiro), Evelyn Keyes, Charles Boyer. Em Espanha — Gilbert Roland e César Romero, o dançarino José Greco, o toureiro Luís Miguel Dominguín. Em Suez — Alan Mowbray. A bordo do navio que vai a Bombaim — Sir Cedric Hardwicke, Melville Cooper, e, na Índia, Ronald Colman e Reginald Denny, com Mike Mazurki, Charles Coburn, Peter Lorre, em Hong Kong. Chegando à América, em San Francisco, o maior choque: no mesmo "honky tonky", as pernas fabulosas, depois o corpo todo de Marlene Dietrich, o ar sinistro de George Raft, Red Skelton comendo e Frank Sinatra ao piano; e, no "meeting" político, John Carradine. No Oeste selvagem, os índios hostis, que atacam o trem — e Buster Keaton, Joe E. Brown, Tim McCoy. Na viagem de volta, pelo "Henrietta" — Jack Oakie, Victor McLaglen e Edmund Lowe, Andy Devine. E em Londres, a vitória e o fim.

MAS O "HAPPY-ENDING" É DE SAUL BASS

A aventura termina, mas o filme ainda prossegue. São dez ou doze minutos de Saul Bass — e, em consequência, de alto nível artístico de incomparável originalidade e indiscutível valor. É o ponto mais alto de **A Volta ao Mundo em 80 Dias** — um resumo gráfico de tudo o que aconteceu e com os nomes de todos os que fizeram a fita simbolizados por figuras ou traços num ritmo alucinante. Saul Bass, o grande artista dos títulos (consagrado com os que inventou para **Carmen Jones**, **O Pecado Mora ao Lado**, **O Homem do Braço de Ouro**, **Santa Joana**), aí supera a si mesmo — e derrota, com isso, quantos já se ensaiaram no desenho animado ou em coisas semelhantes, desde Disney até a UPA de Bosustow. Superando a si mesmo (e a todos os seus colegas), Saul Bass também se eleva a um nível a que a narrativa propriamente dita não o acompanha.

ADEUS, MR. DONAT

CINEMA

UMA VELHA INIMIGA, que já havia forçado Roberto Donat a rarear suas aparições no palco e na tela, acabou vencendo o ator na luta que se prolongava por mais de vinte anos. Não foi bem a asma, mas uma complicação dessa doença que veio a causar, com uma síncope cardíaca, a morte do grande intérprete de **Adeus, Mr. Chips**, ocorrida enquanto ele dormia num hospital de Londres, numa meia-noite da semana passada.

Robert Donat tinha 53 anos de idade, completados a 18 de março, e há 26 estava no cinema, tendo estreado em filme de Alexander Korda, **Men of Tomorrow**. Mas desde 1921 já era ator de teatro, a princípio na província, como integrante da companhia de Sir Frank Benson, depois em Londres, onde começou em 1930. No cinema, a sua fama só fez crescer desde que ele apareceu — em papel mais importante que o do também novo Laurence Olivier — no filme que significou a glória para Charles Laughton, **Os Amores de Henrique VIII**, uma das produções mais ambiciosas de Korda. Pouco depois, Donat era convidado por um produtor de Hollywood (Edward Small) para fazer o papel de Edmond Dantès, na versão falada mais conhecida de **O Conde de Monte Cristo**, em que a heroína era Elissa Landi, falecida há muitos anos.

Antes da guerra, Robert Donat conquistou seus maiores triunfos cinematográficos. Foi o protagonista (com a muito bela Madeleine Carroll ao lado) de um dos grandes "thrillers" — senão o mais célebre — de Alfred Hitchcock, **Os 39 Degraus**. A seguir, numa comédia também célebre, **O Fantasma Camarada**, foi dirigido pelo maior dos diretores franceses, René Clair, que fazia então uma curta temporada na Inglaterra. E consolidou definitivamente seu prestígio com dois filmes produzidos em Londres pela Metro: **A Cidadela**, dirigido por King Vidor e baseado no "best-seller" de A. J. Cronin sobre a classe médica; e **Adeus, Mr. Chips**, que lançava Greer Garson, e com o qual, sob a direção inspirada do desaparecido Sam Wood, o ator ganhou um "Oscar".

Durante a guerra, Donat fez um papel biográfico em **O Jovem Mr. Pitt**, um dos primeiros filmes de Carol Reed, diretor que se tornaria famoso e Sir, alguns anos mais tarde. E fez, de novo para a Metro, um "thriller" sofisticado, em que viveu um aventureiro internacional, **As Aventuras de Tartu**. Em 1945, com Deborah Kerr despontando suavemente para o estrelato, fez uma comédia deliciosa, **Longe dos Olhos** (*Perfect Strangers*), ainda para a Metro inglesa. De 1947 em diante, tornando-se cada vez mais freqüentes as suas crises de asma, Robert Donat não pôde fazer muitos filmes. E dois deles — **The Cure for Love** e **The Magic Box**, este sobre os primórdios do cinema, homenageando a figura do pioneiro Friese-Greene — não foram exibidos no Brasil, onde vimos, entretanto, o excelente filme que o ator fez para o diretor Anthony Asquith, **The Winslow Boy**.

Ultimamente, Robert Donat, tendo melhorado a sua saúde, aceitou um papel ao lado de Ingrid Bergman e Curd Juergens, numa fita dirigida por Mark Robson para a 20th Century-Fox, **The Inn of Sixth Happiness**. A filmagem estava no fim, quando o grande ator morreu.



HOL

Os
Mon
a "r
(“So
reção
Curt
depo
Emb
todos
tinha
lo un
que
mais
♦ Yv
— e
“Tim
neur
Small
Bryn
tão f
diret
Journ
rá.
pape
no e
em q
do n
comp
Trev
te G
cialis
lywo
bert,
no) l
filme
Root
Selzn
ca.

For
ral r
retor
de
que f
sider
(“Co
sider
(“Di
Joaq
balh
nal”,
zeiro
Inter
Azer
sa”)
bo”)
tows
Educ
(“O

DE TÔDA A PARTE

HOLLYWOOD

Os companheiros de Marilyn Monroe, no filme que marcará a "rentrée" da grande estrela ("Some Like it Hot") sob a direção de Billy Wilder, são Tony Curtis e Jack Lemmon. Tony, depois de sua atuação em "A Embriaguez do Sucesso", levou todos os críticos do mundo, que tinham motivos para considerá-lo um canastrão, a uma revisão que já situa o ator entre os mais talentosos de Hollywood. ♦ Yvonne De Carlo é a heroína — e Victor Mature o herói — de "Timbuktu", que Jacques Tourneur está dirigindo para Edward Small (United Artists). ♦ Yul Brynner e Deborah Kerr já estão filmando em Viena, com o diretor Anatole Litvak, "The Journey", que a Metro distribuirá. ♦ Rosalind Russell tem o papel-título e é o maior nome no elenco de "Auntie Mamie", em que ela repete o papel criado na Broadway, agora com a companhia de Forrest Tucker. ♦ Trevor Howard, inglês, e Juliette Greco, francesa e ex-existencialista, estão com dois de Hollywood, Errol Flynn e Eddie Albert, e o austríaco (e houstoniano) Friedrich Ledebur, no novo filme de John Huston, "The Roots of Heaven", produção de Selznick em filmagem na África.

INGLATERRA

Sylvia Sims, Herbert Lom e Ronald Howard (filho e sócia do falecido Leslie Howard) são os intérpretes centrais de "No Trees in the Street". ♦ Dois atores de Hollywood, como é costume da Warwick (empresa anglo-americana), chefiam o elenco de "The Man Inside", do diretor John Gilling. São eles: Jack Palance e a sueca (e efervescente) Anita Ekberg. Os ingleses são representados pelo competente Nigel Patrick e pelo "americanizado" Bonar Colleano. ♦ Jeannie Carson e Donald Sinden, os heróis de "Rockets Galore" — produção Ealing que a dupla Basil Dearden-Michael Relph está terminando nas Hébridais.

FRANÇA

Jean Marais e Danièle Delorme, em "A Son Secret", de Claude Boissol. Edith Piaf e Michel Auclair, em "Les Amants de Demain", de Marcel Blistène. Jeanne Moreau e Gérard Oury, em "Le Dos Au Mur", de Eduardo Molinaro. Dany Robin e Fernand Gravey, em "L'École des Cocottes", da diretora Jacqueline Audry. E Brigitte Bardot — sempre ela — com sua juventude (e seu sensualismo) entre Jean Gabin e Edwige Fenech, de Claude Autant-Lara.

Cronistas de cinema: eleições

Foi eleita, em Assembléia Geral realizada na ABI, a nova diretoria da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos, que ficou assim constituída: Presidente, Antônio Moniz Vianna ("Correio da Manhã"); vice-presidente: Décio Vieira Ottoni ("Diário Carioca", "Manchete"); Joaquim Menezes ("Diário Trabalhista"), Pedro Lima ("O Jornal", "Diário da Noite", "O Cruzeiro"), Jorge Ileri ("Cruzeiro Internacional"); Secretários: Ely Azeredo ("Tribuna da Imprensa") e Octávio Bonfim ("O Globo"); Tesoureiros: Alberto Shatowsky ("Rádio Ministério da Educação") e Cláudio Fornari ("O Dia").

O Conselho Deliberativo, com José Sanz ("Jornal do Comércio") na presidência, ficou integrado por Celestino Silveira ("Rádio e TV Tupi"), Zenaide Andréa ("Cinelândia"), Salvyano Cavalcanti de Paiva ("O Nacional"), Geraldo de Queiroz ("Jornal do Brasil"), Luiz Alípio de Barros ("Última Hora"), Montenegro Bentes ("Tribuna do Povo"), Van Jafa, Alex Viany ("Shopping News") e Júlio Moreira (ABI).

E o Conselho Fiscal: Hugo Barcelos ("Diário de Notícias"), presidente; José Lino Grunewald ("Jornal de Letras") e George Gurjan ("Aonde Vamos").



INSTITUTO BIOLOGICO
DO RIO DE JANEIRO, LTDA.

Caixa Postal nº 1.202

APRENDA

A DANÇAR

CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias,
pelo moderno método do
Prof. Gino Fornaciari, autor
do livro "Como Aprender a
Dançar", já em 9ª Edição,
melhorada, contendo 140 grá-
ficos, que permite a V. S.
aprender em seu domicílio,
sem professor. Faça seu pe-
dido, pelo Reembolso, à Cai-
xa Postal, 649 — São Paulo,
Cr\$ 120,00. — Encontra-se
também à venda em todas as
livrarias do Rio e de São
Paulo. O Prof. Gino Fornaciari
mantém um curso espe-
cializado de Aulas Particula-
res, diariamente, das 9 hs.
às 22 hs. à Avenida Liberdade,
120 — 2º andar — conj.
8 — São Paulo.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1 ou quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON nº 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BEL-HORMON»
Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Por Vale Postal Cr\$ 150,00

LEIAM

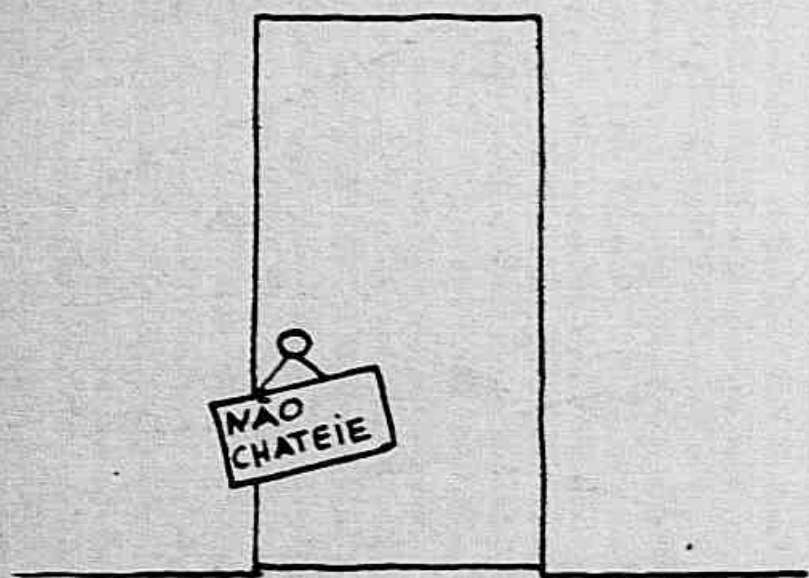
EU SEI TUDO

Cr\$ 15,00

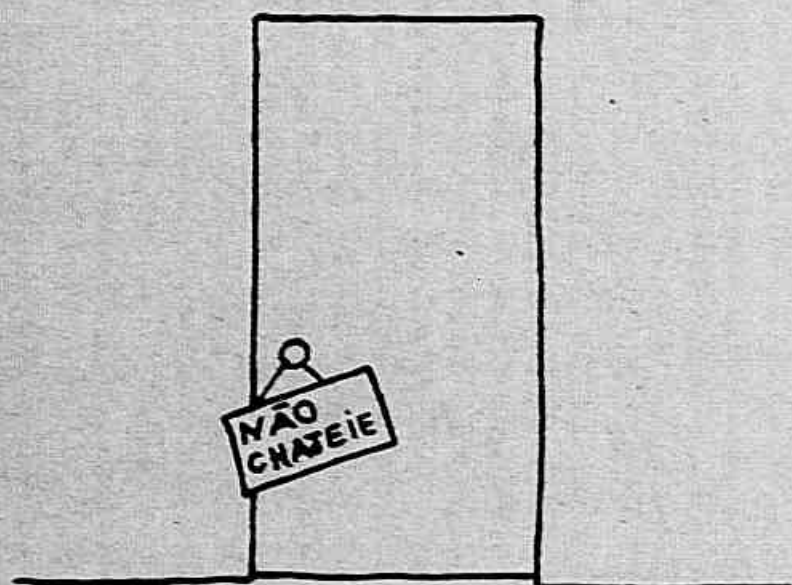
INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA

ANTI
INFECTUOSA
I.B.M.

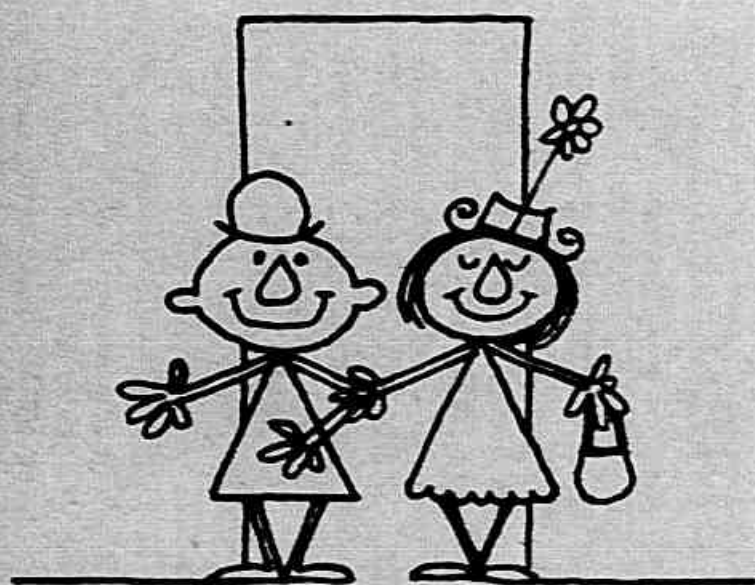
VACCINA ANTI-PYOGENA POLYVALENTE
SERIE UNICA DUAS DOSES
Aprov. m. 731 13-3-1923



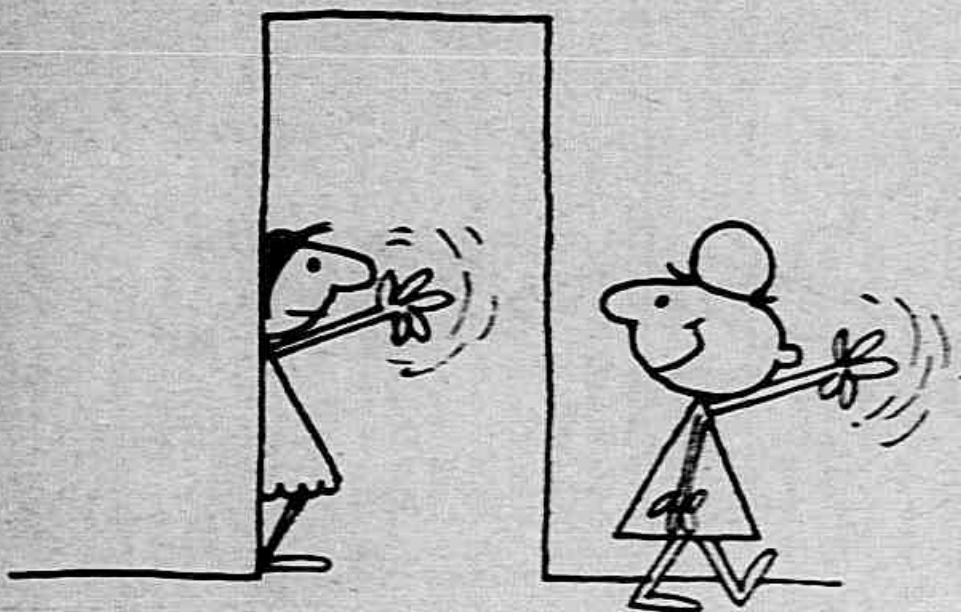
2.^a-FEIRA



3.^a-FEIRA



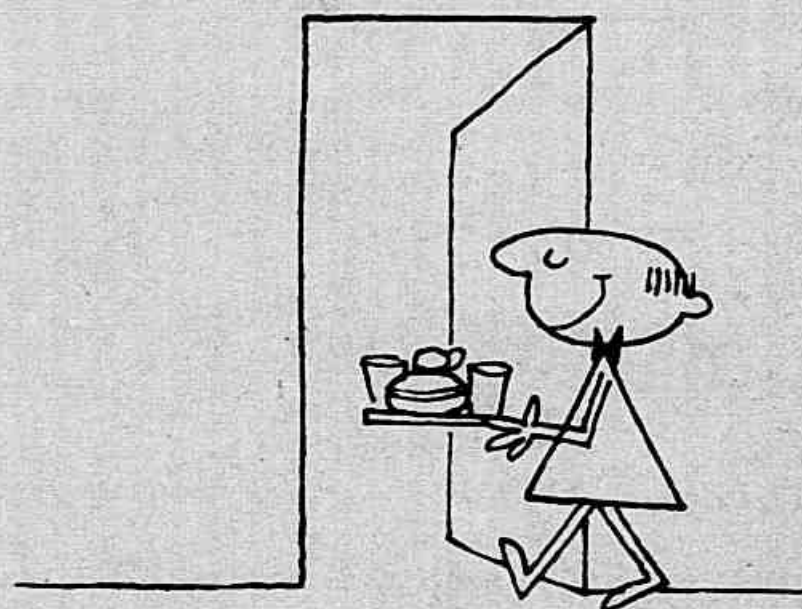
5.^a-FEIRA



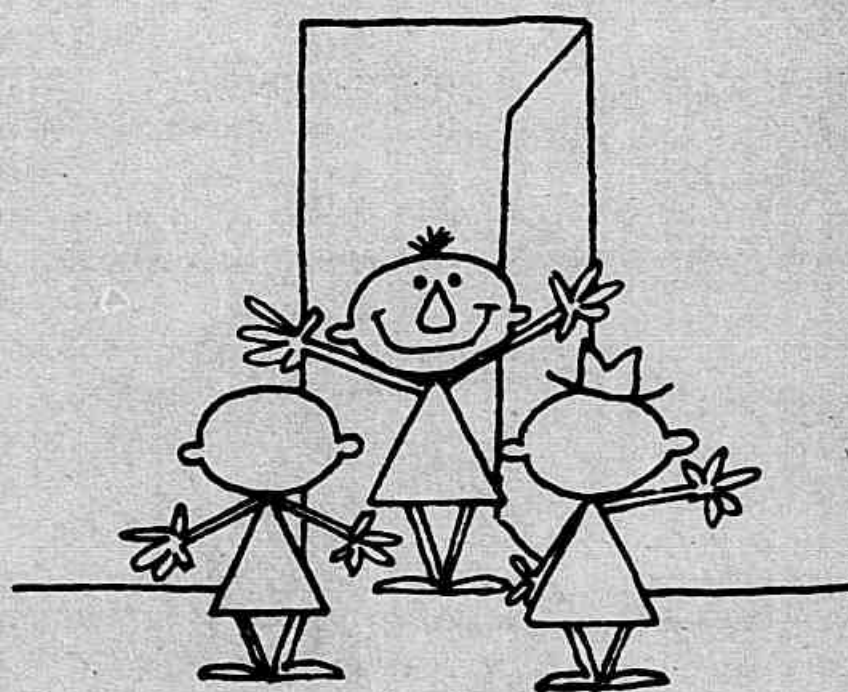
SÁBADO

UMA Semana DE CASAMENTO

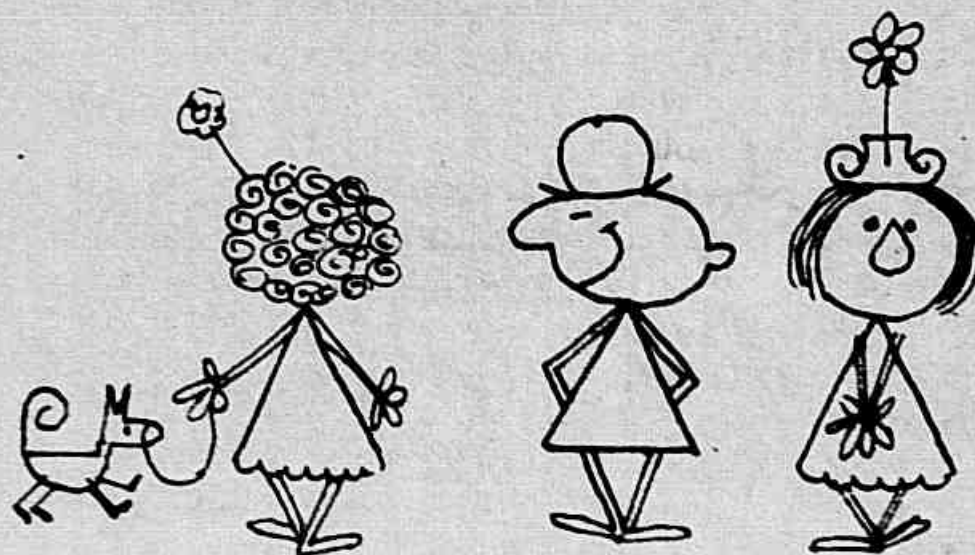
AMBROZIO



4.^a-FEIRA



6.^a-FEIRA



DOMINGO

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES



J. Kubitschek.



J. F. Dulles.

PANORAMA

PELAS VIAS NORMAIS, como prevíamos, os americanos responderam à carta do Presidente Juscelino Kubitschek. Para não deixar mal o Brasil (o Sr. Victor Nunes Leal não foi admitido à Casa Branca) um subsecretário de Estado assistente foi remetido ao Rio com resposta amável e inexpressiva do Presidente Eisenhower. Não envolve nenhum compromisso. Apenas oferece a possibilidade de uma audiência, através do Sr. Rubbotom. Agora, é tratar de ganhar tempo. O Sr. John Foster Dulles é um homem de convicções muito firmes. Modificar de uma hora para outra a política na América Latina não é manobra que se possa esperar do Secretário de Estado dos EE. UU. Os interesses econômicos que estão por trás de toda política, notadamente no caso dos Estados Unidos, também não deixarão de existir pelo simples fato de que é preciso impedir a criação de um clima de suspicácias e desordens "abaixo do Rio Grande".

OS INTERESSES ECONÔMICOS NORTE-AMERICANOS não coincidem agora, com os da América Latina. A realidade mostra que o baixo preço das matérias primas, a desorganização do mercado de café, a redução das compras dos minérios constituem, neste momento, a política natural para os Estados Unidos. Como qualquer outro consumidor, o norte-americano quer o melhor pelo menor preço. E quando não pode comprar a um preço determinado, por que o acha caro ou porque entende que não tem dinheiro suficiente para pagá-lo, não compra, retrai-se. Este é o quadro normal. Imagine-se o mesmo quadro agravado com a recessão econômica interna e com a movimentação de produtores, internos, de mercadorias iguais às de procedência latino-americana. Vamos, portanto, refletir com calma e não enxergar miragens de soluções maravilhosas. O mais que se pode conseguir é um ajustamento de interesses. É preciso pensar também até onde o governo americano, com eleições à porta, pode controlar os movimentos dos seus cidadãos com interesses econômicos no intercâmbio continental. Não é tão fácil assim, não é tão simplista a solução de obter quotas fixas de aquisição de nossos produtos básicos.

CAEM AGORA EM AGUA MORNA OS ENTENDIMENTOS. Será feita uma "revisão" da política dos Estados Unidos com as nações do hemisfério. O tempo correrá até agosto, quando deverá vir ao Brasil o pontífice do Departamento de Estado, em pessoa, para re-cortar o último figurino com que pretendemos comparecer a



O sr. Bias Fortes e "seus" governadores.

Washington. O Itamarati colocará a sua pequena, esforçada e não definitivamente organizada equipe da Divisão Econômica em ainda maior atividade, o Conselho de Desenvolvimento e o Banco Nacional de Desenvolvimento entrarão em cena com redobrado vigor. Depois de tudo, será conseguido... um empréstimo. Empréstimo que será considerado de salvação nacional.

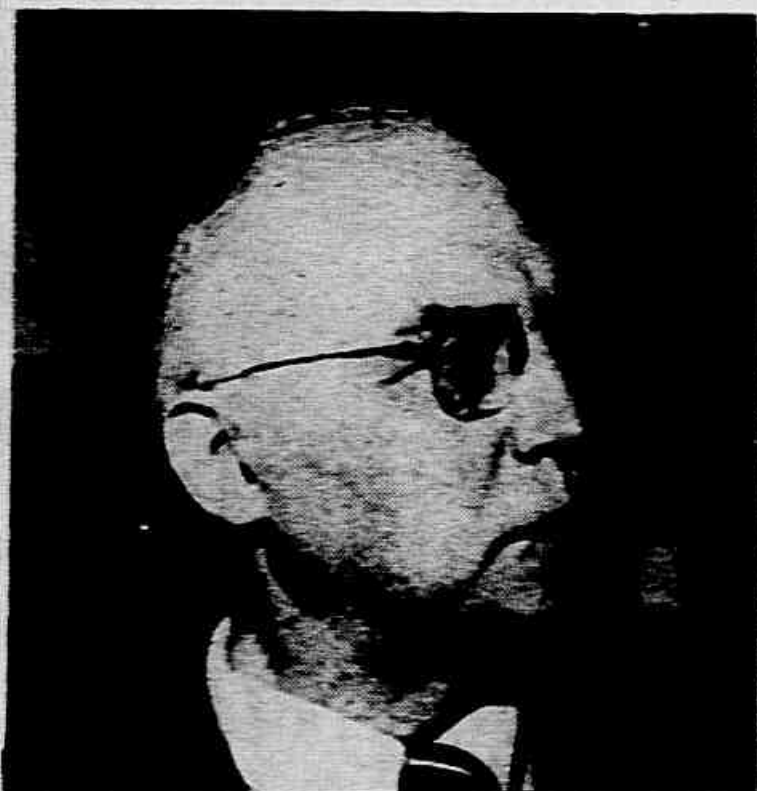
O GOVERNO RECUPERARA ALENTO com essa doce e entorpecedora injeção de dólares. Os homens de braço de ouro, que jogam o "pocker" da política financeira nacional se considerarão vitoriosos. E como não existem medidas efetivas para aumentar o valor da produção brasileira e o empréstimo é uma simples medida de jôgo, em pouco estará esgotado o efeito do calmante. Depois, o Governo não terá mais o que negociar e não terá como obter dinheiro. Então... Estará tão aviltado o preço do Brasil, que pode ser passado adiante por dez réis de mel coado.

EIS PORQUE O SR. JOSÉ MARIA ALKMIM ENCRUOU NO MINISTÉRIO DA FAZENDA. Já agora, o Governo está debaixo da atmosfera deixada pelos euforizantes de entendimentos financeiros auspiciosos com os Estados Unidos. O Sr. José Alkmim está parado à espera dos acontecimentos. Sua política está condenada, mas é preciso salvar a face. Se os Estados Unidos não se dispõem a negociar, de fato, conosco, enquanto ele permanecer no Ministério da Fazenda, os dias em que fôr ficando servirão de elemento de barganha. Não justificarão uma nova viagem do Sr. Victor Nunes Leal. Mas servem.

O GOVERNADOR JÂNIO QUADROS É QUE NÃO ESTA PELOS AUTOS. Perdeu a paciência com o Ministério da Fazenda e com a imobilidade do Ministro diante do agravamento da crise cafeeira e cambial. Tentou reunir os governadores dos Estados interessados em São Paulo, "pois ali estão os maiores patrimônios do setor e ali se encontram os técnicos que entendem do assunto e acham inteiramente inútil vir discutir no Rio de Janeiro", segundo disse.

A REUNIÃO FOI IMPEDIDA mediante pronta articulação dos Srs. Juscelino Kubitschek, José Maria Alkmim e Bias Fortes com os governadores. O Sr. Jânio Quadros chegou a mandar formar batalhões para honras militares especiais e os colegas, como o Sr. Moisés Lupion, que haviam telefonado na véspera assegurando o comparecimento, não compareceram a São Paulo. Uma única andorinha, não chegando para fazer verão, o Sr. Ponce de Arruda, de Mato Grosso, arribou ao Palácio do coestaduano e com ele almoçou o banquete destinado aos faltosos. O Sr. Jânio Quadros estertorou. Chegou a falar em rebelião dos sacrificados pela política econômica do Governo federal.

Mas nada acontece. Macunaíma é imperturbável. O espírito do herói sem nenhum caráter paira tranqüilo sobre os agitadores céus brasileiros de 1958.



Odilon Braga.

LIQUIDAÇÃO DO PSD

O primeiro governante verdadeiramente pessedista que chegou à Presidência da República foi o Sr. Juscelino Kubitschek.

Mas apesar de encontrar-se no Poder caberá ao sr. Juscelino Kubitschek assistir e participar da liquidação do PSD. Este sofre o processo de revisão atravessado pelos grandes partidos centristas do Brasil, desgaste a que procura fugir desesperadamente a UDN. O PSD sofre também o desgaste do Poder, doce desgaste que todo Partido quer sofrer, mas que está embalando e gastando demais o PSD.

A liquidação do PSD como grande partido centrista se dá através de dois processos: a dinâmica do PTB insaciável, crescendo a todo momento, organizado para exigir o que o PSD mal sabe pedir, mais a dinâmica dos demais partidos, ansiosos por sobreviver e impor-se; a incapacidade do PSD para responder às necessidades políticas da moda.

A última novidade que apareceu no PSD, como esforço derradeiro de recauchutagem, foi a "bossa nova" da Ala Moça. Logo os bolores da Ala Velha pesaram no corpo do pesado partido e, depois de dois anos de escaramuças, a Ala Moça está desempregada. Perdeu a liderança da Maioria e não consegue sustentar o Sr. José Maria Alkmim no Ministério da Fazenda.

Ao mesmo tempo: na Bahia, o Sr. Tarsilo Vieira de Melo não consegue levar adiante a sua candidatura à sucessão do Sr. Antônio Balbino; em São Paulo, o Sr. Ulisses Guimarães não conseguiu ir além da esperança de ser candidato aos Campos Eliseos. No Estado do Rio (já não se trata de "moços") o PSD fluminense, dirigido pelo próprio presidente nacional do PSD, não pôde apresentar a candidatura Amaral Peixoto; teve de recuar para um nome menos conhecido, que se apresenta, desde já, como candidatura de menor possibilidade. Em Estados onde o PSD (mesmo não ortodoxo) ainda domina, como no Rio Grande do Sul, a eleição para governador deverá ser resolvida em favor do PTB. O PTB fará a maior bancada no Senado Federal e o PSP caminha para tomar as Prefeituras mais importantes. Que restará ao PSD? Quando muito, o controle, do Estado de Minas, se o desgaste não prosseguir na marcha em que vai. Caminha o PSD para ser um partido regional mineiro. Uma espécie de PRM dos velhos tempos, "ominosos e carcomidos."

FIGURAS, ENSAIOS E FUNÇÕES

Os velhos combatentes estão partindo silenciosamente. De repente, pela madrugada ou com as primeiras horas do dia chega a notícia da morte. Assim foi Rafael Correia de Oliveira, que adormeceu para sempre cheio de inquietos programas para o dia seguinte. Assim foram Odilon Braga e Eustáquio Duarte. Retiraram-se da cena. Com melancolia, o espetáculo continua.

O Deputado Carlos Lacerda não quer conversa com o PTB porque acha que o

Sr. João Goulart é o verdadeiro perigo que o seu partido (UDN) e as convicções que representa têm de enfrentar.

O coronel José Alberto Bittencourt atravessou a semana com mais calma. Promete, entretanto, duas novas cartas, "arrasando" com pessoas na situação vigente que, no entender do ardoroso coronel, estão negociando de todos os modos os interesses nacionais e por isso lhe dificultaram a ação nos Correios e Telégra-

fos. O coronel saiu do DCT mas criou amor à função da casa. As cartas que escreve, entretanto, são entregues em mãos.

● Como já dissemos aqui, no número anterior, a luta se transfere agora para o Conselho Nacional de Petróleo. O coronel Alexínio Bittencourt (irmão gêmeo do coronel Alberto) deixou a Secretaria do Conselho de Segurança Nacional ("onde teve a maior experiência de sua vida, conhecendo homens, órgãos e entidades") passando-a, com elogios recíprocos ao coronel Crisanto Miranda Figueiredo "coloco-me à disposição do General Nelson de Melo, que já empunhou armas pelo seu povo e não será agora, ao lado de uma digníssima esposa e de sua filha que mudará de sua tradição". O coronel Alexínio ficará somente no Conselho Nacional de Petróleo, para onde levou um esquema nacionalista.

● O novo chefe do Estado Maior das Forças Armadas é o general Edgar do Amaral, que comandava as guarnições do Rio Grande do Sul por ocasião do 11 de Novembro.

● O Sr. Bias Fortes conseguiu levar a melhor na luta pela liderança dos governadores cafeeiros, pretendida pelo Sr. Jânio Quadros. Reuniu-os na sede da Representação do Estado de Minas no Rio.

● E para terminar: O escritor Romeu de Avelar (que continua a manter as tradições de Alagoas) acha que o Sr. Negrão de Lima, nosso gentilíssimo alcaide, poderá ensinar a dançar outro passo do folclore alagoano. Mas antes deverá mostrar a sua aplicação no "Tranquiado do Jacu" e no "Topado do Chico Paizinho", este último dançado com Lacerda...



João Goulart.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

ALGUMAS RAZÕES DO FRACASSO

A ESTRUTURA ADMINISTRATIVA do Brasil está paralisada. O Ministério da Agricultura não pode trabalhar produtivamente. Para funcionar, o Ministério age por intermédio da ETA (Escritório Técnico de Agricultura, mantido pelo Ponto Quatro do governo norte-americano no Brasil). Muitas vezes, a verba do ETA não chega a 30 milhões de cruzeiros. As verbas do Ministério sobem a bilhões. A maneira de tornar produtivos esses bilhões é operar através do ETA. Quem assume função de responsabilidade no Ministério da Agricultura e quer fazer alguma coisa chega ao desespero.

Quem diz isso é Wanderbilt Duarte de Barros (agrônomo) atual diretor do Departamento Nacional da Produção Vegetal. Wanderbilt diz que não agüenta mais. Quer sair da cidade, voltar para o mato. Até o ano passado e durante muitos anos Wanderbilt foi o

diretor do Parque Nacional do Itatiaia. Antes que tal se dê, Wanderbilt vai dizer tudo isso e mais alguma coisa, numa conferência na Escola Superior de Guerra.

Wanderbilt acha que poderia ser diferente. Gente de competência não falta ao Ministério. Não obstante, é certo que desde 1940 o quadro de técnicos do Ministério não sofre alteração. Só nomeações isoladas têm sido feitas.

— E para onde vão os agrônomos formados pela Universidade Rural, Wanderbilt?

— Para as atividades particulares. Trabalhar para o Estado não interessa. Paga pouco e desestimula o profissional. Como é possível organizar produção vegetal no país?

Wanderbilt entende que o arcabouço administrativo do Ministério da Agricultura está inteiramente ultrapassado. Não funciona porque não a deixam renovar-se e adaptar-se às suas verdadeiras finalidades. Comprar sementes, por exemplo, só pode ser feito em determinado momento. Nem antes nem depois. Dotar o M.A. dos técnicos de que precisa nas condições reais exigidas pelos deveres que lhe serão atribuídos é coisa em que pouca gente pensa. Só se pensa em acusar o Ministério de incompetente e fracassado. Foi o que disse Wanderbilt ("que não leva desafôro para casa") em resposta a uma objurgatória do diretor geral do D. A. S. P.

(— O seu Ministério é um fracasso.

— É um fracasso porque há órgãos como o seu que existem para atrapalhar os outros.)

O CAFÉ NÃO EXISTE

Perguntei a Wanderbilt se o Ministério da Agricultura tinha tomado alguma atitude em face da crise do café.

— Não, disse Wanderbilt. Para o Ministério da Agricultura, o café não existe.

— Como? Não é a principal cultura vegetal do país?

— Sim, é. Mas o Instituto Brasileiro do Café entende que o café é simplesmente uma mercadoria. Que antes de ser um grão, não significa sólo, cultivo, árvore, folhas. Para o IBC, o café representa somente um problema econômico e financeiro. É algo que se vende e para o qual é preciso discutir preços. Dêsse modo, abarcando a economia cafeeira sob o seu arbítrio, para o IBC o café não é nenhum problema de cultura agrícola. Para o IBC o pé de café também não existe.



O Ministério — onde estão os técnicos.



Teresinha não sabe escrever bem a máquina e por isso prefere ser "Public Relations". Mas... quem é bonita precisa ser datilógrafa?...

PASSANDO A FAIXA à sucessora, Teresinha Morango deseja, apenas, falar com JK para pedir um emprego letra "O". Miss Brasil 1957, que faz questão de ficar residindo no Rio "porque é uma cidade muito bonita", não tem preferência quanto à repartição ou autarquia, mas por não escrever à máquina "gostaria mais de um lugar de Relações Públicas", o que ficaria muito bem no Catete. Ora se ficaria...

Um passeio aos Estados Unidos, outro ao Uruguai e dois à Europa, eis o total de viagens internacionais feita pela bela amazonense, durante todo o ano do seu reinado. Do Brasil, somente não conheceu a Paraíba e Santa Catarina "porque marcavam festas para a mesma data" e a questão é que ela era uma só para atender a todos. Mas se miss "velha" ainda tem valor, podem mandar convite que ela os irá conhecer e os outros a ela também.

Dando "Balanço Geral" em todos os setores, Miss Brasil confessa que o título lhe proporcionou dez pedidos de casamento, dois terrenos (um em Brasília e outro em Goiânia) e cinco mil dólares



Ela disse que se Miss Brasil 1958 tiver as perninhas bonitas assim, poderá ir a Long Beach de "cangaceiro estilizado" e de sainha curta...

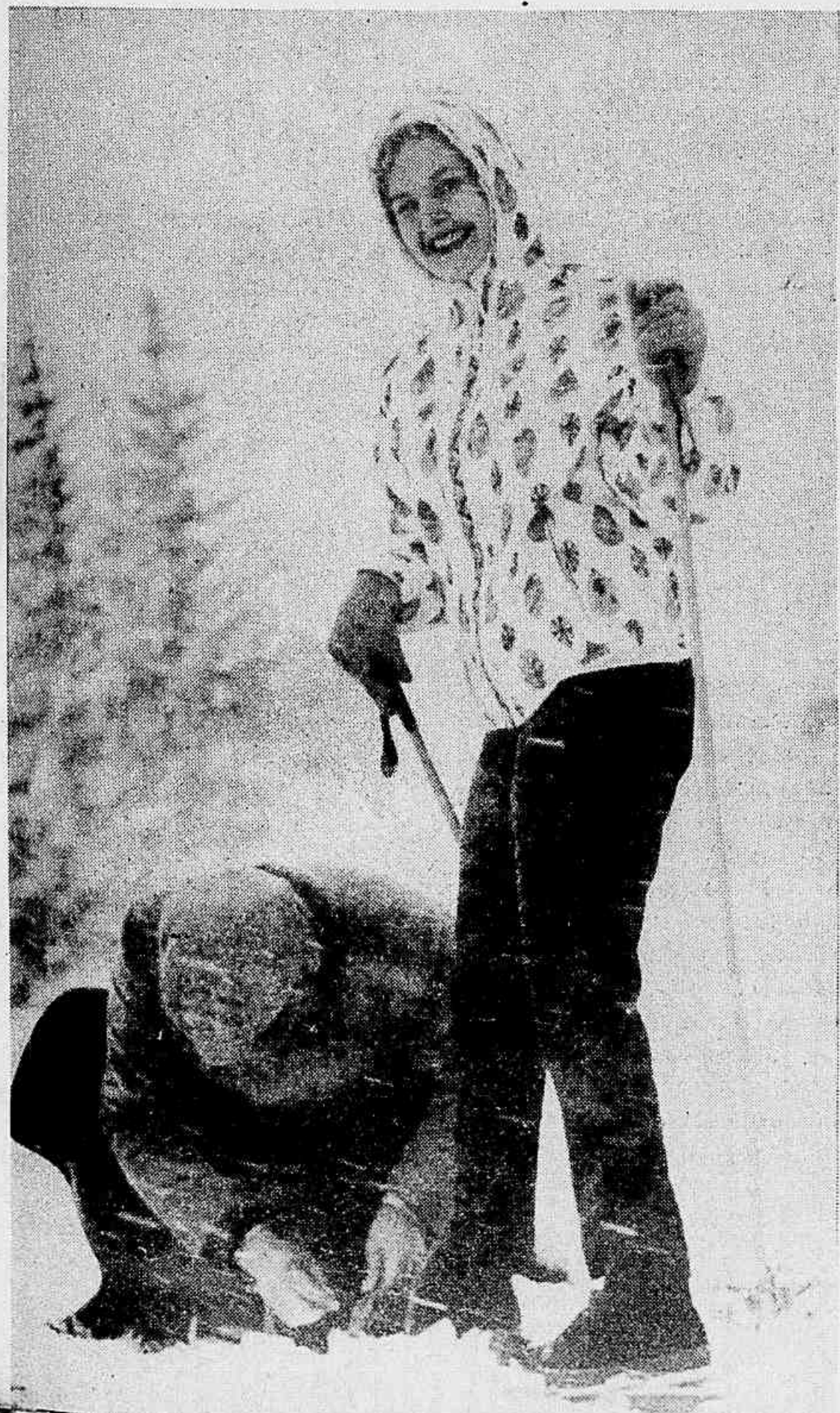
"que gastei todinhos" e que se arrepende disso agora, porque "está valendo muito mais". De dinheiro brasileiro somente viu a cota de duzentos mil cruzeiros, "porque não quis explorar o título", preferindo comparecer a festas de caridade, "sem ganhar coisa nenhuma", o que é natural, é natural. Sente-se muito feliz pois, além de tudo isso, tudo isso, recebeu jóias que "devem valer mais de um milhão", sem falar em guarda-roupa completo, que não "conta ponto" porque o seu valor é relativo e não pode, assim, ser lançado na coluna credor do Balanço.

Teresinha Morango quer dizer às moças que vão concorrer sábado, ao Concurso de Miss Brasil, que "tenham espírito esportivo, acima de tudo", devendo lembrar-se que "somente uma poderá sair vencedora".

"Na América do Norte todas ficam amigas e as que perdem beijam logo as que vencem" — faz questão de acrescentar. Também quer logo lembrar, para não esquecer depois, que "o título de Miss Brasil poderá dar muito dinheiro" mas que "é melhor fazer bem aos outros" comparecendo a festas de caridade.

MORANGO QUER SER LETRA "O"

O título proporcionou-lhe duas viagens à Europa, com neve e tudo.



Teresinha Morango, depois de entregar a faixa, quer ser "barnabé".

A quem fôr a Long Beach deseja dar conselho ainda: "seja dócil, paciente, obedeça a sua *hostess*, mas tenha bastante personalidade". Acha que brasileira em Long Beach, vestida de balana, fica muito bonita, mas que "cangaceiro estilizado fica muito melhor". Principalmente "cangaceiro estilizado de saíinha curta", chama muito a atenção e mais ainda se Miss Brasil, modelo 58, "tiver perninhas bonitas".

O repórter perguntou se ela iria assim, caso pudesse repetir a dose, ela corou, mas disse que não tinha nada de mais "porque Canadá foi assim, de Polícia Montada", sem vestir culote nenhum. Usava só saiotinho e "ninguém disse que era feio", muito ao contrário até.

Terezinha Morango frisa bem que está muito satisfeita, muito satisfeita, e que vale a pena ser Miss Brasil. Não quer falar do futuro, não tem compromisso nenhum, e quer que a levem a Long Beach, outra vez, etc., "só para espiar", "só para espiar"...

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

21, JUNHO, 1908. "Um domingo festivo, de sol radiante e encantos sem fim". No Castelo, as temperaturas oscilando entre 18°4 e 23°2.

Na véspera, dera o coelho na cabeça, com 738. E já a Loteria acenava com os três grandes prêmios de São João, dois de 100 contos e um de 200 contos, a serem corridos nos dias 23 e 24, os felizardos podendo habilitar-se aos três por meio do bilhete inteiro de 7 mil e 900 réis ou dos gasparinos de décimos, a 800 réis. Enquanto a gente do turfe era convidada a mais um programa no Prado do Derby Clube, onde iam ser ganhadores Joubert, Resedá, Livorno, Republicano, Miruca, Premier Diamond e Moltke, este, no páreo principal, denominado Doutor Frontin, corridos os 1700 metros em 111", 1/5 e o prêmio sendo de 1 conto e 200 mil réis. Ao fim da tarde, as apostas somavam quase 90 contos.

* * *

Estêve de serviço o 1.º Delegado Auxiliar. E cinco teatros ofereceram espetáculos: o São Pedro de Alcântara, com "La dote", "a pedido geral e pela última vez, esta vitoriosa comédia do ilustre dramaturgo patricio Artur de Azevedo, em versão para o italiano de Emilio Ginuti"; o Recreio, com "As tangerinas mágicas", tendo "400 personagens e 1.500 fatos de fantasias", pela Companhia Taveira, na temporada Palmira Bastos; o Apolo, com "Festas de Santo Antônio em Lisboa", onde se mostravam o mangerico, o balancê, o fado de Coimbra e o maxixe, e o ator José Ricardo tinha ocasião de brilhar, principalmente no quadro "Irei aos céus"; o Carlos Gomes, com "A dama misteriosa", pela Companhia Dramática Portuguesa; e o Palace Teatro, nas últimas representações do famoso imitador Mr. R. Bertin, "a mulher mais linda, mais graciosa e mais chique", a preços populares: cadeiras de 1.ª a 3 mil réis, idem de 2.ª e varandas, a 2 mil réis.

* * *

De Santos, era esperado o paquete Belgrano, que ia tomar o rumo de Bahia, Madeira, Lisboa, Leixões, Rotterdam e Hamburgo, a passagem de terceira (até Leixões) custando 105 mil réis. Incluindo o imposto do governo e o vinho de mesa.

* * *

Diziam-se maravilhas da cura da tuberculose, pelo doutor Nascimento Pereira: "Seu específico tem sido empregado com grande sucesso pelos professores Roure e Carlos Tavares, das escolas médicas de Paris e Lisboa". Com a vantagem: "Os operários pagarão de acordo com os seus recursos". E na Piedade, rua da Capela, 37, alugava-se, por 180 mil réis mensais, "uma grande casa nova, com bonita varanda de frente, duas sacadas, salão de visitas, três quartos grandes, um pequeno salão de jantar pintado à paisagem com 8 caixilhos de vidro de côr, mais copa, tudo no pavimento superior, porão-habitável, com sala, três quartos grandes, cozinha, banheiro, gas e terreno aos fundos, de 23 metros por 60".

* * *

Também se acrescentava: "É preciso que se diga que no Brasil existem juizes venais, corruptos, escandalosamente imorais no exercício de suas funções, que deveriam ser desempenhadas com toda a seriedade de distribuidores da Justiça".

* * *

Assim, há 50 anos...

POIS NESTE domingo, 21 de junho de 1908, a REVISTA DA SEMANA saía com o seu número 243, ao preço de 300 réis: "a única publicação no gênero, no Brasil, trazendo, além de larga cópia de gravuras pelos mais adiantados processos conhecidos, texto variado em literatura, ciências e artes". Redação: rua Gonçalves Dias, 54.

De início, prestavam-se as merecidas homenagens à passagem do 11 de junho: "Como nos anos anteriores, a data comemorativa da batalha do Riachuelo foi brilhantemente comemorada pela nossa Marinha de Guerra", tendo havido formatura de todas as forças com um efetivo de 4.500 homens, sob o comando do contra-almirante Alves Câmara, aos quais o sr. Presidente da República passou revista, acompanhado pelo Ministro da Marinha.

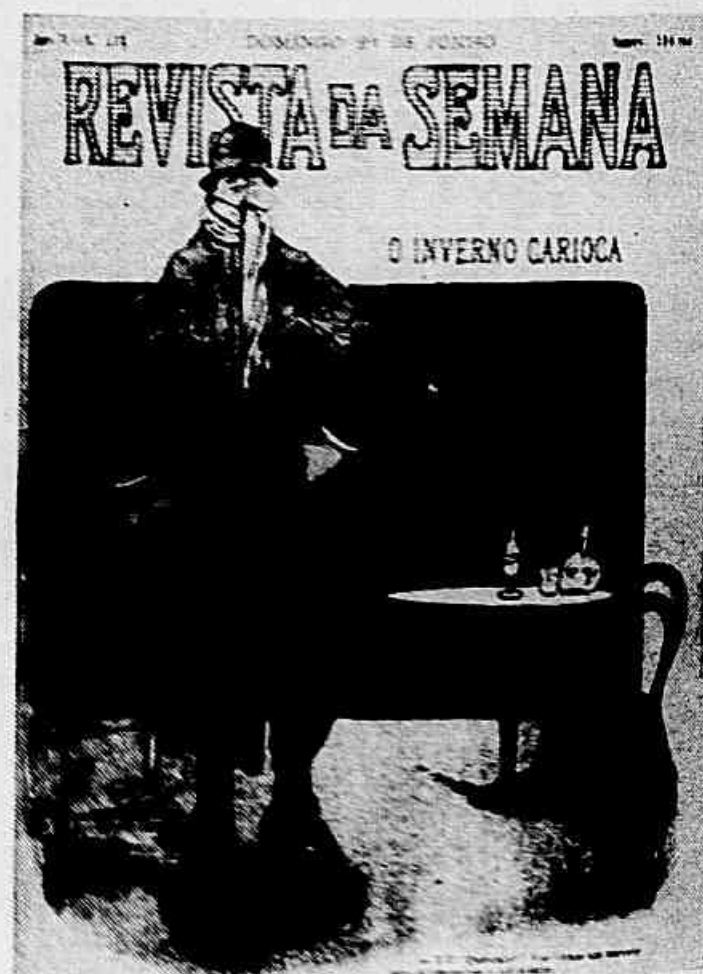
Já se falava em "ar condicionado": "De certo chegará um dia em que, como acontece agora com a água, o gaz e a eletricidade, se distribuirá o calor pelos domicílios. Deu-se já um passo neste sentido, sob a forma da distribuição do frio. Segundo o Boletim da câmara de comércio francesa de Nova York, essa interessante inovação acaba de ser realizada em Kansas, onde, por assinatura, se oferece o elemento frigorífico nas casas particulares. Canalizações, que partem de uma oficina especial, conduzem a recipientes fixos nas paredes ou nos tetos o frio necessário à conservação de determinadas substâncias. Os principais assinantes são magarefes, floristas, vendedores de ovos, manteiga, legumes e frutos, mais hotéis, restaurantes e leiterias. É de crer que a iniciativa en-

contre imitadores, devendo ser agradável, nos grandes calores do verão, ter-se simplesmente de fazer funcionar uma torneira ou um comutador para obter uma temperatura fresca".

E falava-se da barba do Kaiser, segundo uma informação colhida em Berlim: "Não chegou ainda ao conhecimento do público que o Imperador adotou recentemente um novo corte de barba, que lhe modifica sensivelmente a expressão do rosto. De há muito, o monarca usava bigodes levantados de cada lado do nariz, em pontas verticais, cuja forma era conhecida do mundo inteiro. Tinha suscitado inúmeros imitadores, não só na Alemanha, como no estrangeiro; em todos os lugares, vendia-se uma espécie de mola destinada a dar aos bigodes a curva imperial, que, à maneira prussiana, se tornara clássica como a cabeleira à Luiz XIV ou a barba à Henrique III. As caricaturas inglesas e francesas nunca deixaram de figurar o imperador por três pontas paralelas, as do bigode e a do capacete, alongando-se para o céu, como pára-raios. Pois agora, Guilherme deu um ar mais modesto aos bigodes: torce-os em curvas harmoniosas, cujas extremidades se erguem levemente. E isso tudo, ao que se diz, porque um irreverente cigarro consumiu uma parte do bigode da esquerda, levando à necessidade da transformação, que, aliás, muito suavizou a fisionomia do monarca.

* * *

Lembravam-se os festejos de Santo Antônio, que se haviam prolongado pelo domingo passado, através do "espoucar do foguetório e outras manifestações atordoantes e festivas com que se regalam a meninada e as moçoilas da terra". Lembrava-se a demissão de Zeballos, "com o valor completo de uma vitória pacífica em benefício das relações amistosas da América Latina". E lembrava-se um crime escabroso, na rua Guanabara: "A cidade nada mais tem a invejar à Europa em matéria de fatos sensacionais que já se vão tornando freqüentes, desoladoramente freqüentes, exigindo um policiamento eficaz e garantidor da segurança pessoal dos habitantes".





FIGURAS E FATOS

Tudo faz pensar que, ao resolver a filmagem de "Cherchez la femme", o produtor Pierre Mondy jamais imaginasse que ia realmente encontrar a mulher dos seus sonhos nesta belezoca que é Pascale Roberts. Apaixonaram-se depressa, mas tiveram que retardar o casório, que somente agora se verificou. Por causa da crise... de moradia em Paris!...

O HOMEM QUE FALAVA DORMINDO

A PRINCÍPIO nem ligou. Achou graça e calou, condescendente, como a mãe que surpreende um filho traquinas em flagrante, furtando doce de leite ou biscoito. Ele jamais tocara no assunto, nem de brincadeira, mas ela fôra bem informada de quanta noite mal dormida e quanto batebôca malcriado aquela paixão rápida e desordenada provocara: um amor quase apache, personalíssimo, cujo desenlace enviara cada qual para o seu noivado e seu altar. Quando o pilhou em traição inconsciente pela segunda vez, continuou sorrindo, mas já aí de curiosidade em prontidão, disposta a inventariar o montante dessas aventuras na embriaguez do sono.

E madame passou a dar serviço de madrugada, vigiando o roncar tumultuado de seu digno espôso, à espera de novos murmúrios sofridos e novas revelações comprometedoras. Breve, alarmou-se, verificando de descoberta em descoberta quão assíduas eram as entrevistas com a outra, de que carinhos e confidências cercavam-se os diálogos mantidos pelo marido. O pior é que simultaneamente descobria um homem diferente, capaz de arroubos e requintes que ela sempre julgara simples blague, mero recurso para ilustrar conversinhas saudosistas de salão. À medida que sua estatística se fazia mais completa e que toda a extensão da traição inédita se delineava, madame sentia-se mais e mais frustrada, enganada de maneira maquiavélica. Afinal de contas aquilo era o adultério à

domicílio, no próprio leito conjugal, na calada da noite, sob os auspícios de Morfeu e debaixo de um sórdido amparo legal.

O escândalo estourou num desses dias de mau humor doméstico, onde nem sempre são ditas as coisas mais apropriadas, no tom mais conveniente. Ele, naturalmente, protestou com veemência e irritação, taxando as acusações de ridículas, infantis e absurdas. Com demasiada veemência e irritação, pois na consciência lhe pesavam uns quatro ou cinco sonhos realmente deliciosos, em que revivera o velho amor em harmonia de convívio jamais conhecida, detalhe que também não poderia escapar à intuição de madame, transformada em radar pela evolução dos sucessos conjugais. A prova dos nove, porém, colocou-o no caute: na fita do gravador fôra registrada, pela sua própria voz, numa gama aveludada que ia do súplice ao açucarado, a reedição do romance que a vida tornara impossível e que o sono em má hora reabilitara.

Vencidas as primeiras escaramuças, ele e ela estudaram o problema com bom-senso e compreensão. Afinal de contas, até o momento da fatal descoberta noturna a união marchara excepcionalmente bem, sem rugas de maior importância. A rival que inesperadamente ressurgia não constituía ameaça alguma: morava em São Paulo, tinha dois filhos, vivia feliz com o marido e, principalmente, engordara estupidamente, conforme provou documentação fotográfica arrebanhada para tranquilizar madame. Faltava apenas o reajustamento na engrenagem daquele subconsciente teimoso, que insistia em não romper com o passado. O casal, de comum acôrdo, trocou o desquite iminente pelos serviços de um psicanalista.

Três meses são passados e a coisa ainda não melhorou. Ele já sugeriu tudo: férias conjugais, quartos separados, algodão no ouvido, soporíferos, e até o sacrifício de dormir amordaçado. Ela se mantém irreduzível. Está magérrima, de tanto fiscalizar a traição que não consegue deter. Abatida, olheiras fundas, às portas do desespero, apresentou esta semana o seu ultimato ao psicanalista:

— "Doutor: pelo amor de Deus me dê um jeito nisso! Eu já me conformo com tudo. Se ele insiste em sonhar com aquela mulher ao invés de sonhar comigo, que ao menos faça as safadezas discretamente. Ou este homem começa a sonhar calado ou qualquer dia eu mato esta mulher!"

Vamos torcer para que a psicanálise salve este marido prestes a virar notícia, condenado a morrer durante um sonho gostoso, com um tiro na bôca...

FALSA MALANDRAGEM

A FALSA malandragem desembarcou na Suécia, tão logo a brasileira desentulhou suas malas e baús. Falsa malandragem que não se dá absolutamente bem com o clima frio, branco, imparcial e ortodoxo daquelas bandas. Não admira, portanto, que os vexames já estejam sendo objeto de comentário internacional, com repercussão pelo noticiário telegráfico. Como aquele lance do mascarado e fiteiro Mazzola contra a Inglaterra, quando se lançou ao chão, teatralmente, esmurrando a grama e fazendo caretas, agonizantezinho da silva. A torcida sueca penalizou-se sobremaneira com o espetáculo, preocupada com a sorte do jogador tão gravemente lesionado. Dois minutos depois, mal se pusera de pé, amparado pelo médico e massagista da seleção brasileira, o farçante engrena uma carreira desabalada, toma a bola de um inglês atônito e quase encesta a pelota no arco de Macdonald. A suecada amarrou a cara e anotou o nome do falso malandro, imediatamente incluído em sua lista negra.

Muito pior, contudo, foi o caso daquele fotógrafo, que procurou um alfaiate para encomendar 40 braçadeiras iguais as que haviam sido distribuídas pelos profissionais da câmara. O alfaiate, calmamente, fabricou as braçadeiras, cobrou bom dinheiro pelo serviço e avisou as autoridades suecas do sucedido. No dia do jogo Brasil x Inglaterra o golpista passou pelo dissabor de verificar que a côr das braçadeiras fôra mudada. É inútil acrescentar que o falso malandro e seus 40 malandrinhos eram absolutamente brasileiros...

XINGUEMOS O CÂNCER



ANIBAL MACHADO

O câncer está em moda. Sua cotação como produto do pânico moderno cresce nos últimos tempos. Mais que uma esquisitice das células, é ele um estado de alma. E, hoje, para a vida orgânica do indivíduo, a principal fonte de medo.

Afastado, como parece, o perigo da guerra, agora que os homens começam a compreender o que ela significa e a quem aproveita, vai-se impondo o câncer, pelo seu mistério e ubiquidade, como o mais desconcertante inimigo da vida. O pior, porém, não é o fato de manter (a pobreza e miséria matam muito, mas se sabe porque), o pior é a maneira especial de matar, sem dar bola à ciência, a quem esconde o segredo, fugindo à perseguição dos pesquisadores. Noite e dia, os laboratórios continuam de luzes acesas. E nós, cancerosos do futuro, a esperar...

Claro que as moléstias costumam matar, e de qualquer delas se há de morrer um dia, quando não acontece algum lotação ou trem da Central vir antecipar-nos a hora fatal. Mas contra a doença, a medicina encontra meios de lutar, o que garante ao sofredor o direito à esperança. O câncer, porém, não se dá a conhecer, age em surdina, usa máscaras. E são torpes os seus processos de ataque... Quando parece afastado pela cirurgia ou pelas irradiações, finge que some, mas faz plantão no organismo, e reaparece meses ou anos depois com maior fome de carne. E então, os amigos e parentes redobram de atenções e carinho para com a vítima, tratada com o respeito devido aos que já têm a morte instalada no corpo. O doente sorri amarelo, perde quilos, empalidece. Presente a coisa e se abate. Entre nostalgias e remorsos, faz um apalhando de sua vida e acha que poderia ter sido melhor. Fora mesmo errada a sua vida, mas não há mais tempo de corrigi-la, e passá-la a limpo. Diga-me, leitor: em vez de se deixar acobruhar ou de lidar-se a si mesmo, não é preferível que o doente combata o seu câncer pelos mesmos meios com que, à base da emoção, combatemos as coisas clamorosamente injustas e odiosas — xingando?

Muito respeitamos o esforço dos homens de ciência. O fato é que, até agora, ainda não deram resposta à nossa aflição. Enquanto isso, vamos mais os mesmos morrendo de câncer (ou do medo dele.) E perdendo os nossos melhores amigos. E mais revoltosos quando o mal se requinta ao afetar no corpo humano as áreas que, pela nobreza das funções e delicadeza da forma, merecem a nossa devoção e constituem fonte de êxtase: o cérebro de um pensador, o rosto de uma mulher bela, o ventre em que nascemos...

Um garoto perguntou-me se isso dá na pedra. Respondi-lhe que até o momento, não consta que o Pão de Açúcar e o Cristo Redentor tenham sido contaminados.

O certo é que esse mal não vem apenas para destruir, vem também para zombar de nós. A prova é que não escolhe vítima, nem lugar, nem hora para o ataque (às vezes elege os tipos mais impróprios para morrer). Pois se ele tem ou parece ter esse espírito maligno, por que tratá-lo com demasiada circunspeção científica? Quem nos garante que o câncer não seja uma formação espúria de nossa psiquismo, suas células devendo também ser combatidas por uma terapêutica moral?

Ah, sim... a descoberta está quase... quase a repontar na lâmina do microscópio ou no fundo da retorta!... Possível até que saia da cabeça de algum prático de farmácia. Não. Mudemos de tática. É justamente o que venho sugerir, deslocando o problema para um plano em que ele pode não ser resolvido, mas deixará de ser desesperante.

Penso na possibilidade de fazer recuar o câncer pelo uso do palavrão. Será, assim, reduzida a sua malignidade, opondo-se-lhe uma atitude heróica análoga à do ferido que morde o cano da metralhadora, ou à do condenado que subindo à fôrca, gesticula uma figa e cospe no carrasco. É uma forma viril de protesto. Pode não curar o mal, mas cura o doente. E elimina as consequências humilhantes do mal. Ninguém pense que seja um recurso pueril. Xingar a doença é um modo de mantê-la à distância. Como quem assobia no escuro para conjurar fantasmas.

Não proponho um absurdo, nem quero fazer brincadeira. Tenho o maior respeito pelo sofrimento humano. Mas, na verdade, o câncer está enchendo! E demais. Neguemos a esse monstro o direito de consumir os melhores momentos de nossa existência, de roubar-nos os amigos e estragar-nos o gosto de viver. Insultemo-lo enquanto a ciência não resolve. Tudo para alívio moral do doente e restabelecimento de sua dignidade.

Ataquemo-lo com os palavrões mais grossos de nossa língua. Se forem insuficientes, recorramos ao rude vocabulário de xingar do vizinho dialeto espanhol. As moças de paladar sensível e educação requintada, aconselha-se o desafio simples, que é o insulto em aquarela; se o mal não regredir, que elas se disponham a abrir mão de alguns preconceitos de grã-finagem para um aprendizado de emergência com pessoas de estupidez comprovada.

Cancerosos do mundo inteiro, desmoralizei o câncer. Lançai contra ele os vossos insultos mais soezes.



Marque um encontro
com os fatos da semana
lendo o **NOVO**

mundo
ILUSTRADO

O Brasil e o Mundo
estão semanalmente presentes nas
páginas do "Mundo Ilustrado"
através o depoimento de uma grande
equipe de reporteres nacionais e
estrangeiros.

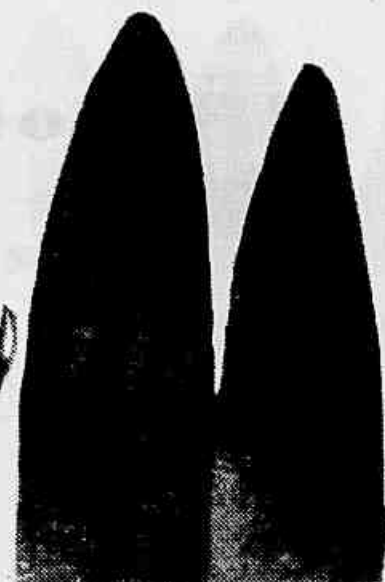
Todo impresso em rotogravura. Maravilhosas páginas em cores.

Os melhores cronistas. Colaboradores selecionados.

assim é o novo mundo ilustrado

Organização do

Diário de Notícias





**HOTEL
AMAZONAS**

**BRASÍLIA
PALACE HOTEL**